

ILUSTRAÇÃO

N.º 240—10.º ano

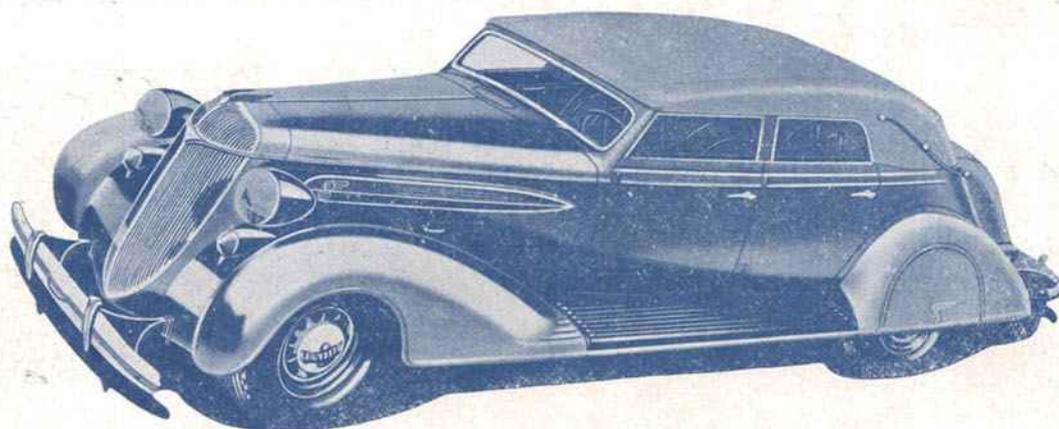


A VIRGEM, O MENINO JESUS E S. JOÃO

(Quadro de RAFAEL SANZIO)

CHRYSLER

1936



**Todos os modelos
de carroseries, sobre chassis
de 6 e 8 cilindros**

AGÊNCIA:

Sociedade Portuguesa de Automóveis, L.^{da}

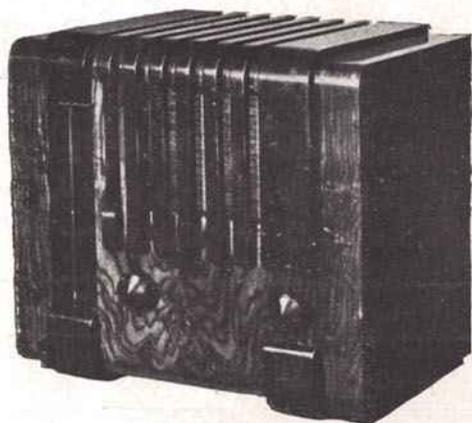
EXPOSIÇÃO:

71, Avenida da Liberdade — Telefone 2 6419

OFICINAS:

251, Rua da Escola Politecnica, 261
Telefone 4 5642

CASA AUDA K



PONTO AZUL

UM RÁDIO DA MAIS ALTA CATEGORIA, PARA OS APRECIADORES DE BOA MÚSICA

COSTA & AREZ, L.^{DA}
Avenida da Liberdade, 72-A

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



Depressões e fôdo o mal-estar físico tem uma cura simples. Dois comprimidos de Cafiaspirina restituem o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina

O PRODUTO BAYER DE CONFIANÇA



Ela luta para conservar o amor de seu marido

«Não há homem que mereça que lutemos para o conservar» — declára o uma célebre estréla de cinema. No entanto, milhares de espôsas não são deste parecer. Observam com terror os primeiros olhares de atenção que seus maridos dispensam a uma outra senhora. Mas, vêr-se-ão a um espelho, perguntando se isso não será um pouco por sua causa?

E' tudo quanto há de mais natural, para um homem, admirar uma pele clara e enveludada, um rosto fresco e juvenil. Logo que uma senhora veja formarem-se rugas e estragar-se a sua beleza, pode, fácilmente, readquirir o encanto da rapariga que atraiu'os olhares de seu marido. Aplique 'simplesmente, tôdas as noites, antes de se deitar, um pouco de Creme Tokalon, Cór de Rosa. Actua sôbre os tecidos enquanto V. Ex.^a dorme — reduz os músculos enfraquecidos do rosto, apagando as rugas e rejuvenescendo a pèle. Veja o seu rosto, de manhã, e observe: a transformação. Para o dia, aplique o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Branqueador, tónico e adstringente, suprime os poros dilatados, pontos negros



e tôdas as imperfeições do rosto. Este tratamento «combinado» de rejuvenescimento conquistou o amor de mais de um marido, numa ocasião em que tôdas as outras cousas tinham falhado. São garantidos resultados felizes, ou então, o dinheiro ser-lhe-á restituído.

O Creme Tokalon vende-se em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon - 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um novo romance de Guido da Verona

CLÉO ROBES ET MANTEAUX

Tradução de CAMPOS LIMA

Capa a côres de ALFREDO MORAIS

Original e curioso romance em que se revela mais uma faceta do brilhante espírito do perturbador e fascinante romancista italiano

FANTASIA — GRAÇA — IMPREVISTO

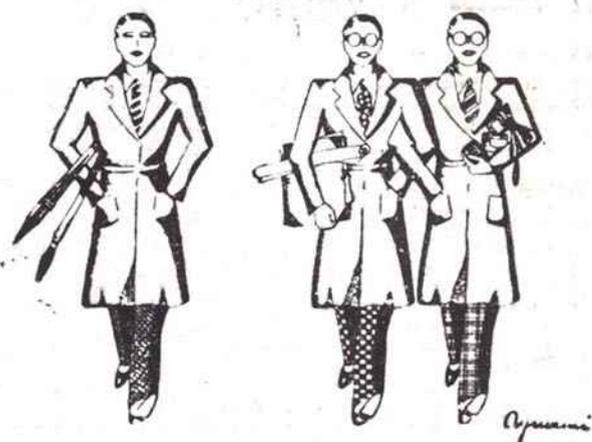
1 volume de 286 páginas Esc. 12\$50

Pelo correio, à cobrança Esc. 14\$00

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulver-
sações, etc. — — —

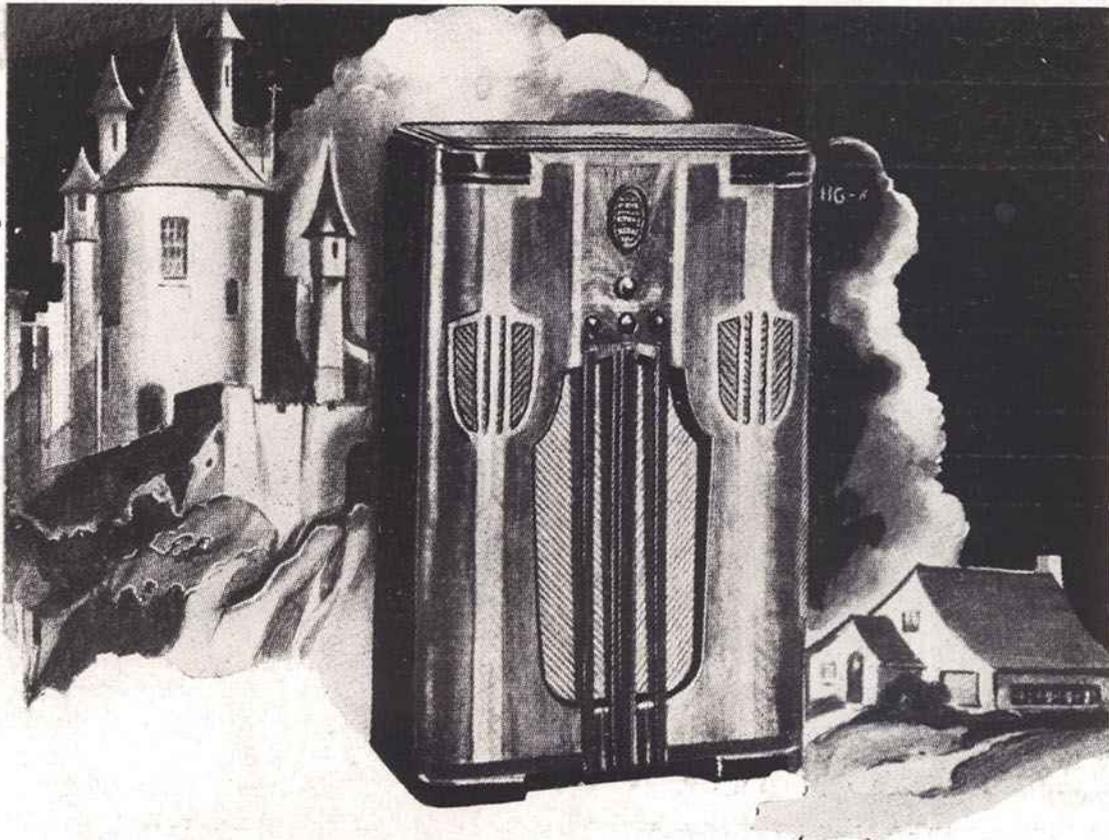
FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



*Tanto na casa do rico ...
... como na casa do pobre*

UM RECEPTOR

PHILCO

é a aspiração de tôda a gente!

O gênio dos engenheiros e artistas da casa PHILCO criou os rádio-receptores mais notáveis do ano!

— A experiência única e formidável da construção de 6 milhões de receptores pela empresa mais vasta do mundo permitiu realizar a maravilhosa série PHILCO 1936 que compreende modelos para tôdas as exigências e para tôdas as bolsas... e reunindo as características superiores de fidelidade que conquistaram a preferência mundial pela marca PHILCO!

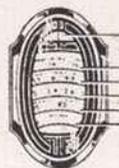
Modelo ilustrado: PHILCO 116X—Alta Fidelidade—Potência acústica de 15 watts sem deformação—Corrente alterna 110/220 volts—Ondas de 13 a 2000 metros

PHILCO RADIO & TELEVISION CORPORATION
DISTRIBUIDORES

RADIÓFILAS L.ª DA
RUA NOVA DO ALMADA, 80-2.º — LISBOA
TELEF. 26923

Novo quadrante
de precisão

PHILCO 1936



Sintonização por sombra

1. Ondas curtas de dia
2. Ondas curtas de noite
3. Amadores
4. Ondas médias
5. Ondas compridas

Cinco escalas de ondas que compreendem todos os serviços de radiodifusão.

PEÇA
O
NOSSO
CATALOGO
PHILCO
1936

Toda a Mulher

deveria ler este Anuncio

O Esgotamento de Nervos e como suporta-lo

QUANDO se sente quebrada e deprimida durante o dia — quando não póde dormir á noite — são sinais certos de que o sistema nervoso não obtem elementos nutritivos suficientes da alimentação vulgar. Uma recente investigação científica mostrou uma imediata utilidade no equilibrio nervoso acrescentando á dieta ordinaria um alimento restaurador dos nervos numa forma correcta.

Estas investigações, dirigidas por um celebre cientifico, provaram o notavel valor da Ovomaltine para restabelecer o sistema nervoso. Assim, quando a Ovomaltine foi dada uma só vez ao dia, o nervosismo diminuiu em cerca de 30% em duas semanas. Nalguns casos a baixa do nervosismo foi de 18% numa só semana.

Há razões bem claras para provar a supremacia da Ovomaltine como restaurador dos nervos. Ela é cientificamente preparada, por um processo exclusivo, das melhores qualidades de malte, leite e ovos. Os ovos frescos são empregados com grande liberalidade na Ovomaltine, devido á sua riqueza em losforo orgânico, tão essencial para alimentação dos nervos.

Fazendo-se da deliciosa Ovomaltine a bebida regular diaria, pode-se estar certo de que a alimentação é completa em elementos nutritivos, requeridos para manter a saude e o equilibrio do sistema nervoso. Como bebida nocturna, tambem a Ovomaltine não tem igual, pois que produz um sono tranquilo e reparador.

Ovomaltine não contem assucar vulgar para diminuir o preço em prejuizo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contem chocolate ou uma grande percentagem de cacau.

Por todas estas razões a Ovomaltine marca por si só um logar.

Qualidade acima
de tudo

OVOMALTINE

Restaurador do Cerebro, dos Nervos e do Corpo

À venda em todas as farmacias, drogarías e mercearias. Em lit. s de 650, 1000 e 3400

DR. A. WANDER S. A., Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^ª (IRMÃOS)

RUA DOS LOUREIROS, 31 2.^ª

LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

NATAL! FESTA DA FAMÍLIA - NATAL - FESTA DA FAMÍLIA

Festa da Família! Frio! Neve! Saudade! Desilusão!

Não vai longe o tempo em que tôdas as famílias se reuniam na noite de Consoada a comemorar com lauta ceia o nascimento do Menino Jesus tão pobresinho, que nem berço lhe foi dado ter!

Nessa festa de confraternização todos os membros da família se juntavam, por mais ofensas que houvesse, por mais agravos que os distanciasse. Tudo se perdoava, dando-se livre curso a uma amizade sincera que, no fim de contas, nunca deixara de existir.

Como isso já vai longe!

E' certo que, nessa ocasião, se algum dos felizes reconciliados se dignasse largar, por alguns momentos, a mesa bem servida, e viesse debruçar-se na janela, veria patinhar na neve, enregelados pelo frio e açoitados pelo vento, muitos desgraçadinhos sem família nem lar, sem alimento nem agasalho.

Nem um lamento lhes sairia da bôca fraquinha para piar, mas no seu pensamento havia de relampaguear a ideia de que o Natal não era mais feliz para eles do que o tinha sido para o Menino Jesus que, nos braços de sua Mãe, teve de andar a monte, perseguido pelos soldados de Herodes, como se fôsse uma fera perigosa e traiçoeira.

E seria esta, ao menos, a sua consolação...

Mas quem se lembraria de, em meio da Ceia de Consoada, vir encostar a

fronte à vidraça da janela, embaçada pelo frio, a contemplar o mísero cortejo dos desprotegidos da sorte?

Se alguém manifestasse tal desejo, logo o chefe da família, impante de egoísmo e de perú assado, reprenderia o sentimentalão por esta lórmula convincente:

— Ora, vê se tens juízo... Que raio de ideia essa vir falar agora em coisas tristes!... Olha que o perú está delicioso...

A mãe, boa senhora, embora concordasse com a teoria do marido, não deixava de ter uma boa alma. Ainda na véspera, tendo encontrado na escada um pobresinho a suplicar uma esmola, ela sentira tanta pena que ordenara ao «chauffeur» que a seguiu: O' Francisco, põe-me lá fóra êsse desgraçadinho, que se me parte o coração só de o vêr!

Ainda há quem festeje o Natal!

Vicejam as violetas em tufo perfumados, rôxas como a agonia das nossas almas. Evocamos os Natais da nossa infância, e sentimos os olhos marejados de pranto.

Relanceando o olhar ao longo do vale do nosso passado, a recordar entes queridos e momentos felizes que não voltarão mais, só encontramos as cruzes hirtas e mirradas do grande cemitério onde tôda a nossa família repousa, descansada, por fiin...



O PRESÉPIO (Quadro de Luini)



O bersagliere Mussolini

que a forçava a pegar em armas contra os seus irmãos latinos. Até Maio de 1915, Mussolini desenvolveu uma formidável campanha nas colunas do jornal *Popolo d'Italia* contra esse acôrdo que ligava a sua pátria à Alemanha e à Austria, e preconizando o abandono da neutralidade. Conseguiu o seu fim. Declarada a guerra, Mussolini foi chamado às fileiras, incorporado no 11.º regimento de bersaglieri, e enviado para a frente da batalha no dia 2 de Setembro de 1915.

Descritos os horrores do que observou e sofreu, Mussolini não encontrou nos seus camaradas aquêlles entusiasmos esfuziante que hoje deseja em todos os que o servem nas paragens adustas da Etiópia, sujeitos a um clima trai-

coeiro e à bravura dos guerrilhas abexins, cem vezes mais traiçoeiros ainda. Confessa que todos êsses italianos de 1915 se bateram porque se bateram sem o farol bendito dum ideal a guiar-lhe o norte.

"Decorridos dois meses — declara êle — começo a conhecer os meus camaradas, e a poder julgá-los. Conheçê-los, é talvez muito afirmar. Os meus conhecimentos são limitados ao meu grupo, e, quando muito, à minha companhia. A trincheira no alto da montanha obriga cada soldado a viver isolado, ou com um único companheiro no seu abrigo.

"Procuro escutar a consciência dêsses homens, no meio dos quais, por motivo dos azares da guerra, sou forçado a viver, e — quem sabe? — a morrer.

"O seu "moral."? Desejam a guerra? Não. Detestam-na? Também não. Aceitam-na como um dever que não se discute."

Nêsse tempo, o fozoso redactor do *Avanti*, expandia-se com tôda a pujança, embora não engeite ainda hoje as suas expansões de outrora.

As páginas do Diário da Guerra, escritas de 1915 a 1917 pelo irrequieto bersagliere Mussolini, são de molde a encorajar os soldados italianos que actualmente se batem na Abissínia com uma ambição digna de romanos dos belos tempos de Cesar e Trajano. Lindo sonho o das grandes conquistas! A quem deveria Mussolini dedicar o seu livro?

Êle próprio o diz em meia dúzia de linhas que, se não possuem o brilho danuziano que iluminou a aventura de Fiume, não deixam de ser curiosas e bem urdidas:

"A vós, meus camaradas do 11.º bersaglieri, — diz Mussolini — dedico estas páginas de guerra. São vossas e minhas. Encerram a minha vida e a vossa: a vida monótona e emocionante, simples e intensa que vivemos juntos nos dias inolvidáveis das trincheiras.

"Guardo a mais grata recordação de todos vós, pois de vós recebi uma certeza reconfortante nos momentos em que não havia mais que uma esperança e uma fé: nos píncaros dos Alpes, cuja posse era disputada selvaticamente — durante uma guerra de cêro áspero, e portanto heroica — provastes que a velha raça italiana não se esgotou nem envelheceu, antes é portadora, no seu seio, dos tesoiros duma eterna juventude."

Já lá vão vinte anos...

A Itália fazia parte da Tríplíce Aliança

O Duce na sua visita a Gabriele D'Annunzio



O SONHO DA CONQUISTA

Mussoliniguerreiro

Conta como se bateu na conflagração Europeia

E a prova mais flagrante é que as publica, sendo decorridos tantos anos.

Apesar de ferido e depauperado por essa terrível guerra que assolou o Mundo, o audacioso bersagliere do 11.º regimento enfrentou em Roma o próprio governo com uma irreverência que seria fatal sob o seu domínio de hoje.

Lutou, reagiu, e triunfou.

Nas páginas do seu "Diário de Campanha" há passagens deliciosas, ora irónicas, ora crueis, mas sempre repassadas duma vaidade encantadora.

No silêncio das trincheiras, Mussolini planeava já a obra que tencionava realizar; se a boa fortuna lhe sorrisse... e o marechal Badoglio fôsse impedido, como foi, por altos poderes, de desbaratar a marcha sobre Roma.

Tudo se cumpriu a bem do seu sonho, architectado no abrigo da terra revoltada pelas granadas e endurecida pela neve impiedosa.

Vem a propósito citar uma página escrita sobre o Natal. O antigo jornalista divaga, e procura fazer estilo.

Ei-la:

25 de Dezembro. — Como ontem, como sempre há um mês, chove. É dia de Natal, de facto. 25 de Dezembro. O terceiro Natal da guerra. A data não me diz nada. Recebo bilhetes postais ilustrados com os habituais anjinhos e as inevitáveis árvores do Natal. Para que possa encontrar um eco da poesia dêste dia, careço de

evocar a minha infância distante. Hoje o meu coração está sêco como as vertentes rochosas do Carso. A civilização moderna "mecanizou-nos". A guerra tem levado até ao exaspero este processo de "mecanização", da sociedade europeia.

"Há vinte e cinco anos, eu era uma criança sensível e violenta. Alguns dos meus camaradas ainda se recordam das pedradas que lhes atirei. Nómada por instinto, palmilhei de manhã à noite, ao longo do rio, e roubei ninhos de pardais e frutos. Ia também à missa. O Natal dêsse tempo está ainda bem presente na minha memória. Poucas pessoas havia que não assistissem à missa no dia de Natal. Meu pai não faltava também. As árvores e os espinheiros que ladeiam a estrada de S. Cassiano estavam prateados pela geada. Fazia frio. As primeiras missas eram para as velhas devotas madrugadoras. Quando elas apreciavam do outro lado da planície,



Mussolini ferido

era chegada a nossa vez. Lembro-me de que seguia minha mãe. Na igreja iluminada com muitas velas havia um altar, sobre o qual, deitado num bercinho florido, estava o Menino Jesus nascido durante a noite. Tudo era pitoresco e agradável à minha fantasia. Apenas o cheiro do incenso me incomodava, causando-me, por vezes, um mal-estar incalculável. Por fim, os sons do órgão anunciavam o terminar da cerimónia, e a multidão começava a sair. Todos seguiam contentes,

conduziram a Doberdo para receber o primeiro penso, e dali para o hospital, onde recebi o mais carinhoso tratamento."

Após o seu ferimento, Mussolini, considerado bersagliere inválido, regressou a Roma, continuando no *Popolo d'Italia* a sua campanha para forçar o país, hesitante por vezes, a persistir na forte vontade de resistência que deveria conduzi-lo à vitória. No período que se seguiu, desenrolando-se o episódio de Caporetto,

tagarelando durante o caminho. Ao meio dia, fumegavam sobre a mesa os tradicionais e apetitosos capelletti da Romagna. Quantos anos ou quantos séculos passaram sobre tudo isto?...

"Um tiro de peça vem trazer-me à realidade. Hoje, é um Natal de guerra. "Na trincheira, reina um silêncio cheio duma nostalgia secreta. Magro Natal. Entre os presentes enviados pelo Comitê à minha companhia, há uma meia dúzia de panettoni e outras tantas garrafas de vinho..."

Depois, Mussolini conta como foi ferido:

"Na tarde de 23 de Fevereiro de 1917, executávamos, na cota 144, tiros de experiência com um lança-bombas de trincheira. À minha roda havia uma vintena de oficiais e soldados. Êste grupo era constituído pelos homens mais bravos da companhia. Nenhum incidente se tinha dado até ao lançamento do penúltimo projectil. O último, pelo contrário — e nós já tínhamos lançado duas caixas inteiras — rebentou no lança-bombas. Crivado por uma sarivada de estilhaços, fui atirado a alguns metros de distância. Sei que fui socorrido por alguns camaradas que me colocaram numa maca e me

conduziram a Doberdo para receber o primeiro penso, e dali para o hospital, onde recebi o mais carinhoso tratamento."

Após o seu ferimento, Mussolini, considerado bersagliere inválido, regressou a Roma, continuando no *Popolo d'Italia* a sua campanha para forçar o país, hesitante por vezes, a persistir na forte vontade de resistência que deveria conduzi-lo à vitória. No período que se seguiu, desenrolando-se o episódio de Caporetto,



Mussolini na trincheira

a propaganda derrotista atingiu tal incremento, que pôs em perigo as forças vivas da Itália, a sua tenacidade e o seu heroísmo.

Mussolini intensificou os seus ataques contra essa campanha, embora fôsse contra os seus antigos correligionários.

O "Diário", de Mussolini termina assim: "Vós, mártires e soldados do nosso renascimento, vós que tendes conhecido as galés e que estendestes o pescoço, sem tremer, à corda da forca dos infames Habsburgos, ouvi o côro solene da vitória, a voz gloriosa de um povo inteiro! Oberdan, sorri à bandeira tricolor que fluctua ao vento sobre a igreja de S. Justo; Battisti saúda o nosso estandarte erguido sobre o castelo do Bom-Conselho. Os mortos do Carso, que juncaram desde 1915 a 1917 a estrada de Trieste, erguem-se das suas inumeráveis sepulturas que não foram esquecidas. Os cegos, no deslumbramento dêste dia, abrem os olhos; os mutilados não sentem os seus ferimentos, agora que a pátria não está mutilada; as mães abençoam o sacrifício que as privou dos seus filhos mortos pela Itália..."

Foi talvez na continuação dêste sonho que surgiu a guerra com a Abissínia.

Qual será o despertar?

Eis o que todo o Mundo aguarda ansiosamente, enquanto uns procuram engrandá-lo de ramos de oliveira e outros de idranjas rubras.

O CRUZEIRO AEREO ÀS COLÓNIAS

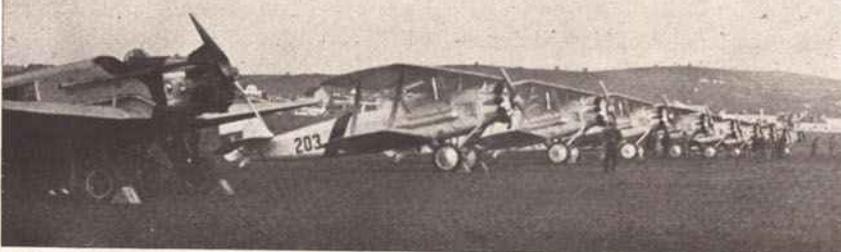
Vai a caminho da África uma esquadilha de aviões portugueses comandada pelo sr. coronel Cifka Duarte. A sua missão, cujo significado é desnecessário encarecer, consiste em ligar, por via aérea, a Metropole com as nossas colónias de África. Além do seu alcance prático, este cruzeiro tem pois o objectivo de levar às nossas maiores províncias ultramarinas a saúdação da Mãe-Pátria. A extensa viagem que compreende, com ida e regresso, cerca de



A direita: Os comandantes das patrulhas em conversa com o sr. coronel Cifka Duarte, momentos antes da partida. -- O «Monteiro Torres» atravessando o aeródromo da Amadora

30.000 quilómetros, deve consumir 200 horas do voo. As suas três principais fases são de Lisboa a Bolama, desta cidade a Luanda, e daqui a Lourenço Marques. A esquadilha compõe-se de nove aparelhos divididos em patrulhas de três. São os seguintes os seus tripulantes: 1.ª patrulha: «Junkers-Monteiro Torres», avião-chefe, que conduz o comandante da esquadilha, sr. coronel Cifka Duarte, é pilotado pelo sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, inspector, do Cruzeiro, e tem como mecânico o segundo sargento Santos.

Nos oito aviões «Vickers»: capitão José Pimenta e mecânico Aníbal, tenente Manuel Gouveia e mecânico Monteiro. 2.ª patrulha: comandante Pinheiro Correia e capitão Fernando Tártaro; tenente Humberto da Cruz e mecânico Ramos; capitão Mora Cardoso e mecânico Simões. 3.ª patrulha: comandante Pinho da Cunha e capitão amado da Cunha; capitão Joaquim Baltazar e mecânico Pedro Gomes; e capitão Oliveira Viegas e mecânico Deniz. O sr. capitão Fernando Tártaro foi, pelo comando da esquadilha, no-



Em cima: O Almirante sr. Gago Coutinho, folando com os srs. brigadeiro Silveira e Castro e coronel Cifka Duarte. Ao lado: Um grupo de aviadores pouco antes da partida. Em baixo: Os aviões alinhados e prontos a levantar voo

meado oficial de ligação dos diversos serviços meteorológicos, nas regiões que vão ser sobrevoadas, para o que recebeu instruções especiais sobre códigos e horários adoptados nesses serviços.

Como se vê pelos nomes dos oficiais, quasi todos eles são experimentados em grandes percursos aérios, nas nossas colónias.

Uma data histórica

A festa da Restauração foi este ano solenemente comemorada em Lisboa e no resto do país em solenidades diversas, tôdas elas impregnadas dum alto cunho patriótico.

Perante o Monumento da Praça dos Restauradores desfilaram nesse dia crianças das escolas primárias e pupilos dos asilos da Assistência Pública num total aproximado de 3.500 crianças.

O Chefe do Estado compareceu também no mesmo local e prestou a sua homenagem, depondo no pedestal do monumento um lindo ramo de flores. Seguiu-se o desfile dos contingentes da guarnição de Lisboa. Abriam a marcha vinte filas de marinheiros com bandeira e terno de cornetins. Vinham depois Infantaria 1, Caçadores 5 e 7 e Metralhadoras 1, cada representado por um pelotão de dezasseis filas, sob o comando dum tenente, Artilharia ligeira 3 e Companhia de Trem Hipomóvel, uma secção de cada; Sapadores Mineiros, Telegrafistas, Sapadores de Caminhos de Ferro, Batalhão Automobilista, Guarda Fiscal, Polícia, G. N. R., representadas por pelotões de dezasseis filas; Cavalaria

As crianças das escolas desfilando perante o monumento



Primeiro de Dezembro

O Presidente da República esteve também no edificio da Emissora Nacional onde pronunciou ao microfone uma alocução dirigida aos portugueses residentes na América do Norte.

Para compra do Palácio da Restauração foi aberta uma subscrição pública que o sr. general Carmona inaugurou com um donativo de 2.000 escudos. Enorme multidão se aglomerou em frente do histórico Palácio dos Condes de Almada, por ocasião da visita ali do Chefe do Estado, tendo um camião sonoro difundido trechos alusivos à data que se comemorava, dos seguintes escritores: drs. Agostinho de Campos, Samuel Maia, Alfredo Pimenta, Garcia Pulido, Carneiro Pacheco, Queiroz Veloso e Hipólito Raposo; e dos srs. Quirino da Fonseca, Zuzarte de Mendonça, Joaquim Pais Vilas Boas, Pinto de Mesquita, Luiz Chaves, dr. Mário Monteiro, Fernando Campos, Rocha Martins, dr. Fernando Amado, dr. Pinheiro Torres e dr. Fidelino de Figueiredo.

No Coliseu dos Recreios realizou-se um espectáculo de evocação patriótica pelos artistas do Teatro Nacional.

O desfile dos contingentes da guarnição militar de Lisboa



ria 2, um pelotão a cavalo com lanças; Cavalaria 7 e cavalaria da G. N. R., também em pelotões.

Por último passaram a Escola Militar, o Colégio Militar e os Pupilos do Exército, que, como os demais contingentes, desfilaram em continência perante o Chefe do Estado.

Em cima: Um aspecto do espectáculo no Coliseu. Ao lado: O Chefe do Estado inaugurando a subscrição para compra do Palácio da Restauração



Enfermeira etíope procedendo a análise com microscópio

ENQUANTO prossegue a luta entre os italianos e os abexins, todo o mundo fala nesses países misteriosos que foi berço do Preste João na gloriosa época em que os portugueses

*Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana.*

A Taprobana, como sabem, é Ceilão que os portugueses descobriram em 1507, e em cujos encantos o Preste João gostava de recrear-se.

A Abissínia, tão deliciosamente cantada desde os tempos salomónicos, é ainda desconhecida para o mundo civilizado. É acima de tudo, um país extraordinário, curioso e tentador para todas as inteligências activas e para todos os espíritos sedentos de aventuras.



Acampamento de guerrilheiros abexins

Não perdeu ainda o seu caracter insubmisso. O próprio Santo Inácio de Loiola, com todo o seu poder de persuasão, não conseguiu nunca estender o seu Evangelho através dessas paragens ignoradas.

O sentimento cristão que ali floresce foi partido por outra mão mais poderosa.

Quando a Itália, aproveitando a aquiescência da Alemanha, conquistou a Tripolitânia e a Cirenaica, apesar da oposição turca, o "négus", da Abissínia receou pela integridade dos seus domínios e poz-se em guarda.

A Itália, acalentando, como sempre, o sonho da dilatação dos seus territórios, quiz antecipar-se à possível expansão da França. Aproveitou-se das van-

tagens que os Impérios Centrais da Europa lhe facultavam, enviou uma expedição militar ao Mar Vermelho e proclamou o protectorado da Abissínia.

O "négus", Menelik é que não estava disposto a sujeitar-se à tutela que pretendiam atirar-lhe, embora disfarçada em atenciosos termos diplomáticos. Aconselhado pelos seus generais e governadores das províncias do seu império, e ainda movido pelo unânime sentimento patriótico do povo etíope que preferia morrer a perder a independência, lançou o grito de guerra.

Devia, é certo, um grande favor à Itália: o ter-lhe conservado a coroa, pois, graças ao apoio das armas italianas, é que Menelik conseguira vencer todos os pretendentes que lhe disputavam.

Mas um tal obséquio não merecia tão

A Abissínia de ontem e de hoje

O formidável espanto causado pelo primeiro automóvel que ali entrou

grande recompensa. Os italianos, sob o comando do general Baratieri, penetraram no Tigré em ar de conquista, e apoderaram-se de Aduá no dia 30 de Setembro de 1894. A princípio, a Itália poderia considerar as operações das suas tropas um verdadeiro passeio militar que teria como epílogo a posse da região do Tigré.

Pouco depois, as coisas mudaram de figura. O "ras", Mangascia, que havia sido derrotado em Koatit, meses antes, foi procurar reforços, e surgiu, quando menos se esperava, com um exército de 80 mil tigrinos e etíopes sob o comando do próprio Menelik.

O general Baratieri, com uma força de 30 mil homens e 50 canhões, tomou as suas posições entre Adrigat e Aduá. Frente a frente, os dois exércitos entabularam negociações antes de romper fogo. Menelik exigia que os italianos abandonassem as posições conquistadas no Tigré e que fôsse rectificado o tratado de Ucciali no sentido de a Itália renunciar ao seu scilabado protectorado sobre a Abissínia. Entretanto, o governo de Roma decidiu desistiu do comando das tropas o general Baratieri que passaria a ficar debaixo das ordens do general Baldissera, levando este o encargo de se entender com o "négus".

Até aqui, a História parece repetir-se. Qual será o dia de amanhã?

Baratieri, ferido no seu amor próprio, quiz mostrar as suas qualidades de cabo de guerra, e precipitou o terrível massacre de Aduá.

A Itália, ferida gravemente, teve de esperar quasi meio século para se desafrontar.

Embora se tratasse duma luta em regiões africanas, todos os países do mundo seguiram atentamente o seu desfecho.

Após o triunfo estrondoso dos abexins sobre as tropas do general Baratieri, o "négus", Menelik tornou-se o homem mais popular do Mundo. Todos o queriam obsequiar, chegando os soberanos da Europa a enviar-lhe presentes e a fazer empenho na sua amizade. O pintor Buffet, que foi expressamente a Addis-Abeba retratá-lo, conseguiu colocar a sua tela no Museu do Luxemburgo.

Menelik era, naquela altura, o verdadeiro "Rei dos Reis".

Entre os vários mimos que lhe enviaram figurava um automóvel, o que causou grande sensação entre os abexins.

Num império em que a mais rigorosa regra protocolar impunha que o chefe do Estado fôsse transportado numa mula e abrigado por uma umbrela de normas proporções, devia causar espanto a inovação sacriliga do automóvel.

Quando a expedição inglesa, comandada por Bentley e Wells, appareceu na Abissínia com o automóvel oferecido, os abe-

xins tomaram logo os expedicionários por anarquistas que iam tramam contra a vida de Menelik. Custou imenso a convencê-los do que se tratava. O próprio "Negus", que era um homem inteligente, ficou profundamente perturbado. Andaria ali feitiço?

Ante a oferta do automóvel, vacilou. Os visitantes europeus foram encontrá-lo, não como o vencedor de um país civilizado, mas como um simples plantador de café ou um negro trabalhador de veigas africanas. Vestia amplas calças brancas que caíam sobre umas enormes botas suíças. Um casaco curto e um lenço branco em volta do pescoço. A cabeça, atada com um lenço, era coberta por um enorme chapéu de castor. Como cetro empunhava um varapau que infundia respeito.

Aproximando-se do automóvel, Menelik quis que lhe explicassem como funcionava aquela geringonça. Por fim, parecendo ter compreendido, decidiu-se a quebrar as regras do protocolo, e subiu para o carro.

Este facto foi tomado como uma afronta pelos abexins que vieram pela primeira vez o seu imperador sair da residência sem ir aos ombros das suas hostes. Mas a subida de Menelik ao automóvel foi efectuada como um acto de fina politica e grande habilidade.

Quando o carro appareceu na capital do império, os próprios ministros da corôa mostraram-se assustadíssimos. Em face disto, um dos expedicionários pediu ao "négus" que desse o exemplo:

— Vossa Magestade tranquilisaria os



Um padre copião devidamente paramentado num acampamento etíope

seus subditos, dignando-se entrar no automóvel. Assim lhes provaria que não existiam nêles os tenebrosos perigos que imaginam.

Menelik subiu então para o carro por entre a gritaria do seu povo espavorido, e teve a coragem suficiente para se mostrar tão tranquilo como se tivesse percorrido já milhares de quilómetros como o melhor dos corredores.

E assim, o automóvel fez a sua entrada triunfal no Império abissínio, onde, graças à mesma iniciativa e ao espirito franco do famoso "négus", entraram também as bicicletas e as máquinas fotográficas.

Decorridos quarenta anos, tudo se modificou. Se a Itália fortaleceu o seu exército com o mais aperfeiçoado material de

guerra, a Abissínia já faz ideia do que sejam aviões e já sabe assestar contra eles os seus canhões anti-aéreos.

E — caso curioso! — os abexins de há meio século que, ao verem um automóvel correr sobre uma estrada, sem auxilio de animais, o supunham movido por feitiço, não sentem a menor impressão perante os aviões que cruzam hoje o espaço como aves gigantescas resfolgando morte e destruição. Se até já appareceu uma mulher etíope com o "brevet" de aviadora!

Mudaram os tempos... Só não mudou a bravura desse povo antiquíssimo que a Palestina seduziu, um dia, e que, no século XVI, dirigia cartas atenciosíssimas a Portugal, oferecendo a sua amizade e a pedir que, como bom amigo, este lhe concedesse o necessário para se civilizar condignamente.

O alitamento de guerrilheiros em Addis-Abeba



O bacorinho variço que foi adquirido na feira para maranchar e conduzido para o cortelho *prêso pelo bacorinho*, está rotundo e gelatinoso pela abundante ingestão durante a engorda, de lavaduras, brôças e viandas.

São decorridos já o S. Martinho e o Santo André, datas que o adagiário popular indica, no mês de Novembro, como propícias para a chacinha dos *reços*:

— Em dia de Santo André diz o porco: *cué, cué.*

— Por S. Martinho, mata o teu porco, barra o teu vinho.

Está à porta o S. Tomé (21 de Dezembro), proximidades do Natal, dia igualmente consagrado ao *matadelo*, se não fôr preferido ainda um dia sereno de Janeiro, de lua minguante, como recomendam os rústicos e apontam os prolóquios sentenciosos:

— No dia de S. Tomé, péga o porco pelo pé.

— Em Janeiro, um porco ao sol, outro ao fumeiro.

O quarto crescente da lua é, segundo o preconceito popular beirão, a época mais adequada ao corte de arvoredos, ao plantio de batatas e às *matanças*. Em Santo Tirso, prefere-se que os porcos sejam abatidos pela lua velha: «vale mais uma lua velha, do que duas novas», dizem os práticos.

Escolhido o dia da matança, notar-se-há uma esfusante alegria em casa do lavrador com a previsão gulotona de abastecer a salgadeira com



Escultura popular de Oliveira do Douro

carne para todo o ano, porque «um porco é uma botica» e muito desgovernada será a dona de casa que não tenha sido providente, engordando um *marrancho*. Lá está o rifão a condená-la:

Pelo Santo André, quem não tem porco, mata a mulher.

ETNOGRAFIA

AGRO-PECUARIA

Matança de cevados



Em cima: A matança do porco em 1563. A' direita: A mesma cena 1310. Ao meio: Olaria popular do Sobreiro de Mafra



Ouvir-se-há então o cuinhar aflito do bicho ao ser mortalmente ferido pelo facalhoz ponteagudo.

Arderão em labarêdas rubrilouras os fachoqueiros de carqueja, de palha, ou de tojo chamusco, para musgarem a pele e as cerdas da vítima. O orifício do ânus será atulhado com um rôlo de palha e o coirato fortemente esfregado com um caco de telha, raspando-se-lhes o pêlo com romba navalha, até ficar escanhoado como nádega de menino. Seguidamente será pendurado ao chambaril pelos pesuchos, colocando-se nas unhas do cerdo, algumas cabeças de alhos, para afastar os maus olhados. E' por fim aberto, golpeando-se os lombos de alto a baixo e entalando-se nos mesmos algumas cebolas, para que a carne arrefeça mais prontamente.

Ao ser estafoinado, a distribuição já está prevista: as *assaduras*, para a canalha e os *lombelos*irão de presente — entre ramalhos de loureiro verde — para uma das pessoas gradas da terra: o fidalgo, o senhor prior, ou o senhorio.

Far se-hão as separações dos *jambelos*, dos *lãcões*, das *breias*, e da carne para ensacar.

As tripas do intestino grosso destinam-se aos *palaios*; as *atacas*, o *rissol* e o *redenho*, são aproveitados com outros despojos da matança, para a diversidade de enchidos em que é pródiga a cozinha nacional: as *sorças*, os *pãios*, as *cacho-*

leiras, as *salchichas*, os *bulhos*, as *alheiras*, as *paiolas*, as *linguiças*, os *morcelhos*, as *moiras*, as *farinheiras*, os *pelucos*, as *murcelas*,

as *tabafeias*... Três a quatro dias depois do porco desmanchado, convidam se os parentes e amigos para a *cachola* (Alentejo) ou *sarrabulhada* (Minho) ou ainda para saborearem os pitêus tradicionais: *beloiras*, *marrã*, *pitoras*, *rechina*, *pêtas* e *rijões* ou *torresmos*.

Além da carne de fumeiro, tudo tem préstimo e é aproveitado: os *pernões* (presuntos); a *moleja* (pâncreas); a *sola* ou *baio* (estômago); a *caluga* (cachaço e espádua); a *suau* (ossos da espinha dorsal); os *coelhos* ou *passarinhas* (pedaços compridos de carne, tirados do lombo); a *carranha* (carne calosa tirada do céu da bôca); o *entre-côsto* (espinhaço com parte das costelas); a *banha* (unto das tripas); a *fressura*, o *suavante*, as *façó-las*, o *corazil*... enfim tudo, desde a ponta do rabo à *focinheira* (tromba), que por sinal é saborossíssima, devendo porém as pessoas que a comem precaver-se, porque é sabido que farão em cacos toda a loiça com que lidarem.

A substância gordurosa tirada da *carrilleira* (maxila inferior) utiliza-se para fricções e até a bexiga tem aplicação, sendo cautelosamente guardada pelo lavrador para a terapêutica veterinária dos bovinos.

Para que a carne de *rijar* não se estrague, deverá ter-se presente que é boa prática passar-lhe por cima um garavêto a arder, como deve haver a precaução de não efectuar a matança ou a salga da carne, no *entreluo* (interlúcio) para que os resultados sejam de todo satisfatórios.

O toucinho velho é bom para curar o aguentamento das crianças, recentemente desmamadas e para lubrificar os lemes das portas, livrando-se assim a casa de bruxedos e malefícios.

Por último deverá reter-se na memória que, sonhar com carne de porco, é mau agouro, sendo prenúncio de desgostos na família.

Nestas rápidas notas vão focados vários aspectos etnográficos, muitos deles inéditos, outros tratados já por diversos colectores que a estes assuntos têm dedicado particular atenção.

Guilherme Felgueiras

(da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

(Desenhos de Aínhal Abelho)



A EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPANHOL DO SÉCULO XX

A embaixada de livros que a Espanha mandou a Lisboa encontrou entre nós, como era de esperar, o acolhimento fraternal e entusiástico a que tinha direito.

O livro é um dos maiores factores da comunhão entre os povos, e esse seu carácter nunca atinge para nós um significado tão profundo como no caso do livro espanhol. Para o leitor de cultura mediana, o livro estrangeiro permanece muitas vezes mudo, impenetrável, erguendo perante a sua curiosidade a grave barreira das diferenciações lingüísticas. Só o espanhol constitui uma excepção porque, pelas suas afinidades com o português, se oferece generosamente pronto a deixar-se possuir e a revelar os seus tesouros em troca dum ligeiro esforço.

Para nós, portugueses, a língua espanhola representa, portanto, uma via de penetração, acessível e agradável, que nos inicia numa cultura alheia, rica em aspectos e modalidades. Foi conduzidos por ela que, a maior parte de nós todos, cruzámos pela primeira vez a fronteira do nosso património intelectual. Daí o lugar de eleição que lhe damos no nosso espírito, a admiração que lhe tributamos e em que há muito de reconhecimento.

Uma visita à Exposição tem por isso o carácter dum encontro de velhos amigos. Ao percorrer as salas da «Casa de Espanha», onde os livros se perfilam tentadores, saudamos aqui e além, com uma evocação, capas conhecidas, títulos que nos sugerem uma infinidade de reflexões, nomes de autores que temos lido e admiramos. E tudo isso disseminado entre milhares de volumes que atestam uma cultura e representam um esforço editorial notável.

Contemplar livros é, para nós que sonhamos com bibliotecas que nunca poderemos reunir,

uma tentação a um tempo torturante e deliciosa. E foi para os que conhecem os requintes dessas sensações que se reuniram na «Casa de Espanha» cerca de 10.000 volumes editados no país vizinho.

Tôdas as seduções se conjugam ali e é difícil ficar-lhes indiferente. Da novela curta a preços populares à edição de grande luxo, não há género algum que não esteja largamente representado.

Logo de entrada encontram-se os livros infantis, numa profusão que testemunha o alto interesse consagrado à criança. São primeiro as histórias fabulosas, contadas em estampas policromas, onde o artista colabora com o poeta para deslumbrar as imaginações infantis. Depois, numa evolução gradual, os romances de aventuras e policiais. E sobretudo esses outros em que, com bonhomia e singeleza, se ensinam rudimentos de ciências naturais, trechos de história, lições de geografia.

Judiciosamente se reuniram na mesma sala as obras de pedagogia, de que os editores espanhóis nos apresentam largo sortido.

A secção de manuais técnicos é uma das mais vastas da exposição. Tôdas as indústrias, todos os mesteres, se encontram ali representados. Obras sólidas, feitas para serem consultadas por mãos apressadas e endurecidas no ofício. É toda



O Chefe do Estado com o embaixador da Espanha e outras personalidades visitando a Exposição

a ciência do trabalho humano concretizada em livros, que nos falam dos segredos da preparação dos vinhos, da arte do ferreiro e das minúcias da ourivesaria.

Noutra sala é onde se demoram os visitantes quando eles são advogados, juizes ou estudantes de direito. Os tratados de jurisprudência e os códigos alinham-se ao longo das paredes, com as suas encadernações sóbrias envolvendo textos que só aos profanos se afiguram áridos.

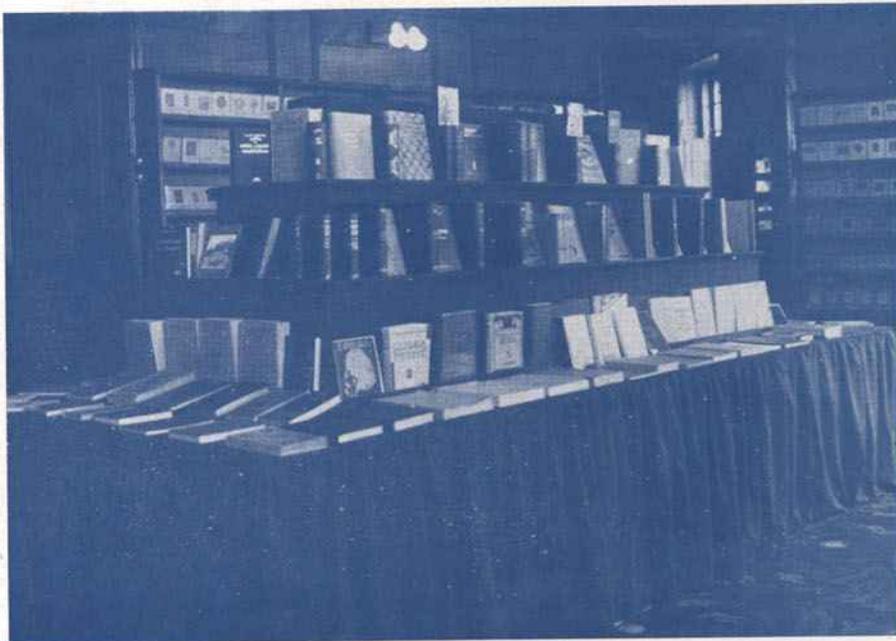
Tem muitas afinidades com esta, a sala dos livros de medicina. Espessos tratados de anatomia e farmacopeia, dissertações profundas sobre os males físicos que afligem a Humanidade. Sobre as capas de tons escuros, em que não há lugar para ornamentos fúteis, nomes estranhos que indicam métodos de diagnosticar e processos de curar. É talvez neste domínio que o livro espanhol ocupa lugar de maior relêvo em Portugal. As suas excelentes traduções de obras alemãs especializadas põem ao alcance dos nossos médicos elementos de estudo dum enorme valor, estabelecendo assim uma vitoriosa concorrência às edições em outros idiomas.

Finalmente, a sala maior foi reservada à arte e à literatura. Sobre a bancada central, enlêvo dos bibliófilos, algumas das mais preciosas entre as inumeráveis edições do genial «D. Quixote». Alburns de reproduções das jóias de pintura dos principais museus do Mundo. Obras de divulgação que se ocupam da arte de todos os povos e de tôdas as épocas. Fica-se um bocado a admirar, num album aberto, dois desenhos célebres de Goya.

Em volta, em, estantes encostadas às paredes está a fecunda produção literária e dramática desse país que tem escritores como Unamuno, Pio Baroja e Ortega y Gasset, e que não satisfeito com isso traduz incansavelmente tudo quanto nos outros povos solicita a inesgotável e multiforme inquietação do seu espírito.

A Exposição do Livro Espanhol do Século xx é pois o reflexo fiel da alma insatisfeita duma raça, aberta a tôdas as manifestações da vida intelectual, sempre sedenta de conhecimentos e de emoções.

Manuel L. Rodrigues.



Aspecto duma das salas da Exposição



Isabel d'Este, desenho de Leonardo de Vinci

Francisco del Giocondo, mas a princesa Isabel d'Este, duquesa de Mântua.

A documentação surgirá a seu tempo. Enquanto não aparece, divagaremos através dos factos conhecidos.

Ainda Ludovico, o Moiro impunha o seu poder feudal, mestre Leonardo não tinha mãos a medir ante as constantes incumbências de Beatriz d'Este. Em 1497, esta princesa finou-se com vinte e dois anos de idade, chegando a dizer-se que fôra vitimada pelas feitiçarias do pintor, o que originou vários motins.

Leonardo de Vinci, sendo pintor, escultor, arquitecto, escritor, e engenheiro, era considerado também pela turba-multa

Ao cabo de quatro séculos a formosa *Monna Lisa* de Leonardo de Vinci continúa a sorrir misteriosamente como sempre.

Quem foi, afinal, essa mulher que teve o poder mágico de atrair o sorumbático artista que parecia desligado das coisas terrenas?

Segundo as afirmações de Giorgio Vasari, a decantada *Monna Lisa* foi Lisa Gherardini que o nobre florentino Francisco del Giocondo soube desenganar em Nápoles para a tornar sua mulher, por volta do ano de 1495. Leonardo de Vinci teria trabalhado durante quatro anos neste retrato que, no fim de contas, não deixou concluído.

Prende-se justificar uma tal morosidade com as constantes incumbências que o genial pintor recebia, a cada momento, uma das quais foi um quadro que representasse a batalha de Anghiari, travada entre Francesco Sforza, capitão das tropas florentinas e Niccolò Piccinini, e que deveria ornamentar a grande Sala do Conselho de Florença. Mas, esta encomenda, embora bem paga, nunca passou do esboço em carvão.

Afirmou-se que mestre Leonardo se apaixonara por essa *Monna Lisa* que, por ser uma mulher casada, tinha para ele o sabor requintado do fruto proibido.

E, nesse enlevo platónico que levou quatro anos a fixar na tela com pinceladas magistrais, o pintor foi arrastando a sua vida inteira.

Pois, agora, o erudito Raymond Slites, professor de Estética da Universidade de Antioquia, aparece a declarar que, ao cabo de doze anos de aturado estudo, está habilitado a desmentir Vasari, provando que a *Monna Lisa*, pintada por Leonardo de Vinci não é a mulher de



Estudo para as mãos da «Gioconda»

como um feitiçeiro perigoso. Os seus estudos de anatomia, realizados em cadáveres, eram levados à conta da procura de ingredientes para os mais pavorosos sortilégios!

Século xv, como se vê...

A morte da jovem princesa, encorajou a sua irmã Isabel, duquesa de Mântua, a atrair o pintor, e encomendar-lhe um retrato. Em Abril de 1498 mandou recado tão convincente que Leonardo, deixando Milão para se refugiar na Florença, não resistiu a passar por Mântua, e fazer-se anunciar à princesa que o recebeu com todas as honras. Al esboçou o lindo desenho a carvão e sanguínea que nos apresenta Isabel d'Este, de perfil.

Diz a lenda que enquanto Leonardo de Vinci pintava a sua *Monna Lisa*, cuja beleza receava alterar, rodeava o seu modelo com cantores e músicos que, executando as mais deliciosas harmonias, lhe faziam conservar uma alegria suave, e evitavam esse invencível enfado em que as demoradas poses acabam sempre

O ETERNO PROBLEMA

Quem foi a "Gioconda" Leonardo de Vinci?

Monna Lisa ou Isabel d'Este?

por empolgar os mais pacientes modelos. E, assim, o genial artista conseguiu que se mantivesse numa tão voluptuosa bôca esse sorriso de malícia enigmática com que, ao cabo de quatro séculos, continúa a tentar-nos.

Em 13 de Março de 1500, isto é, dois anos depois da passagem de Leonardo pelo palácio de Mântua, Lorenzo de Pavia informava a princesa Isabel d'Este com a seguinte carta: "Leonardo de Vinci, que se encontra em Veneza, mostrou-me um retrato de Vossa Alteza que é duma semelhança flagrante."

Não seria este retrato a famosa *Gioconda*?

Em 1504, a princesa Isabel, impaciente por vêr essa obra prima que tanto a orgulhava, escreveu a Leonardo, lembrando-lhe que, quando ele estivera em Mântua, esboçara o retrato a lapis, com a promessa de o concluir no mais curto prazo.

Aparece também um estudo da *Gioconda* com o torso nu. Onde teria sido feito? As mãos são as mesmas do famoso retrato. A cabeleira é que foi modificada. Consentiria o modelo em desnudar-se? O mistério subsiste cada vez mais nebuloso e impenetrável. Resta-nos a esperança de que o professor Slites,

surgiu, quanto antes, conforme prometera, a desvendá-lo.

Ainda acêrca da famosa *Gioconda*, conta-se que, tendo o rei Francisco I da França visitado Leonardo de Vinci no seu atelier, este tentou ocultar ao rei a sua obra prima, que se apressou a cobrir com um pano.

— Que tens aí? — perguntou o rei — algum novo trabalho?

— Um retrato velho, senhor. Creio até que Vossa Majestade já o viu.

— Não importa. Deixa-me que torne a vê-lo. Quanto mais se vêem as tuas obras, mais agradam.

Leonardo titubou, procurando a melhor maneira de se vêr livre da teimosia do soberano. Nisto, um corteção acercou-se do cavaliê e levantou o pano, fazendo aparecer a *Gioconda*.

Enquanto o artista franzia as sobrancelhas, exasperado, o rei ficava deslumbrado durante alguns minutos ante aquela esplêndida imagem.

— Maravilhoso! — exclamou por fim

— é esta a mais formosa mulher que tenho visto em tôda a minha vida. Quem é?

— Lisa, a mulher de *Giocondo*, cidadão florentino.

— Quando pintaste êste retrato?

— Há dez anos.

— E continúa formosa?

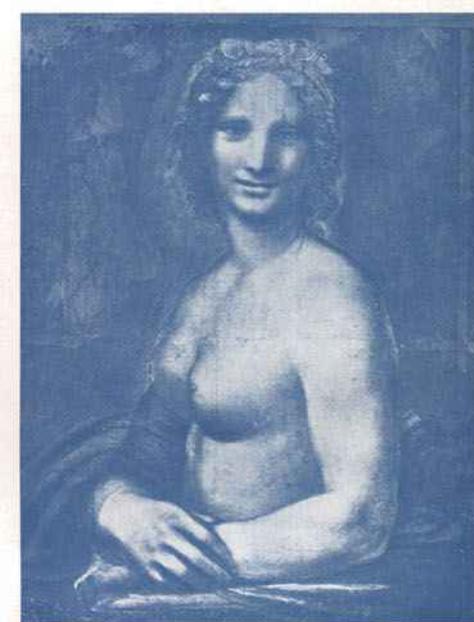
— Morreu, majestade.

— Mestre Leonardo — interveio o poeta Saint-Genlis que fazia parte da comitiva real — trabalhou cinco anos neste quadro e ainda não o concluiu. Pelo menos, êle assim o assegura.

— Não está concluído o quadro? — perguntou o rei — que falta pois? Se esta mulher está viva! Dir-se-hia até que vai falar!...

E, voltando-se para o pintor, exclamou:

— Em boa verdade, és digno de inveja, mestre Leonardo!... Cinco anos com semelhante mulher! Farias mal em queixar-te da tua sorte... Fôste feliz, meu velho! E o marido perguntou eu, onde tinha êle a cabeça? Linda mulher! Podes gabar-te disso, mestre Leonardo, que não



A «Gioconda» de Lócio nu

te falta razão. Morreu? Se ainda vivesse, continuaras a pintá-la?

Francisco I sorria, piscando os seus olhos brilhantes com a expressão de um velho fauno. A ideia de que Monna Lisa tivesse podido conservar-se fiel, não lhe passava pela mente só afeita a ideias impuras.

Depois, olhando para outro quadro quasi concluído — o *S. João Baptista* — disse:

— Compro-te os dois quadros, mestre Leonardo. Quanto pedes?

— Majestade — balbuciou timidamente o artista — estão ainda por acabar. Eu pensava...

— Deixa-te de loucuras. O *S. João*, se quizeres, podes concluí-lo com tôda a calma. Mas a *Gioconda*, pobre de ti, se lhe tocas! Mais bela, não a poderias fazer, e eu quero levá-la agora mesmo.

Dize-me quanto pedes, e não tenhas receio, que não serei mesquinho.

Leonardo sentia a necessidade de justificar-se, de fazer sentir ao soberano, a quem aliás devia inúmeros favores, que esse quadro representava todo o enlêvo da sua vida, pois era, o retrato da única que amara em tôda a sua vida e que ainda o animava com o seu sorriso eterno e misterioso.

Mas como poderia fazer-se compreender por êsse homem devasso que convertia tudo em frivolidades impúdicas e banais?

O rei interpretando o silêncio do pintor como a indecisão de quem receia ceder um trabalho por preço demasiado baixo, julgou animá-lo com esta oferta:

— Já que não te resolves, fixarei eu mesmo o preço. Dou por êle três mil escudos... Achas pouco?... Três mil e quinhentos, então...

— Majestade — murmurou Leonardo com voz trêmula — asseguro-vos que...

A «Gioconda»

Mas não pôde concluir a frase. O pintor estava pálido como um defunto.

— Está bem — declarou o rei — compreendo... Dou quatro mil escudos. Parece-me que é já bastante. Levo o quadro, e fica certo de que lhe escolherei um bom sítio. Sei o que vale, e saberei fazê-lo chegar à posteridade.

Assim é contada a venda do quadro que hoje figura no Museu de Louvre.

Será esta *Monna Lisa* a princesa Isabel d'Este, duquesa de Mântua?

"Monna Lisa" quer dizer "senhora Lisa", visto "Monna" ser uma abreviatura de "Madona". E não será "Lisa", uma espécie de anagrama de "Isabel", a semelhança do que tantos poetas do seu tempo usaram para ocultar o verdadeiro nome da mulher amada?

Tendo perdido a adorada *Monna Lisa* que o rendera a seus pés como um escravo, o genial artista não amou mais ninguém em toda a sua vida que durou sessenta e sete longos anos.

Isolou-se com a sua máguca e com o seu triunfo.

Assim se justifica aquela sua famosa máxima que diz: "Se estás só, serás todo teu."

Fôse a encantadora *Monna Lisa* a mulher do tal Giocondo florentino, ou a própria duquesa de Mântua, quem se lembraria hoje da sua passagem pelo mundo, se não fosse o pincel do genial pintor?

Tôdas as majestades ruíram, tôdas as belezas se decomposeram no vasto tremedal das putrefacções humanas... Ficou apenas o retrato dessa mulher indigna dum tão grande amor.

SHAKESPEARE

E

BERNARD SHAW

NA intenção de responder com sanções ás sanções impostas à Itália pela Sociedade das Nações, Mussolini declarou solenemente que seria considerado traidor à pátria todo o italiano que não se abstivesse de adquirir produtos dos países sancionistas.

Para começar, seria proibida a representação de peças de autores ingleses, dos quais só dois seriam exceptuados: Shakespeare e Bernard Shaw. O primeiro por ser uma glória mundial que perdera ha muito a nacionalidade, e o segundo por ser o menos inglês de todos os escritores da loira Abbion.

Não podemos calcular o que Shakespeare diria se ainda pertencesse ao número dos vivos, mas é natural que não gostasse da lisongeira atenção do Duce.

Bernard Shaw, ao ter conhecimento da sanção mussolinica, saiu-se com esta:

— Lá o emparceirar-me com Shakespeare, ainda vá, mas chamar-me o menos inglês dos escritores ingleses, não lembrava ao diabo. Sanção por sanção. Sou eu que proíbo expressamente a representação de peças minhas em território italiano.

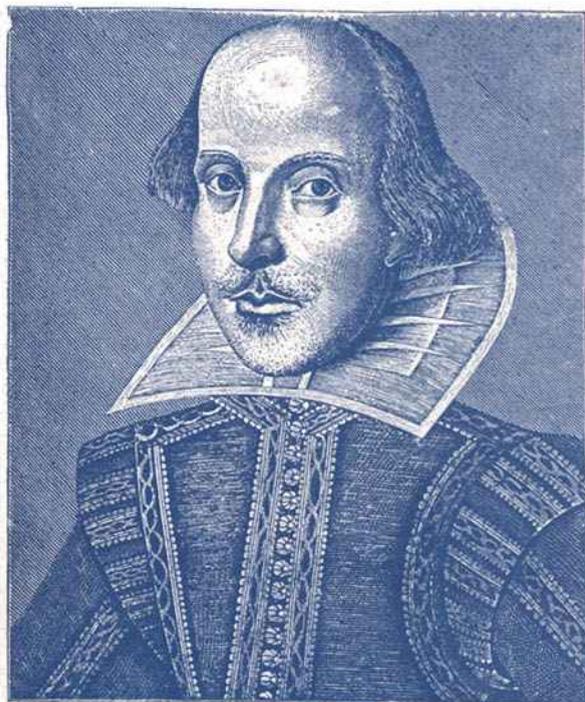
Francamente, Bernard Shaw não é inglês, pois nasceu na capital da Irlanda ha 80 anos, embora não goste nada, mesmo nada, da sua terra.

Quando rebentou o conflito italo-etíope, e a Inglaterra quis deitar água na fervura, havendo até quem alvitrasse uma espécie de subscrição de terras entre as nações mais abonadas para dar alguma coisa à Itália que continuava a matraquear o seu direito de expansão, Bernard Shaw surgiu, como um *blagueur* impenitente que é, a lembrar:

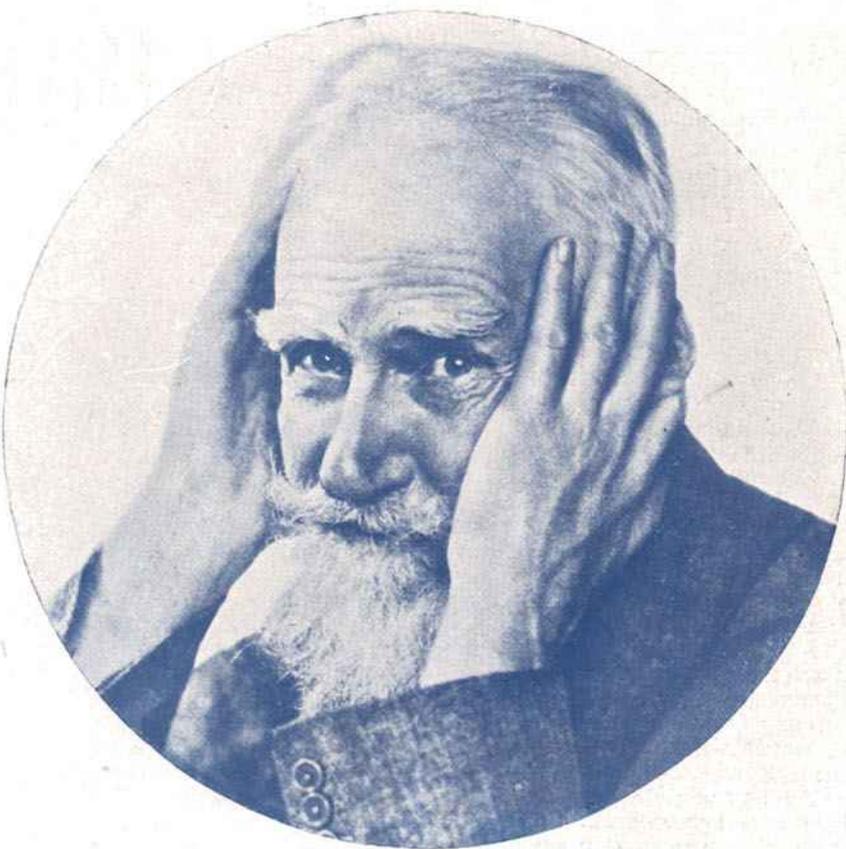
— Dêem-lhe a Irlanda, e não se fala mais nisso!

Bernard Shaw, apesar do seu eterno bom humor, teve uma vida acidentadíssima.

Influenciado por Ibsen, Nietzsche, Karl Marx, e, mais tarde, por Samuel Butler e Lamark, lançou-se com vivo ardor na propaganda socialista, publicando folhetos e pronunciando discursos para difundir os seus ideais.



Shakespeare



Bernard Shaw

No entanto, Bernard Shaw não é um socialista que veja num movimento revolucionário a realização do seu credo. Considera o socialismo como o melhor veículo da civilização, como o caminho mais próprio para que a sociedade chegue a um estado de aperfeiçoamento e bem estar. Exemplificando as suas teorias, cita, a cada passo, a máxima de Letamendi: «A civilização não é um combóio que corre, é uma árvore que cresce». Para se atingir um grau de perfeição não é necessário mudar de lugar, mas uma elevação de planos.

O escritor irlandês professa, como professor sempre, um conceito evolucionista, um crescimento da constituição social antiga até atingir o amplo sentido do nivelamento. A moral sêdica, cheia de preconceitos egoístas, prefere uma moral sincera que permita a liberdade de instintos, tanto mais que é nisto que, a seu vêr, está a máxima possibilidade transformadora do homem. O objectivo da vida é a própria vida, e todos procuram desenvolvê-la o mais depressa possível para a gozar o melhor que puder.

O dramaturgo irlandês sustenta também a teoria de que é preciso que a sociedade actual se vá despojando das suas velhas preocupações e dos seus velhos sistemas económicos, para mais facilmente chegar a um grau em que a terra seja propriedade do trabalho, e a moral o resultado da liberdade de instintos. Mas tudo isso será conseguido por meio da evolução purificadora. Na sua opinião, é necessário ir criando uma depuração intelectual bastante consistente para sobre ela erguer a nova construção social.

A violência de todas as revoluções não é preconizada nos programas shawianos.

Bernard Shaw abomina todas as crueldades, venham elas donde vierem. Quando da Grande Guerra, enfureceu-se a tal ponto contra a Irlanda, que nunca mais a pôde ver com agrado. É só porque a Irlanda compareceu nos campos da batalha. O patriarca irlandês acusou a sua pátria de egoísta por ter ido pelejar contra a Alemanha.

Nessa ocasião, ficaram famosos os artigos que publicou no *Daily Chronicle*, fustigando os políticos ingleses e expondo as suas ideias tendentes a sustentar uma estabilidade internacional por meio da sagacíssima filosofia que tinha exposto já ao príncipe de Lichnowsky. Estudou pacientemente a Conferência da Paz, os pontos de Wilson e a sua influência, a criação da Sociedade das Nações e as suas vantagens, e todos os problemas, em suma, que afectam o futuro do Mundo.

A riqueza das suas ideias, espargidas com notável equilíbrio nas suas obras, a sua técnica extranha e a sua personalidade desconcertante, tornaram-no invulnerável. Tardou, como todos os inovadores, a impôr-se e a triunfar.

Os seus ditos são citados pela graça que encerram, mas sempre ressendo uma filosofia perfeita.

Um dia, representando-se uma peça sua num dos teatros de Londres, foi assistir à estreia como qualquer espectador escondido numa cadeira de 2.ª ordem. A seu lado ficou um indivíduo que, não gostando da peça, e, não conhecendo pessoalmente Bernard Shaw, desatou a patear furiosamente. O dramaturgo olhava indiferente, ora para a multidão que aplaudia entusiasticamente, reclamando a presença do autor para o ovacionar, ora para o único protestante que, a seu lado, fazia um barulho dos demónios.

Em dado momento, o descontente, ao reparar na atitude de neutralidade que o seu visinho manifestava, atreveu-se a perguntar-lhe:

— O senhor não acha que isto é uma borra-cheira?

— Acho, sim, senhor — respondeu Bernard Shaw.

— Mas então porque não pateia?

— Porque seria inútil. Que poderíamos nós os dois contra toda essa gente que está a aplaudir?

E' assim o grande escritor irlandês.

A PRISÃO DO GUNGUNHANA



Mousinho de Albuquerque

HA quarenta anos — vai fazê-los no dia 28 do corrente — o heroico Mousinho de Albuquerque conseguiu capturar, por um acto de audácia, o terrível régulo Gungunhana que vinha afrontando o domínio português nas paragens adustas da África do Sul.

Os limites dos vastos domínios d'este célebre guerreiro vátua iam desde a margem direita do Zambeze até a Zululândia, e desde além das serras da Manica até o mar. Por morte de seu pai, o velho Muzila, o irrequieto rapaz deixou o nome de Mundagaz que até então usara, passou a adotar o de Gungunhana que tanto celebrizou, e assumiu o govêrno suprêmo daqueles territórios.

Seu pai, a quem os portugueses ajudaram na encarniçada contenda que sustentou contra o seu irmão Maeva, aceitara a suzerania de Portugal, embora nunca tivesse cumprido de boa vontade o que pelas clausulas do compromisso lhe fôra imposto.

O Gungunhana, como seria de calcular, imitou-lhe o proceder. Arvorado em poderoso potentado da África do Sul, obrigou o pagamento de impostos a numerosos chefes de tribu, não obstante serem vassallos de Portugal. A breve trecho, as hostes do Gungunhana espalhavam a morte, a destruição e o roubo por todas as regiões fronteiriças, sem o menor respeito pelas leis internacionaís.

Ora, o govêrno português, em mais de uma conjuntura difícil, tratara com êle como de igual para igual, a ponto de lhe conceder o posto de coronel de 2.ª linha, a manutenção de residentes no seu *kraal*, e a recepção solene dos embaixadores que enviou a Portugal e que até chegaram a ser recebidos no paço.

Não tinha, portanto, a menor razão o acto da rebeldia do Gungunhana. Mas as intrigas, os maus conselhos e as ambições de várias companhias estrangeiras que ali tinham os seus interesses, e a política perniciososa de algumas potencias que cubicavam uma maior expansão colonial, induziram o inexperiente régulo aos excessos que o tornaram perigosissimo para o prestígio de Portugal na Africa.

Após várias e repetidas tergiversações e muitas peripécias que constituem a história cafreal dos últimos tempos da parte sul da provincia de Moçambique, foi resolvida a expedição de 1895. Era necessário reprimir a rebelião dos indigenas de Lourenço Marques, de que o Gungunhana foi, senão o principal instigador, o mais responsável consentidor pelo menos.

Rompendo as hostilidades, foram as forças divididas em duas colunas: uma, operando no interior do distrito de Inhambane, e a outra, no sul, no de Lourenço Marques.

Nesta ultima região feriram-se os dois importantes combates de Magul e Marracuene que tanto engrandeceram o nosso prestígio colonial. Nas terras de Gaza, o combate de Coolela acabou de desmoralizar as mangas vátuas. Em todo o caso, o memorável incêndio de Manjacaze, onde residia o Gungunhana, não era ainda sufficiente para terminar a campanha empreendida por Portugal. Enquanto existisse o famigerado régulo, subsistiria o perigo duma resistência demorada que, com o decorrer do tempo, se poderia tornar desesperadamente enérgica.

Foi então que Mousinho de Albuquerque concebeu o ousado plano de ir a Chaimite prender o Gungunhana, embora contasse com reduzidas forças.

O régulo, avisado do avanço das forças portuguesas, enviou por duas vezes dinheiro e presentes, pedindo a Mousinho que não se fatigasse mais, pois êle próprio iria dar todas as explicações e render vassalagem ao rei de Portugal, seu pai.

Como Mousinho não atendesse a tais pedidos, pois estava informado das intenções do Gungunhana que pretendia apenas ganhar tempo, e pôr-se a salvo, fugindo para o Transvaal, o régulo enviou-lhe ter-

ceira embaixada pelo seu filho Godide, que ficou como refens.

O criado Maxaxi correu, na ânsia de salvar o Godide, indo encontrar o Gungunhana a caminho de Guijá, a uns dez quilómetros de Chaimite. Quando êste ouviu o recado do filho, não lhe deu a menor importância. Tratava-se de se salvar a si mesmo, antes de tudo. O filho que se arranjasse como pudesse.

Foi então que Sonie, mulher principal do Gungunhana e mãe adoptiva do Godide, se rojou aos pés do marido a suplicar que salvasse o rapaz, mesmo à custa do próprio sacrificio.

Comoveu-se a fera que disse, por fim:

— Tens razão. Voltamos para o Chaimite. Não devo deixar matar o meu filho que não tem culpa do que succedeu.

Quando Mousinho chegou à cidade sagrada de Chaimite, avançou temerariamente para a cubata maior, gritando a plenos pulmões:

— Gungunhana! ó Gungunhana!

Nisto, appareceu o régulo que pretendeu parlamentar.

— Senta-te, primeiro — ordenou Mousinho.

— Onde?

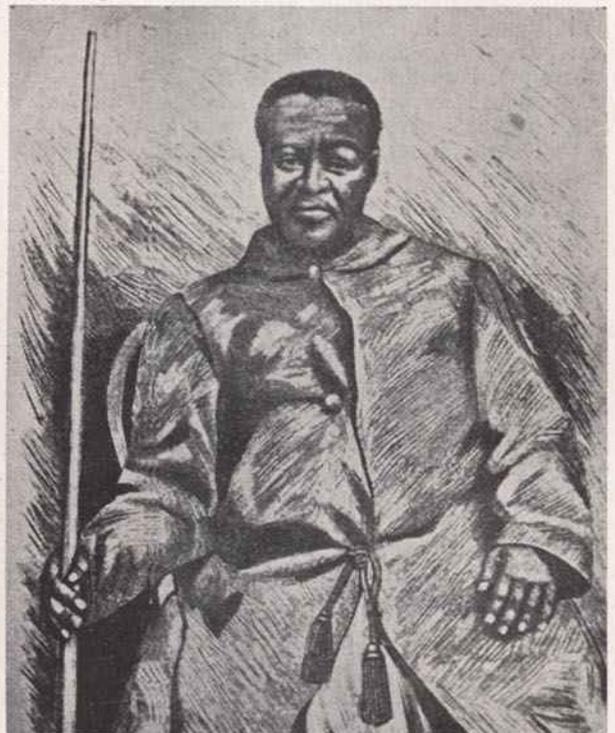
— No chão, pois onde havia de ser?

— O chão está sujo.

— Pois é mesmo no chão que hás de sentar-te.

E, lançando-lhe as mãos aos ombros, Mousinho forçou o régulo a aninhar-se, mostrando assim aos guerreiros negros que o seu chefe acabara ali a sua carreira.

Gungunhana foi conduzido para Lourenço Marques, e dali trazido para Lisboa. Ao cabo dum curto estágio no forte de Monsanto, foi transferido para Angra do Heroísmo, onde veio a falecer no dia 23 de Dezembro de 1906, vitiado por uma congestão.



Gungunhana.



Victor Manuel III, actual rei da Itália

A Casa de Saboia deve constituir para a Itália um dos seus mais legítimos orgulhos. No seu escudo ostenta a palavra FERT que, embora não o pareça, tem para os italianos um altíssimo significado, além duma gloriosíssima tradição.

Enquanto a Itália declinava, absorvida sucessivamente pela Alemanha, pela Espanha e pela França, formava-se ao pé dos Alpes um Estado que, apesar da influência francesa, conseguiu tornar realidade e soberana.

Essa terra de Saboia que, durante a Idade Média, era como que uma dependência da monarquia dos Capetos e dos Valois, nunca deixou de aspirar à sua completa autonomia, subordinando a este pensamento toda a sua política. Os príncipes saboianos dedicaram-se sempre a engrandecer os seus domínios: uma vez com o Piemonte, outras com o marquezado de Saluzzo, a cidade de Genebra, a região de Vaud, o marquezado Montferrato e várias províncias francesas.

A Casa de Saboia, utilitária como nenhuma outra, procurava subir mais e mais, fôsse como fôsse. Não lhe importava mostrar-se respeitosa com os gibelinos, se aguardava alguns privilégios do imperador da Alemanha. Aproveitava todas as ocasiões de guerra entre os seus vizinhos para apoiar o que maiores vantagens lhe oferecesse pelo seu auxílio. Assim se foi engrandecendo a soberania dos primeiros condes de Saboia, pois era este o único título que podiam usar.

Entre esses condes figurou Amadeu V, o Grande, ao qual o imperador da Alemanha, após o cerco de Rhodes, concedeu a divisa FERT com cruz branca que significava *Fortitudo ejus Rhodum tenuit*, ou seja: "O seu esforço salvou Rhodes..".

Ficou sendo esta a divisa da Casa de Saboia, de cujo seio saía, a breve trecho, Amadeu VI, o Conde Verde, assim cognominado por ter aparecido com armadura desta cor num torneio celebrado em Chambery no ano de 1348. Grande foi o esforço deste conde na elevação do prestígio da sua dinastia de varões atilados. Cem anos depois, Amadeu VIII era elevado à categoria de duque, embora a sua aspiração fôsse uma coroa de rei.

O duque Carlos III, de Saboia veio procurar noiva em Portugal, tendo casado com a infanta D. Beatrix, filha do rei D. Manuel, que levou, além dum enxoval riquíssimo como o Venturoso Soberano de Portugal e das Índias lhe poderia dar, cem mil ducados de ouro, e cinquenta mil em joias.

Em face disto, não se pode dizer que Portugal não tivesse contribuído para a elevação da Casa de Saboia.

Do casamento do duque Carlos com a infanta portuguesa, nasceu um menino que mal respirava, supondo todos os físicos que lhe assistiram que poucas horas viveria. Diz-se até que a respiração do recém-nascido foi auxiliada pelos lábios duma dama da corte que carinhosamente se prestou a esta missão. Quando foi baptizado, recebeu o nome de Manuel Felisberto, em homenagem a seu avô materno, D. Manuel I de Portugal, e em virtude dum voto que seu pai fizera a S. Felisberto de Tournus, santo da sua devoção, para que salvasse o inocente doentinho. É que, em face do desânimo dos mais hábeis físicos, só um milagre poderia salvar essa criança.

Ainda assim, para não fugir ao uso da época, foi chamado o astrólogo que deveria ler o horóscopo do pequeno Manuel Felisberto que para ali jazia inerte, enfermo e tolhido, talvez agonizante, nas brandas almofadas do seu berço ducal.

O sábio, após uma rápida consulta aos astros, declarou que essa criança viria a ser um grande guerreiro que todo o mundo havia de admirar e temer. Acrescentou ainda que daria mais glória à

Sob a égide A divisa da Casa de Saboia Uma dinastia persistente

Casa de Saboia do que os seus ilustres antecessores Pedro, o Pequeno Carlos Magno, ou Amadeu V, o Grande, ou até Amadeu VI, o famoso Conde Verde.

Estas palavras, proferidas com a maior convicção pelo mago, causaram o assombro de todos os que as ouviram. Podia lá ser! Mesmo que resistisse à morte, o recém-nascido estava condenado a ser um abortivo toda a sua vida. E, assim, mais valia que Deus o levasse para si.

Mas o astrólogo insistia com a autoridade dum oráculo:

— Ha de ser um guerreiro que causará espanto no Universo. Os astros nunca se enganam. Tempo virá em que todos os que duvidam desta profecia, abençoarão os felizes pais dum tão glorioso herói!

Ao ouvir as consoladoras palavras do mago, a mãe sufocou-se em pranto porque as atribuía a uma intenção piedosa, e o pai, mais resignado, moveu a cabeça em ar de dúvida, limitando-se a responder:

— Que Deus te ouvisse, amigo!

Decorridos três anos, o pequeno Manuel Felisberto mantinha-se no mesmo estado de debilidade, sempre com a cabeça caída sobre o peito, e sem forças para ter-se em pé.

Foi então que o pai o enviou a Bolonha para que beijasse os pés do papa Clemente VII que passava ali para coroar o imperador Carlos V. O pontífice, comovido com o raquitismo da criança, e para ser agradável ao duque de Saboia, prometeu fazer cardeal o pequeno Manuel Felisberto, logo que este tivesse idade para envergar a púrpura sagrada.

Daqui veio a designação de *cardelzinho* que deram ao petiz durante alguns anos, e que tanto o irritava, pois não



Manuel Felisberto, de Saboia, o herói de Saint-Quentin

do "FERT" Casa de Saboia que confia na sua sorte

sentia a menor tendência para a vida eclesiástica.

Tempos depois, começou a melhorar e a robustecer-se, e não tardou a exercitar-se no jogo das armas e cobrir-se com as pesadas armaduras da época. Tendo seu pai tomado o partido de Carlos V contra Francisco I da França, Manuel



Victor Manuel II, unificador da Itália

Felisberto não pôde ocultar a máguia que lhe causara o facto de seu irmão mais velho, o príncipe Luís do Piemonte, ir servir nas fileiras do imperador da Alemanha.

Sentia-se fadado para grandiosas façanhas guerreiras que seu irmão nunca seria capaz de realizar. Portanto, não descansou enquanto seu pai não o autorizou a seguir a vida da guerra que tanto o atraía.

Como se vê, o astrólogo tinha razão. O enfadado Manuel Felisberto veio a tornar-se num dos mais gloriosos capitães do século XVI. A derrota que infligiu aos franceses na batalha de Saint-Quentin ficou memorável para honra da Casa de Saboia.

Elevado ao posto de general no exército de Carlos V, o jovem Manuel Felisberto ordenou a reedificação da cidade de Hesdin, que o imperador mandara arrazar, num ímpeto de crueldade. Em poucos meses surgiu, como por encanto, uma cidade nova, a um quarto de légua da antiga. Situada entre os pântanos do

Mesnil e junto ao Canche, foi alvo da admiração de todos os seus visitantes. Para que não desaparecesse a sua origem, Manuel Felisberto pôz-lhe o nome de Hesdin-Fert acrescentando ao nome antigo as letras da divisa da Casa de Saboia.

Rodaram os séculos sobre isto, e a Casa de Saboia subsiste com o significativo FERT no seu braço.

Quando Victor Amadeu II surgiu, apressou-se logo a tomar parte na guerra da Sucessão, umas vezes a favor de Luís XIV, e outras ao lado da Austria. Ao ser assinada a paz de Utrecht, em 1713, obteve a Sicília, com o título de rei, que conservou durante sete anos para o trocar pela posse da Sardenha.

Victor Amadeu II manteve a divisa FERT, mas modificou o braço. Os antigos condes de Saboia ostentavam uma águia negra sobre campo de ouro; o novo rei da Sardenha colocou a águia ao centro, e acrescentou o escudo com as armas de Chipre, Jerusalem, Génova e Piemonte. Finalmente, ao cabo de tantos séculos de instabilidade, ora servindo uns, ora servindo outros, os Saboianos conseguiram cingir a coroa real, ainda que dum reduzido território, mas esperanças na eloquência da sua divisa.

Durante a soberania napoleónica, a dinastia dos Saboianos desapareceu, para voltar a reinar na pessoa de Carlos Alberto após a queda do terrível corso. O novo Saboia modificou também o braço, substituindo a águia negra pela cruz branca. Mais tarde, forçado a abdicar em seu filho Victor Manuel, o desalentado Carlos Alberto despediu-se do seu reino, amargurado pela derrota que os austríacos lhe infligiram, e tremendo pelo seu sucessor que ia cingir uma coroa salpicada de lágrimas.

Chegara a hora de Victor Manuel II que ficaria sendo o excelso unificador da Itália. Graças a Mazzini, a Cavour e ao irrequieto Garibaldi realizava-se o grato sonho que os Saboianos vinham acalentando durante muitos séculos.

Hoje, que a Itália atravessa horas de incerteza ante a guerra com a Abissínia, e a aplicação das sanções que a Sociedade das Nações lhe impôs como nação agressora, o rei Victor Manuel III continúa a confiar na divisa do seu braço



Garibaldi, o grande colatorador de Victor Manuel II

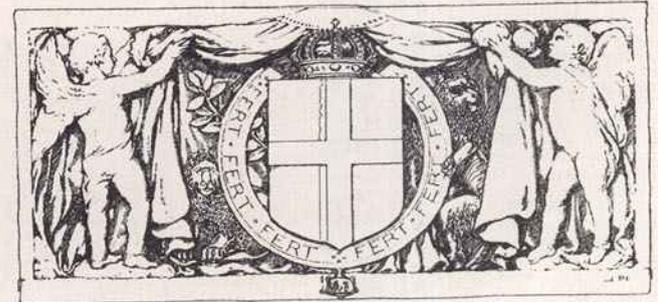
de armas com a fé robusta dos seus antepassados.

Com efeito, a Casa de Saboia, guiada pelo FERT, voltou as costas à França para se aliar com a Prússia. Vencida a sua marinha em Lissa, e derrotado o seu exército em Custoza, a Itália ganhou no Veneto. Pouco tempo depois, em 20 de Setembro de 1870, entrava triunfalmente em Roma. Ficava assim terminada a sua obra: em 1713, transformação do ducado em reino; em 1859, aquisição da Lombardia, e anexação dos ducados de Toscana, Parma e Modena; em 1860, conquista de Nápoles e parte dos Estados Pontifícios; em 1866, o Veneto; em 1870, Roma.

Até agora, como se viu, cumpriu-se sempre a profecia da divisa dos Saboianos...

O que será o futuro? A sorte tem, como todas as mulheres formosas e requestadas, os mais extraordinários caprichos, contribuindo muitas vezes para aniquilar aqueles de quem mais se aproximam.

Mas, se "querer é poder", razão têm os Saboianos para persistir...



Órmas da Casa de Saboia



Cagliostro

As predições de Cagliostro e as desconfianças de Pina Manique

vidar: tudo o que fôra profetisado se tinha cumprido rigorosamente. O rei Luís XVI, monarcha fictício, seria destronado e morreria no cadafalso no 39.º ano da sua vida...

Um clamôr de protesto e indignação interrompeu Cagliostro que, sempre perturbavel, replicou:

— O que direis vós se isto se confirmar? Pois ficai sabendo que também a rainha será decapitada... Mais ainda, a princesa de Lamballe será assassinada em Paris, após ter sido salva da prisão... Tudo isto se cumpriu.

Gibelin, nas suas Memórias, diz que, tendo o cardeal de Rohan consultado o conde de Cagliostro, êste lhe predisse o célebre processo do colar da rainha. O cardeal não lhe deu crédito, mal pen-

deux août, Giuseppe Balsamo, de Palermo, a été enfermé dans la Bastille, à Paris, par le roi de France, Louis seize.

Nestas linhas continha-se uma nova profecia: a destruição da Bastilha. Segundo o método tão amplamente explicado por José Balsamo, o que traçara na parede da prisão podia ser lido assim:

Paix, peuple ami!... En dix-sept quatre-vingt neuf, la Bastille assiegée, le quatorze juillet, sera renversée par toi, de fond en comble, dans Paris.

Carceris Gramen Matietur Arcem, Domitor Arcis.

Para explicarmos êste sistêma, podemos servir-nos de um dos exemplos que Cagliostro adotou, e relacionado com um facto conhecido de todos.

Segundo êle dizia, o nome das coisas está intimamente relacionado com as mesmas, e de tal modo, que contém todo o passado, presente e futuro, sendo apenas necessária habilidade para o poder descobrir.

Cagliostro havia designado os célebres acontecimentos que deveriam desenrolar-se em França por *Revolution Française*.

Fez então notar que nessas dezanove letras estava a profecia dessa mesma revolução, pois que formavam o seguinte anagrama: *Un corse voté la finirâ.*

Apesar da formidável fama que ganhara, o conde Cagliostro foi expulso da França por ordem expressa do rei.

Correu mais alguns países, em que lançou o virus do desassossêgo, e veio parar a Lisboa com várias cartas de recomendação.

O intendente Pina Manique, tomando em consideração as denúncias recebidas de Itália que davam Cagliostro como homem sem fé em Deus, criador de feitiços, invocador de fantasmas e agente da Maçonaria, não descansou enquanto o não viu fóra de Portugal, apesar das muitas simpatias que conquistara.



Pina Manique

sando que bem depressa se veria encarcerado na Bastilha pelo motivo previsto pelo mago.

Cagliostro, apontado como cúmplice, foi igualmente encarcerado, e, ao cabo de nove meses, sendo conduzido ao Parlamento, afim de ser interrogado, provou que as únicas relações que tivera com o cardeal se limitaram a estudos de alquimia.

Durante a sua permanência na Bastilha, Cagliostro gravou na parede da sua cela, servindo-se de um prego, esta inscrição:

En dix-sept cent quatre-vingt cinq, le vingt

Catarina de Medicis ante a evocação do espírito magico



QUANDO o famoso Cagliostro appareceu em Lisboa com cartas de recomendação para o rico negociante Anselmo José da Cruz Sobral, o perspicaz intendente D. Diogo de Pina Manique não o perdeu de vista um só momento.

O tão discutido mago, que percorrera a Europa com os títulos supostos de marquês de Pellegrini, conde de Harat, conde de Phenix, marquês de Runa, e, por fim, conde de Cagliostro, conseguira introduzir-se nas salas das mais gradas famílias lisboêtas, atingindo, a breve trecho, o prestígio do príncipe.

O desconfiado intendente é que não se deixava influenciar com as patranhas do aventureiro. Assistindo a um sarau no velho solar das Picôas, Pina Manique, registava atentamente os gestos e os dizeres do Cagliostro.

Como o seu particular amigo marquês do Lavradio lhe citasse vários factos em abôdo do estrangeiro, limitou-se a resmungar:

— Hum! não me cheira bem aquela cara!

Teria razão o intendente?

O conde de Cagliostro foi o profeta da guilhotina que decapitou Luís XVI e Maria Antonieta, e da destruição da Bastilha.

Quando, desejo de reformar a Maçonaria que, segundo êle, tinha perdido tôda a tradição filosófica e as chaves com que poderia recuperar o conhecimento dos mistérios ocultos, pretendeu impôr a Maçonaria Egípcia perante o Congresso Maçónico de Paris, reunido no dia 10 de Maio de 1785, expôs largamente as suas teorias que foram escutadas atentamente pelas mais altas sumidades. Uma das suas afirmações que mais impressionou a assembleia baseou-se na importância dos nomes e a sua relação íntima com a essência das coisas e ideias que representam. Como preâmbulo explicou a predição da morte de Catarina de Medicis que o bispo Lucas Gaurie fizera com o maior desassombro. Lembrou também a profecia de Ruggieri sôbre o último Valois e o primeiro Bourbon, e citou, por fim, as predições referentes a Luís XIII, Luís XIV e Luís XV. Portanto, não havia que du-

NATAL

UMA TRADIÇÃO QUE NÃO MORRE



que nos faz que o novo sonho desabe como os precedentes, ao sopro da desilusão?

O que nós queremos é ter a ilusão da vida, mesmo quando a morte anda rondando perto.

E não ter nada em nós que nos convide a viver, ainda que sofrendo, é morrer, julgando que se vive, é andar cego com os olhos cheios de luz.

Que os dias passem, que os meses corram formando anos, mas sonhemos, esperemos sempre um amor que não vem, um bem que nunca chega.

E enquanto sonhamos e o sonho tarda em realizar-se, enquanto esperamos e nada nos toca em sorte, recordemos os dias, os meses e os anos em que a vida nos sorria, já que recordar é uma forma de viver, ao alcance de toda a gente.

Deus é grande e misericordioso. Como a humanidade tem de ser toda em retalhos de fortuna e miséria, de luto e prazer, deus-nos a todos os dons supremos que nos irmanam, o sonho e a esperança e, quando êstes falham, a recordação de tudo o que foi, mesmo sem ter sido nada...

Os anos acumulam-se em séculos, as tradições vão caindo em desuso, mas nem todas passam. Uma persiste, e sempre viverá, enquanto o mundo for mundo — o Natal.

É verdade que não conserva em suas manifestações exteriores a grandeza e a santa ingenuidade de outras eras.

As crianças já não acreditam no Pai Natal, como já perderam a absoluta e cândida inocência da infância dos tempos idos.

Pobres crianças, a quem a vida ensina tão cedo a viver.

Os filhos e os netos já não vêm de longas terras tomar lugar à mesa da consuada dos queridos velhotes que ainda esperam essa consolação. E é curioso que quanto mais facilidades de transporte para

a reunião de família, nesse dia festivo, mais ela se fragmenta e custa a juntar.

Dantes, que quasi era preciso fazer testamento antes de se porem a caminho — tão longa era a jornada e tão incerto o chegar — ninguém faltava ao chamado do patriarca da família para em conjunto erguerem louvores a Deus.

É que então a existência corria serena e calma, como nesta deliciosa saudade de Edouard Plouvier nascido do povo e nunca esquecendo a sua origem:

*Ah! le bon temps qui s'écoulait
Dans le moulin de mon grand père!
Pour la veillée on s'assemblait
Près du fauteuil de ma grand mère
Ce que grand père racontait
Comme en silence on l'écoulait!
Et comme alors gaîment trottait
Le vieux fuseau de ma grand mère,
Comme il trottait.
Et quel bon temps! Quel temps s'était.*

Dantes, a gente aquecia-se suavemente à luz do sol, hoje a gente torra-se, e não raro se queima, nas chamas da ambição que toma por completo as energias e consome o tempo, e nada fica para arriscar a viagem-relâmpago dos expressos ou dos modernos transatlânticos.

Uma carta mais ou menos efusiva, um simples cartão postal substituem o beijo do encontro, na festa da família.

Mas o que não muda, e jamais será diferente nem menos sincera, é a devoção por Jesus Cristo que nesse dia veio à terra, nas palhas do estábulo de Bethlehem.

Podemos não comer juntos as filhotes tradicionais, mas ao mesmo tempo, em qualquer canto do globo, todos nós elevaremos em nossa alma os mesmos hinos de gratidão e fé, em honra d'Aquê que para salvar-nos do pecado sofreu escárnios e torturas.

O pecado continua na sua faina de perdição, mas quem se apegar à sua crença, quem se acolher confiadamente à protecção do Filho de Maria pode fugir-lhe, pode sair vencedor na luta com a maldade.

Nesse dia, que conta o maior acontecimento da história da humanidade, que ninguém deixe de bendizer Jesus e que ninguém descreia do seu amor.

Mercedes Blasco.

PASSAM os dias, os meses correm formando anos, os anos acumulam-se em séculos, muitas esperanças e muitas tradições, mas há um sonho que sempre fica, uma esperança que perdura, uma tradição que não morre.

Em nossa alma, alfbre de ilusões paredes meias com o cemitério de sonhos mortos, por mais que soframos, por mais que desesperemos, a florinha azulada de uma quimera teima em romper o gêlo de camadas sucessivas de infortúnios, e a luz de um nova esperança vem guiá-la para o alto, para a vida.

Nós não podemos viver sem sonhar e sem esperar, e passamos por cima dos sonhos mortos e das esperanças dispersas, levantando a bandeira dos novos ideais, tal como o soldado caminha, no campo da batalha, tropeçando nos destroços das suas fileiras, galvanizado pela aspiração de alcandorar o pavilhão da sua pátria em novos domínios.

E mal de nós todos se não fôsse essa mentirosa luzinha que se acende em nosso peito, quando lá dentro só sentimos a treva.

Que nos importa que essa esperança nos minta, como nos mentiram outras,



A tsarina da Rússia

prova pelos seguintes exemplos bem recentes: Quando a rainha Vitória de Inglaterra tinha dezesete anos, um jovem romântico acalentou o sonho de a pedir em casamento. Não tendo nascido em berço de ouro, entendia ele que a humildade da sua origem poderia ser suprida pela grandeza da sua paixão. De resto, o amor nunca teve gerarquias.

Um dia, houve alguém que, condoído do pobre rapaz, e reconhecendo a sua sinceridade, lhe fez ver o absurdo de uma tal aspiração. Pois como poderia casar uma futura rainha com um plebeu? — Plebeu, plebeu, não é tanto assim — replicou o amoroso com a maior dignidade — não se esqueça de que serei herdeiro do título de *baronet*. — Isso não vale nada,



A rainha Vitória de Inglaterra

A FINAL, a velha lenda que nos conta a triste história daquela princesa, tão formosa, como desgraçada, que se apaixonou por um jovem mendigo com o qual lhe era impossível casar, tem a sua razão de ser nos tempos modernos.

Se já não ha fadas generosas com varinhas de condão, nas clareiras dos bosques, existem ainda — e existirão enquanto o mundo for mundo — corações que, galvanizados pelo amor, realizam prodígios formidáveis, e até loucuras inconcebíveis.

Segundo a referida lenda, um jovem mendigo, indo esmolar á porta do palácio do rei, ficou deslumbrado com a beleza da princesinha que se encontrava á janela. Fitaram-se e amaram-se. Mas que poderia ele aspirar, sendo um pobre de porta, embora sôb os seus andrajos latejasse um coração magnânimo? Escorçado por um guarda, o mendigo foi embrenhar-se num bosque próximo, e ali, nessa solidão sagrada, deu largas á sua dor.

Dias depois, passou uma fada que o transformou num príncipe garboso e senhor de incalculáveis riquezas. Não lhe era difícil ir pedir a mão da princesinha. Esta, porém, quando o príncipe lhe confessou o seu amor, limitou-se a responder: — Não pretendo tornar-me mais desgraçada do que sou. O meu coração não me pertence. Amo um mendigo que costumava passar aqui pelo palácio. Um dia, contemplou-me, e nunca mais voltou!

Francamente, esta paixão dum mendigo por uma princesa, e vice-versa, parece que só num conto de fadas ficaria bem para ampliação das aventuras da filha do rei que guardava patos, e da Gata Borralheira que encontrou um príncipe a fazê-la feliz. E, no entanto, não é assim, como se

meu amigo — declarou o outro — o título de *baronet*, como deve saber, é o mais ínfimo de todos os que a vasta escala da nobiliarquia britânica nos apresenta. Não tinha ilusões...

Caíndo em si, o rapaz sentiu tal desespero que emigrou para a Austrália, donde nunca mais voltou. Antes, porém, compôs uma balada repassada de tristeza que teve grande voga em todo o Reino Unido.

Com a nossa rainha D. Amélia deu-se muito pior.

A formosa filha do conde de Paris tinha despertado uma tão ardente paixão dum mancebo parisiense que este, ao ter conhecimento do projectado enlace matrimonial da princesa com o então príncipe D. Carlos, herdeiro do trono de Portugal, teve o arrojô de lhe escrever uma carta, jurando-lhe que se mataria no próprio dia da boda. E cumpriu. Os jornais

GRILHETAS DA REALEZA

Namorados de rainhas

Suspiros abafados pelos arminhos da majestade

da época relataram largamente este trágico facto.

Um outro adorador, mais prático do que o seu tresloucado concorrente, levou a sua audácia a escrever á mesma augusta dama, propondo-lhe um rapto, e prometendo-lhe um verdadeiro paraíso terreal num pitoresco rincão da Grã-Bretanha.

A rainha Alexandra, antes de adquirir esta gerarquia pelo seu casamento com o rei Eduardo VII de Inglaterra, teve também um pretendente dinamarquês que, se não era precisamente um plebeu, não possuía a condição social necessária para aspirar á mão duma princesa.

Decorridos muitos anos, este amoroso mostrou ter de tal modo gravadas na sua imaginação as feições do seu ídolo que lhe pintou, de memória, o retrato, enviando-o, em seguida á corte londrina.

Num livro de Memórias, publicado ha tempos em Paris, contendo as revelações sensacionais de Alexis Dobrowitz, correio secreto da infeliz tsarina da Rússia, são narradas as cenas mais emocionantes.

A autenticidade destes relatos é garantida, não só pelo próprio Dobrowitz que foi testemunha presencial, mas pelos irmãos Charles e Henri Omessa, coordenadores deste livro, que confrontaram e confirmaram toda a documentação transcrita, pois passaram muitos meses na Rússia. Charles havia sido encarregado duma missão especial em Petrogrado e em Moscovo nos primeiros dias da revolução bolchevista, e Henri tinha sido destinado ao serviço de informação — propáganda e espionagem — de que o seu país carecia.

Ha nêsse livro dois capitulos — *Uma confissão imperial* e *Diário da Imperatriz* que atraem singularmente pelo seu feitiço de intensidade feminina. Palpita nas suas páginas a alma atormentada e mística de Alexandra Feodorovna, esposa do último Imperador de Todas as Rússias.

Conta Alexis Dobrowitz que, andando a cursar direito na Universidade de Kiev, teve a desgraça de perder o pai no cerco de Porto Artur. Sua mãe, mal podendo viver com a exigua pensão de viuva dum oficial, viu desmoronar-se o futuro desfogado que sonhara para o filho. Exausta de recursos, como poderia mantê-lo nos seus estudos? No auge da aflicção não hesitou em dirigir-se á imperatriz a implorar a sua piedade.

Não perdeu as passadas. A tsarina, comovida com a pungente história da viuva, colocou-a no Palácio como camarista, dando-lhe, a breve trecho, o cargo de mordoma-mór do Palácio de Inverno.

Quanto ao rapaz, agradando-lhe o seu desembaraço e inteligência, deu-lhe o cargo de seu correio secreto. Entretanto, poderia seguir para Kiev, a completar o curso de advogado.

Uma noite, ao sair do Grande Teatro, desta cidade, Alexis recebeu um telegrama de sua mãe, chamando-o urgentemente a S. Petersburgo, onde chegou em 17 de Outubro de 1905.

A imperatriz recebeu-o no seu gabinete, fronteiro ao Museu do Ermitério, e mandou retirar as aias pois desejava confiar a Alexis os seus primeiros segredos...

A confissão de tsarina foi entrecortada por soluços e lágrimas.

— Alexis, o que vou revelar-lhe só é conhecido por duas pessoas: sua mãe que é uma excelente mulher, e Ana Virubova, cuja amizade é a minha melhor salvaguarda. Hesitei muito em recorrer a si, não porque tivesse a mais leve dúvida acerca da sua lealdade e discreção, mas porque me repugnava carregar o seu espirito moço com o peso terrível dos meus segredos. Antes de mais nada, responda-me a esta pergunta que lhe faço: julga que uma mulher colocada num trôno, por mais alto que este seja, deixa de ser uma miserável coisa, exposta a todas as injustiças e a todas as amarguras? Você é ainda muito novo para ter perdido as mais radiosas ilusões... Pobre de mim! Mas, depois de ouvir-me, compreenderá que uma mulher como eu pode ser, simultaneamente, soberana e infeliz, omnipotente e desgraçada...

Ante o assombro do jovem, a tsarina rompeu novamente em soluços.

— Não, não devo contar-lhe o meu segredo porque, decerto, não o compreenderia. No entanto, confio em si.

E, dirigindo-se a um pequeno cofre, retirou de lá um envelope lacrado que entregou ao mancebo.

— E' este o meu diário desde Outubro de 1902 até Setembro findo. Contém todas



A tsarina nos seus tempos de princesa Alix de Hesse

as vibrações da minha alma durante êsses três anos. Um dia, quando amar, quando sentir o coração pulsar apaixonadamente, abra este envelope e leia o diário que escrevi. Nessa altura, ha de compreendê-lo.

Dobrowitz cumpriu fielmente as instruções da imperatriz, guardando religiosamente o envelope lacrado com o seu segredo.

Só após o pavoroso massacre da família imperial em Ekaterinenburgo, é que se decidiu a sondar o misterio amoroso da desventurada soberana.

Soube então que a tsarina amara um general, cujo nome Dobrowitz ocultou, e que tais amores tiveram o mais trá-



A rainha D. Amélia de Portugal



A rainha Alexandra da Inglaterra

gico epilogo com um bárbaro assassínio.

Vem a propósito dizer que, nessa época, os jornais de todo o mundo aludiam ao carácter romântico da imperatriz da Rússia, citando até pormenores dos seus tempos de princesa Alix de Hesse. Afirmavam que ela patenteou sempre uma índole tão travessa e coquette que, atraía as atenções de muitos homens, mesmo daqueles que, pela sua posição social, não deveriam levantar sequer os olhos para uma dama de tal estirpe. Vinha aqui a história dum advogado que, enamorado perdidamente pela princesa, abandonou a sua carreira, visto considerá-la indigna da suas aspirações amorosas. Quando soube que a princesa dos seus sonhos ia

casar com o czar da Rússia, o desventurado enlouqueceu, morrendo, anos depois, com a idéia fixa do seu casamento com a formosa princesinha Alix.

E quantos mais exemplos poderíamos citar ainda!

Há pouco tempo ainda, os jornais referiram-se á paixão dum oficial de marinha pela princesa Ileana da Roménia. Ao que parece, os dois namorados lembraram-se de dar um passeio tão longo, tão longo, que de certo não voltariam mais a Bucareste.

O barco em que seguiam viagem foi retido no primeiro porto, acabando-se o idílio como o triste despertar de um sonho lido.

Todo o príncipe ou princesa que deseje dar livre curso ás suas afeições, tem de recorrer ao casamento morgânico que constitui sempre um escândalo ruidoso na Corte, implicando quasi sempre a maldição paterna.

Os filhos de reis nasceram para ser simples autómatos sem vontade, impedidos pelas altas razões do Estado para os braços de quem não conhecem e que, por sua vez, subjugados por idéntico motivo, aceitam o casamento como um suplicio.

A mais humilde plebeia, que leva a sua vida escravizada á labuta exaustiva que mal lhe dá o pão de cada dia, se lamenta a sua triste sorte ao compará-la com a opulência de tantas princesas que casam por entre festas ruidosas que todo o mundo admira, e porque não sabe que as filhas dos reis são mais escravizadas do que ela, pois não podem escolher o eleito do seu coração.



A gruta do Leite, em Bethlem, onde nasceu Cristo

Adarmos crédito ao relato bíblico que nos apresenta o rei Herodes a degolar inocentes crianças, por ocasião do Natal, como se estes fossem perús, o famoso potentado cometeu, com isto, a maior asneira da sua vida. Se pretendeu imitar o Faraó egípcio, que ordenara a matança de todos os petizes, na intenção de dar cabo daquele que havia de ser o Moisés, devia ter em conta também a inutilidade de tão cruel medida, como mais tarde esse mesmo soberano teve ocasião de verificar.

Lá que Herodes, o Grande, fôsse capaz duma tal malvez, ninguém o duvida, visto ter feito muito pior, até nos seus humildes tempos de simples governador da Galiléia. Embora tivesse aplicado leis repressivas contra os bandidos que roubavam e matavam com o maior desafôro, não manifestou grande respeito pela propriedade alheia, chegando a mandar roubar por sua conta o que mais lhe convinha. Em vista dum tal abuso de autoridade, o tribunal dos sacerdotes citou-o a prestar contas dos seus actos. O jovem governador Herodes compareceu ante os juizes, mas revestido das insignias do seu poder, e à frente dos seus soldados e cúmplices. Os judeus, em face de uma tal manifestação de orgulho, a que não estavam habituados, não ousaram julgá-lo.

Anos depois, Marco António, de quem Herodes era partidário, fez nomeá-lo por decreto do Senado, rei da Judeia. Esta nomeação originou uma revolta sangrenta que só terminou com a tomada de Jerusalem. Apenas o orgulhoso governador da Galiléia conseguiu sentar-se no trôno, mandou matar todos os membros do tribunal que pretendia julgá-lo.

Outros crimes tiveram seguimento,

como a morte do velho Hircano, governador da Palestina, e do qual o pai de Herodes havia sido primeiro ministro, e o massacre de quasi todos os partidários do rei Antígono, seu rival, que o precedera no trôno. Para um tal monstro, que bem poderia intitular-se o Nero da Judeia, foi um dia feliz aquêlle em que obteve, a peso de ouro, que Antígono, encarcerado à ordem de Marco António, fôsse condenado à morte.

Mas, atribuir-lhe a matança dos inocentes, é colaborar numa calúnia tão disparatada como ridícula.

A famosa degolação não passa duma lenda a que os historiadores profanos dessa época não fazem qualquer referência, à excepção de Macrobio que, por sua vez, pouca importância lhe dá. No entanto, continúa a afirmar-se que a matança atingiu todas as crianças até à idade de dois anos, em toda a Judeia. Ora, S. Mateus diz claramente no seu evangelho que foram apenas vítimas da terrível ordem herodiana as crianças de Bethlem e seus arredores, o que tira toda a importância ao facto, fóra do campo religioso.

Bethlem era, nesse tempo, uma aldeia tão pequena que nem sequer mereceu ser nomeada na lista de povoações judaicas feita por Nehemias. Mesmo que tivesse havido matança, esta não atingiria uma dúzia de petizes. Assim se explica que os historiadores não tivessem mencionado um tal facto que, a dar-se, nada afectaria um rei, cuja história espadana sangue por todas as páginas.

Filho de mãe árabe e de pai arameu, Herodes dizia-se romano de alma e coração, ou, pelo menos, fingia sê-lo. Para enviar ouro a Roma, não hesitou em despojar muitas famílias ricas de Jerusalem, fazendo, ao mesmo tem-

o Virgem-Mãe, por oitoberto Lücher



HA DOIS MIL ANOS

A DEGOLAÇÃO DOS INOCENTES

Quem avisou a mãe de Jesus da perseguição de Herodes?

po, tudo o que pôde para introduzir nesta cidade o imperador romano, grato pelo bom comportamento de Herodes, decidiu aumentar-lhe os Estu- um teatro e um grande anfiteatro, onde se realizavam combates de gladiadores e corridas de carros, mais de Basan, e o mando das terras de Auranitis e, mais tarde, jogos em honra do imperador Traconítide, famosas pelos seus ladrões com os quais Herodes havia de entender-se ás mil maravilhas. Tais inovações, absolutamente estranhas aos costumes judeus, levantaram tão grande desconfiança que tinha o desacato a Roma, avolumaria a tentamento, que Herodes, para o acalmar, decretou a sua importância, e, então, a pobre águia simbólica, tou que fôsse restaurado o templo de Salomão, despedaçada e esquecida entre os pedregulhos Mas, por mais que fizesse, nunca chegou a agradar aos reverentes, podia renascer como a fênix, tomar ao seu povo. Como tivesse a deplorável idéa de rumo do Capitólio e dar parte do sucedido a mandar colocar sobre a porta do sagrado edificio uma águia doirada, emblema do poder de Roma, o povo da Judeia, seu vassallo, com mimos e honrarias.

Como todos os potentados orientais, Herodes teve muitas mulheres. No entanto, segundo as crónicas, a única por quem professou amor verdadeiro foi uma tal Mariana que tinha tanto de formosa como de perversa. O rei adorava-a com paixão ardente, e sujeitava-se a todas as suas imposições caprichosas. Um dia, o namorado sobeano foi acicidado pelo ciúme, e, julgando seguras as informações obtidas, mandou matar a linda Mariana, que nem mesmo pôde justificar-se. Cumprida a sentença, o tirano começou a sentir emorsos, entrando numa exasperação física e moral de tal espécie que atingia, por vezes, as proporções da loucura. Por qualquer futilidade continava à morte os seus melhores amigos, sem os poupar aos mais atrozes suplicios. pelo palácio correram rios de sangue. Os próprios filhos do cruel monarca, Alexandre, Aristóbulo e Antipater, foram acusados por seu pai de conspirar contra êle, condenados à morte e executados com grande número de amigos, todos com alta posição na corte.

Ante tantos horrores, até a própria natureza pareceu indignar-se. Quasi todo o reinado de Herodes foi amarrado por epidemias, terremotos e omes que, juntamente com a guerra dita pelos árabes fronteiros, causaram milhares e milhares de vítimas.

Vem a propósito ci-

tar em abôno do odiado Herodes, um rasgo de generosidade praticado por êle, e talvez o único de toda a sua vida criminosa. Por ocasião duma dessas calamidades, quando a fome assolava toda a Judeia, Herodes vendeu todos os seus objectos de valor, entre os quais uma formosa baixela de ouro, e mandou comprar trigo no Egipto para acudir à miséria do seu povo. Ele próprio distribuía as rações com a maior equidade.

Foi nessa altura que conquistou o seu título de Grande que tanto o orgulhava.

Já, no fim da vida, como lhe constasse que estava para vir ao Mundo o Redentor da Humanidade, Herodes tomou as suas precauções, uma das quais, a ser verdadeira, foi a de dar cabo de uma dezena da petizes da aldeia de Bethlem. Do Oriente tinham chegado a Jerusalem os três Reis Magos que desejavam adorar o Messias recém-nascido. Dizem os Evangelhos que o rei Herodes, perturbado com todos estes acontecimentos, convocou o conselho dos príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, a fim de tomar as necessárias precauções.

Sabia-se que os Reis Magos perguntavam a quem viam e, sem a menor prudência:

— "Onde está aquêlle que é nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo."

Herodes usou, então, dum estratégia que poderia ter dado um resultado seguro: chamou secretamente os Magos, e, depois de inquirir do tempo exacto em que a estrela apparecera, enviou-os a Bethlem com esta recomendação:



a Degolação dos inocentes, quadro de Moretto

— "Ide, e preguntai diligentemente pelo menino. Quando o achardes, participai-me, para que também eu vá, e o adore."

O que se passou, é de calcular. Os Reis Magos foram a Bethlem e revelaram à Virgem Maria e a S. José a recomendação do rei Herodes. Assim se explica a fuga para o Egipto, e a retirada prudente dos Reis Magos, partindo para a sua terra por outro caminho.

Segundo o evangelho de S. Mateus, foi nesta altura que o rei Herodes, irritado com o procedimento dos Magos que tão limpamente o ludibriaram, ordenou a tal degolação dos inocentes que, por certo, não teve aquela expansão que lhe foi atribuída.

Refugiado nas margens do Nilo, o menino Jesus foi crescendo, e cultivando a inteligência a tal ponto que aos dez anos já sabia argumentar com os doutores da lei.

Ora, como as profecias prometiam a vinda dum Messias para redenção da humanidade, surgiu o Cristo.

E de seu sacrificio em prol da libertação dos oprimidos, resultou a mais formidável revolução de que o Mundo teve conhecimento.

Gomes Monteiro.



a montanha de Herodes, vista de Bethlem



Aquilino Ribeiro

Acaba de ser posto à venda mais um livro do magnífico prosador Aquilino Ribeiro. Intitula-se «Quando ao gavião cai a pena» e dele extruímos o capítulo que segue:

ESTAVA à noite escura, mas clara que fosse o António das Arábias não via onde ponia o pé. A terra era para ele um vago plano movelido sobre o seu corpo oscilava... Oscilava, e por milagre não ia ao chão. Com a morraça que empinava, de rebentina, para a sossega e o seu desespero, um desespero que parecia arrepelido por quantos cabelos tinha na cabeça, e ao qual não descortinava sentido, acabara por obscurecer-se-lhe o entendimento. Mas o instinto de andarilho lá o levava, e de certo pelo melhor caminho, pois, ainda que metendo a cortamato, não ia esbarrar-se com parede ou penedo, nem cair em chafurdo. Tropeça aqui, bordeja acolá, afrouxando agora, como se lhe faltasse de todo corda, para logo romper em acelerado, lá ía. Não se interrogava; interrogar quê? No cérebro levava apenas trevas. As gâmbias é que iam cumprindo a obrigação; mexerem-se, e de seu movimento, sim, tinha uma noção quasi clara. Mas, anda que anda, a terra começou a lobrigar-se; sentiua, primeiro; depois, enxergou-a. O céu por cima dele adquiriu a forma convexa e livida de forno depois de esquentado. Do nó ressaltaram as rodadas negras dos tojos e dos sarçaços engabelados pelos roçadores. E a chá afigou-se-lhe um mar salpicado de ilhas negras, frequentinas. A questão era evitar as ilhas.

O António das Arábias lá ia singrando, de começo o espírito não menos fechado que os olhos. Depois, à medida que o céu abria, abria-se-lhe a razão. Em sua alma reinava uma espécie de lusco-fusco. Não se lembrava nada do que lhe sucedera, mas boa coisa não fôra. Era como se tivesse sido amputado duma parte qualquer do corpo; o corpo todo se doêsse;

não atinasse, porém, em precisar qual o membro sacrificado. Julgava saber que ia para casa era de noite; estava no meio da serra. Sim era de noite; lá estavam os penedais, grandes e enoveladas sombras que o viam passar como mêdos adormentados. Ouvindo hirando susurro numa das pausas da sua marcha incerta, percebeu que era um corregozinho que se despenhava, cantando e acordando, de salto em salto, o silêncio da noite. Atrás dêste rumor ouviu outros, mais longe, e suspendeu-se à escuta: fira o môcho? O môcho com a macarena que aprendeu na arca — ficou a remor na imaginação. Adiante. E, ao jogar as pernas, pareceu-lhe que ao lado as sombras se moviam. Afirmou-se. Não havia dúvida: as sombras marchavam com êle; escoltavam-no. Estendeu o braço; as sombras afastavam-se algum tanto. Ah, eram lôbos, dois de cada banda, enormes mas pacatos, e tinham uma risada no focinho negro. Lôbos dêstes, que compreendiam com convicção, era novidade. Mas que tinham êles que o acompanhavam? Espera lá... E bradou:

— À coa! À coa!!!...
Bradou com a força tôda dos pulmões, mas tinha a garganta muito ferra e não lhe saiu mais que um rouquido. Mesmo assim as quatro sombras distanciaram-se e, abrindo em leque as duas mãos, saltaram por aquêbe mesmo oiteirinho pelo qual êle ia trepar. No cimo um dêles vivou. Vivou lá à sua maneira um vivo semelhante ao gemido de criançainha doente, choroso e fêbil, tão tênue que parece mentira sair tal murmurinho de goela assim larga e reforçada. Vivou duas vezes e o António das Arábias, ainda que ficou tão arrepiado homem feito àqueles passos, que se lhe puseram os cabelos em pé. Enxergava agora melhor o chão e pôde notar que os penedos o fitavam com catadura de caso. E a fugir ao barrocal, que era lugar dos demônios para tôda a espécie de bandoleirismos, pôs-se a remontar terreno, mas os lôbos a um de fundo postaram-se à sua mão, como se quisessem dizer:

— Para diante é que é Almeida!
Temeroso, o António das Arábias chegou-se a um penedinho e, por detrás dêle como solidado por detrás do parapeto, encarou com as testas espaçosas e robustas dos lôbos. Pareceu-lhe conhecê-los e disse:
— Já nos encontramos não sei onde... ou é lôgro dos meus sentidos?
— Já nos encontramos, já — respondeu a ferra mais alentada e que comandava a alcatéia. —



Os lobos e o caçador borracho

Não há muitos dias que mataste o meu companheiro...

O António das Arábias coçou a nuca e lembrou-se dos dois tiros que dêra semanas antes ao hirbante do lôbo, com a pele do qual atestada de palha, tirara boa maquia pelas portas. Caramba, plantara os dois tiros ali direito ao coração que nem pregos num cêpo! Mas o pavor que agora se apoderava dêle empanava a ufania:

— Não fui eu?... Juro... pela minha boa sorte. — Onde se fazem se pagam. E' hoje o teu último dia.

Ouvindo aquilo no foro da sua consciência, o António das Arábias palpou-se: não trazia arma, nem boa nem má. Ocorreu-lhe então o que se passara na venda de Zorrazais e, a tal lembrança, soltou um gemido que até as próprias feras espavoriu. Depois, encomendando-se a todos os santos da côrte celestial, a mascar padre-nossos, ergueu-se para seguir caminho; os lôbos embargaram-lhe o passo.

— Deixais-me passar? — disse êle em tom ao mesmo tempo afito e formalizado.

— Tu é que vais passar para o nosso bandulho. O António das Arábias tornou a palpá-lo e a procurar de arma, depois, de fôstoros que ao charivarrif alijentam os lôbos, mas nada descobriu. A tiracolo, sim, encontrou um corpo duro... olha! olha a buzina. Para que lhe servia a buzina...?

— Deixais-me passar?... E' uma... é duas... é três! — e, com a energia do desespero, baixando-se a um calhau, jogou-o ao lôbo grande com tanta rapidez e gana que, pôsto o apanhasse de raspão, lhe fêz dar ronco e o remeteu àquela distância que, em boa razão social, deve mediar entre o bicho-homem e simplesmente um bicho. Aparentando-se do efeito produzido, tornou com certa arrogância o António das Arábias:

— Deixais-me passar?
— Não te lembras do que fizeste? — disse o-

tra voz que devia ser a dum lobato. — Fôste tu que mataste o nosso pai...
— E me enfiaste dois bagos de chumbo nas orelhas — proferiu segundo lobato.

— E chacinaste nosso tio o ano passado — acrescentou um terceiro.

— E' falso! E' falso! — gemeu o António das Arábias. — Eu não sou caçador... eu nunca peguei numa espingarda!...

— Mate-se! — regougaram os três.

O Arábias, como bom lusitano, pôs-se a trapacear chorando que nem uma vide:

— Mas já considerastes no que ides fazer? Já? Comeis-me e depois? Depois dão pela falta e desatam à procura de mim. Acabam por saber que fui comido pelos lôbos e então é que são elas! Vem a tropa com espingardas de guerra, levanta-se o povinho dos montes e fazem como na Alemanha que para vingar um menino trucidado pelos lôbos lhes deram tal batida, de cabo a rabo de não sei quantos reinos e ducados, que não ficou um para amostra. Vêdes bem o que vos espera...?

— Aqui não é Alemanha, meu rico; aqui é Portugal e a justiça portuguesa. Papamos-te bem papado e, se alguma alma caridosa te rezar um padrenosso por alma, estás com sorte.

O António das Arábias, verificando que seguia dialéctica errada para bichos que tinham a escola tôda, mudou de rumo, sempre a bater o dente e a pingar a lágrima:

— As leis que governam a criação não são das mais sábias; não. Porque não havemos todos de ter igual direito à vida? Amigos a valer homem, lobo e carneiro...?

Os lôbos saltaram nova gargalhada, agora com requintado cinismo, e o António das Arábias pela segunda vez notou que pisava terreno falso e contraproducente. Não cessando de cairr-se, pronunciou:

— Bem, estou pronto a deixar-me comer, mas ouvi, posso ao menos dizer adeus ao mundo?
— Adeus ao mundo...? — repisou um dos lobatos, não percebendo o Arábias se em tom de faécia se de circunspeccão, e que parecia o filho mais malhado da senhora sua mãe. — Que é isso?

— E' eu despedir-me do sol e da lua, da terra e do céu, do rio e dos montes, em cima dum penedo... êste aqui atrás e que tem a altura requerida para a cerimônia, despedir-me lançando o meu toque de buzina...

A lôba vivôa torceu o focinho a titulo de que era perigoso e podia dar senha nas aldeias. Mas o António das Arábias obtemperou, mais choramingas e melado do que nunca, apoiado pelo lobinho gracioso e condescendente, que aqueles andurriaes estavam tão a dentro do êrmo que nem o clarim de Roldão se ouviria nos povões.

— E que valia que ouvisse...? — bravateou o lobato. — Em meia hora recolheste ao fole das migas.

Com o consentimento dos lôbos, que ficaram a aguar a denteça para a delicada operação de cortar carne humana, saltou o António das Arábias do penedinho a que se apoiava para um penedo mais alto. E levando a trompa à bôca tirou arrastado e magnífico clangor: ta-ta-ta-ta, ta-ta-ta-raa! A noite branqueou como se a terra tirasse as côcas para ouvir; em roda, os penedos avultaram em sua intonsa nudez e desconforto

aparência; o ragatinho calou-se; o mocho não pium mais; ao longe repercutiu o quer que fosse; cavalinho que fugia da toca amedrontado, gato bravo que quebrava imprevisamente o encavalamento de amor.

— Salta-me, salta-me já cá para baixo — resmungou a lôba mãe com arregaço. — Se soubesse que fazias tanto escândalo não te deixava subir lá acima.

— Não se affija, senhora mãe, que temos tempo. Deixe-me fazer a digestão da ovelhinha que se mandou ao anoitecer, — tornou o lobato machuchinho.

— Salta abaixo! tornou a lôba.

— Só quero que me deixes tocar segunda vez. Agora é dos homens e dos animais, das lêbres e dos coelhos, das perzizes e dos pombos que me quero despedir. Por favor... — e das cordas vocais, alagadas de lágrimas, a voz saía-lhe pastosa e titubante.

— Não, não, uma vez e basta!
— Deixai e eu juro pedir por vós ao Pai dos bichos, que nunca falte lombo de carneiro, perna de cabra...

— Deixe o roncar outra vez pelo canudo, senhora mãe — intercedeu um segundo lôbo. — De verdade êste homem é pândego. Em alguma coisa se há de passar a noite. E eu estou, como aqui o mano, sem appetite...

— Podem ouvir...
— Agora:

O António das Arábias levou a buzina nos lôbos dizendo com sincera gratidão:

— Então à saúde dêste senhor lobinho que me parece criatura bem intencionada e há de ir longe! Para que viva: ta-ta-ta, ta-ta-ta-raa!!!
Caramba, a noite pareceu abalada, ao longe, nas suas pregas negras e remotas. Clareou mais o céu. Aborrecida com a brincadeira, a lôba disse:

— Salta-me, senão vou lá acima e vens de escantilhão por aí abaixo! Salta-me!

— Já vou, já vou — respondeu o António das Arábias, melodramático e enfrenzando-se em sua inútil colardia. — Mas ouvi: bichos de prospria como sois, diante dum inimigo de tômo como sou, não é bonito estar com exquisites. Que raio, deixa-se-lhe carta branca por uns minutos. Pelo menos pergunta-se-lhe antes de aplicar a sentença: qual é o teu último desejo e respeita-se-lhe a vontade.

— E qual é esse último desejo, animal fantástico e caprichoso? — interrogaram os lobinhos a um tempo, muito divertidos com o pagode.

— O meu último desejo — respondeu António das Arábias com o hrio de quem não vê apelo nem remissão à sentença — é que me deixes despedir de minha mulher e de meus filhos, tocando a trompa ainda mais uma vez. Vou dizer-lhes que façam constar por tôda a parte, ao menos nestas falperras de Portugal, que o rei dos animais não é o homem mas o lôbo, sim senhor, o lôbo, e que por consequência todos os bichos, racionais e irracionais segundo a escrolástica, vos devem respeito real. Tudo é questão de principio!

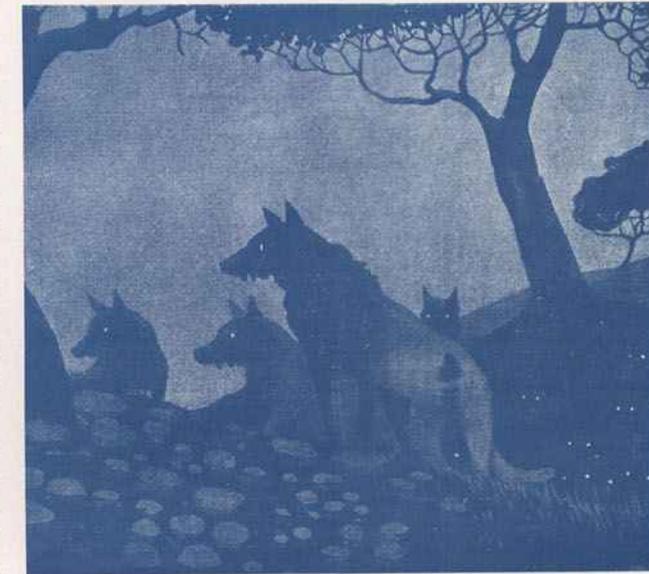
Folgaram muito os lobinhos com aquela proposição e de muito feito obrigaram a lôba mãe a anuir a desejo tão reinado:

— Não tenha mêdo senhora mãe, e deixe-o dizer à cristandade que o lôbo é rei. Deixe-o bular à gaita que Zorrazais, a terra mais próxima, está tão enterrada entre bosques que lá nem se há de chegar a ouvir a corneta do Vale de Josafá.

O António das Arábias apromou-se no penedo; limpou a bôca às costas da mão e concentrou o alento todo: ta-ta-ta-ta! ta-ta-ta-ta! ta-ta-ta-ta! E tão vilante e animoso foi o clangor que a buzina fez estoriar e o António das Arábias caiu como morto em cima da penha.

(Do livro Quando ao gavião cai a pena).

Aquilino Ribeiro.



A GUERRA ENTRE OS INSETOS

As frias realidades dos tempos que vão correndo dão-nos a certeza de que, quanto mais a civilização avança, mais o homem persiste nos seus defeitos ancestrais.

Com a descoberta do microscópio, o homem conseguiu sondar a vida dos pequeninos insectos, e averiguar que êsses míseros seres, desprovidos da inteligência criadora e do prodigioso auxílio do raciocínio, lutam pela existência com o cálculo das povoações civilizadas.

Os insectos fazem o que sempre fizeram com rara habilidade; o homem é que pouco ou nada adiantou.

Através das lentes do microscópio surge ante a nossa vista extasiada um mundo novo.

O estudo de todas as fases da preparação de uma embuscada, da espera paciente, do ataque cheio de destreza de uma aranha, por exemplo, representa sempre um espectáculo interessantíssimo.

Uma das espécies de aranhas mais curiosas para observar é a aranha saltadora no momento de lançar-se sobre a presa. A luta pela vida neste insecto tem um carácter quasi humano. Os seres mais pequenos apresentam-se como verdadeiros monstros de crueldade.

As formigas oferecem também objecto curioso de observação. Os costumes dêstes himenopteros deram motivo a muitas descrições famosas, como as de Fabre, o grande naturalista que mereceu de Victor Hugo o cognôme de "Homero dos insectos".

O ódio, a ira, a alegria e o amor manifestam-se nos actos dos seres aparentemente inferiores, e as feridas causadas pelas mandíbulas de algumas espécies chegam a causar arrepios a quem as observa.

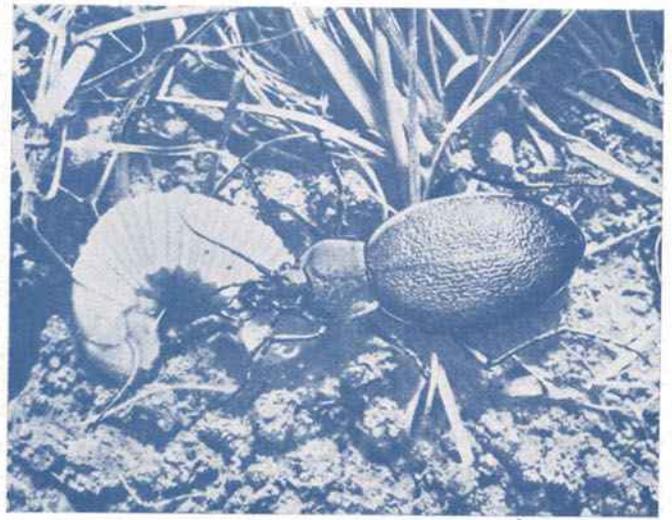
Ao longo da sua pele observam-se as vísceras palpitantes, e o seu corpo diminuto, contraído pelas convulsões da agonia, estremece num derradeiro arranco. Esta luta com a morte, observada em organismos tão débeis, causa uma penosíssima impressão.

Entre os animais invertebrados, os moluscos cefalópodos, os insectos, os crustáceos, e principalmente os aracnídeos,

é que podemos encontrar maior encarniçamento na luta pela vida. São êstes, portanto, os que merecem ser estudados com preferência.

O sábio naturalista Jean Rostand descreve magnificamente as várias fases da morte dum sapinho embrionário devorado por uma larva da libelinha. Depois de traçar o cenário do terrível combate, Rostand apresenta minuciosamente os elementos defensivos e agressivos de que são munidas as larvas dêstes graciosos insectos: o lábio inferior está desenvolvido de tal maneira que faz as vezes dum

Mosquito imobilizando por meio de picada uma lagarta, sem a matar, para fornecer alimentação fresca às suas larvas



Escaravelho devorando as larvas do besouro

mente com a *tromba*, entra logo a devorá-lo pela face dorsal da cauda. Enquanto o sapinho se debate, a *tromba* da larva aproxima-o das mandíbulas. Alguns minutos depois, a larva está sobre a presa, e, decorrida meia hora, muda de posição. As mandíbulas é que não ficam ociosas um só momento. Ao cabo de uma hora e um quarto, a larva deixa deslizar de entre as

garras o que resta do sapinho: um fragmento da cabeça, ou um farrapo de intestino.

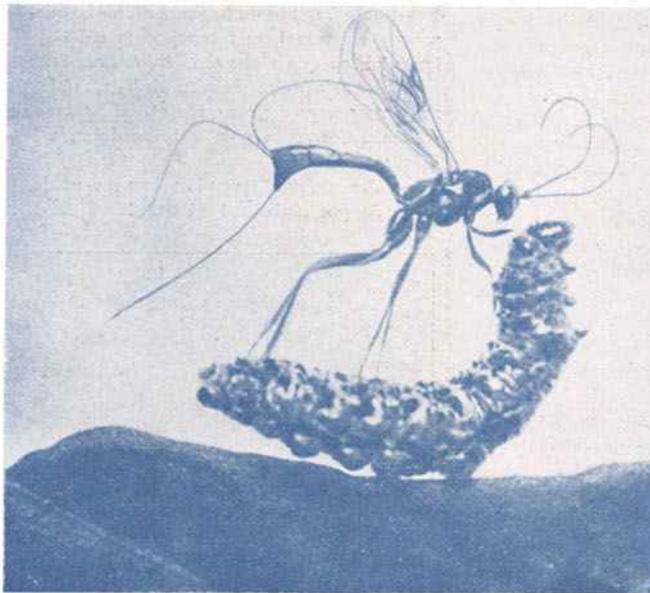
Os sofrimentos sentidos pelo desgraçado sapinho, devorado em vida, ultrapassam o limite do que possa imaginar-se. Como se vê, toda a Natureza, em toda a escala dos seres que povoam o mundo, é um teatro de tragédias atrozes, enormes e minúsculas.

Por sua vez, a larva que se apresenta tão feroz, tem numerosos inimigos, entre os quais o escorpião de água que é o pior de todos. Este

hemíptero, de corpo achatado, tem a face provida de quatro dardos barbelados que servem, ora de bomba as piradora, ora de quádrupla seringa de Pravaz. Tendo apanhado e imobilizado a sua presa, procura o sítio próprio, e injecta-lhe o venêno. A vítima, paralisada, agonizante, deixa-se então aspirar e esvasiar pela seringa do seu adversário.

Outros encontram meio de dominar a sua presa, triturando-lhe os centros nervosos, sem com isso lhe destruir outros órgãos essenciais. Assim, a vítima, paralisada, mas viva, pode ser guardada e conservada, sem auxílio de frigoríficos para estar sempre fresca e apetitosa.

Que tem adiantado o homem nos seus ímpetos de ferocidade?



pára-choques, podendo ser projectado para a frente e sujeitar a presa.

"Acabo de observar uma larva — diz o sábio — que, sem mais cerimónias, arpoou um sapinho embrionário. Apanhado pelo dorso, êste debate-se com violentos golpes de cauda. Mas a larva não o larga. Dominando-o solida-



Luta feroz de duas formigas

PRÉMIO NOBEL DA QUÍMICA

OS EXPLORADORES DO ÁTOMO

As investigações científicas dos esposos Joliot-Curie

O Prémio Nobel da Química foi este ano atribuído aos esposos Joliot-Curie pelos seus notáveis trabalhos sobre a radio-actividade artificial.

M.^{me} Joliot-Curie é, como se sabe, a filha de Pierre Curie e de Maria Sklodowska, a ilustre mulher de ciência que se tornou célebre sob o nome de Madame Curie.

O Prémio Nobel constitui já uma tradição nessa família de sábios ilustres. Pierre Curie e sua mulher obtiveram-no, pela primeira vez em 1903. Após a morte de seu marido, M.^{me} Curie prosseguiu nas suas investigações e em 1911 o prémio foi-lhe novamente conferido, pela descoberta de dois elementos novos: o rádio e o polónio.

O falecimento de Madame Curie deixou no mundo científico uma vaga que sua filha, colaboradora assídua desses trabalhos, foi chamada a ocupar. Seguindo o exemplo de sua mãe, a jovem cientista procurou no matrimónio aquela colaboração dedicada que Pierre Curie dera a sua mulher. Casou por isso em 1926 com o dr. Frederic Joliot, sábio modesto e investigador persistente. Unidos numa íntima compreensão, os dois esposos lançaram-se no caminho das pesquisas científicas e o seu esforço foi recompensado por uma das mais sensacionais descobertas dos últimos tempos — a da rádio-actividade artificial.

O domínio cuja exploração a família Curie empreendeu com tanto êxito é, sem dúvida, dos mais fascinantes e surpreendentes da ciência actual.

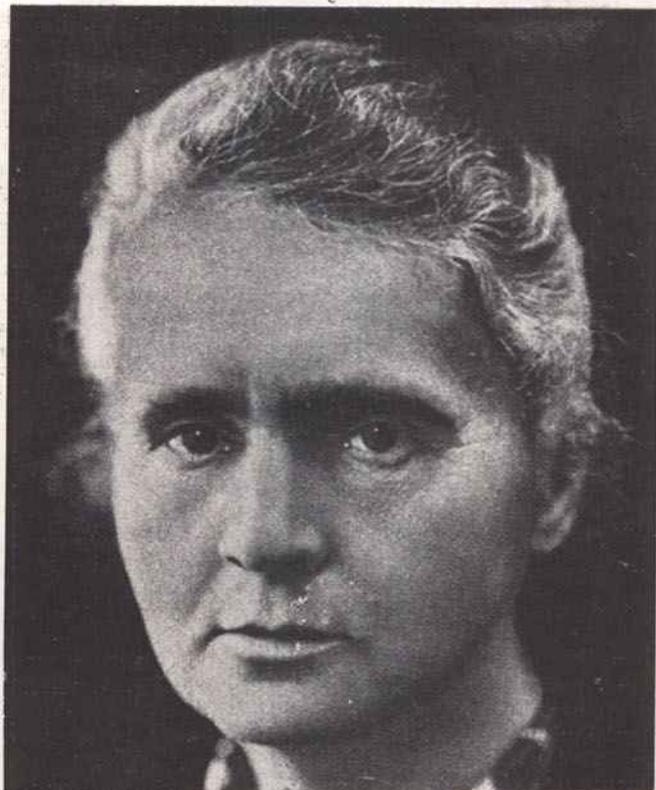
Na realidade, a estrutura íntima da matéria oferece aspectos grandiosos capazes de excitarem a imaginação mais indiferente. O vulgo é levado com mais frequência a admirar as grandezas astronómicas de que o nosso espírito tem uma representação mais directa, embora imperfeita. Mas o mundo dos infinitamente pequenos apresenta dar um menos tantos motivos de admiração e as barreiras que dum e doutro lado se opõem a imaginação humana são por igual modo longínquas e perturbantes.

Os números, na sua aridez, pouco nos dizem. Os milhões constituem para o nosso cérebro uma pura abstracção, a que não corresponde uma ideia positiva. Não serão eles portanto que nos poderão dar uma ideia da grandeza dos infinitamente pequenos. Procuremos, contudo, um método indirecto de a pôr em destaque.

Tomemos uma gota de água. Todos sabem que ela se compõe de moléculas e que o tamanho de cada uma destas se exprime em fracções do milionésimo do milímetro. Imaginemos agora que cada molécula aumentava de volume até ficar igual a um grão de areia. Para conter essas moléculas aumentadas seriam precisos 4000 reservatórios cúbicos, cada um dos quais com uma aresta igual à Torre Eiffel.

Mas todos sabemos que a molécula se compõe de átomos. Durante muito tempo foram estes considerados como a suprema divisão da matéria. A própria etimologia do seu nome implica essa noção criada, pois átomo significa indivisível.

O progresso da física matemática demonstrou que o átomo não era como se julgava uma es-



Madame Curie e sua filha

Assim, o hidrogénio tem um só *electron*, ao passo que o urânio possui 92.

Mas em que consiste o *electron*? De que novas divisões é susceptível? Não é ele matéria, mas apenas energia? Nesse caso, a matéria não existiria. Seria apenas uma forma de energia.



fera sólida e impenetrável. Verificou-se, pelo contrário, que é um edifício extraordinariamente complexo.

Se tomarmos a gota de água que nos serviu na demonstração respeitante às moléculas e quisermos aumentá-la ao ponto de tornar cada átomo perceptível aos nossos sentidos, teremos de transformá-la numa esfera cujo diâmetro será a distância que medeia entre a Terra e o Sol. O átomo tornar-se-á então visível e apresentar-se-nos-á com este curioso aspecto: ao centro, um núcleo onde estão encerrados grãos de electricidade positiva chamados *protons* e grãos de electricidade negativa, menos numerosos, chamados *electrons*. A' roda deste núcleo gravitam, com prodigiosas velocidades, outros *electrons*. O conjunto oferece o aspecto dum sistema planetário, com um Sol ao centro e astros descrevendo órbitas em torno d'ele. Facto curioso: E' o número de *electrons* que giram em volta do núcleo que determina a natureza da substância.

O núcleo de alguns átomos não é estável. Tende a desagregar-se e emite partículas, como se no seu interior se produzisse uma formidável explosão. São os átomos das substâncias rádio-activas.

O sábio inglês Rutherford foi o primeiro a pensar em utilizar este bombardeamento de partículas para obter transmutações da matéria. A sua experiência obteve completo êxito. As partículas em movimento encontraram núcleos de átomos de azoto e o choque produziu hidrogénio.

De então para cá, tem-se feito as mais variadas transmutações de elementos. E no decurso dessas extraordinárias experiências verificou-se que certos corpos, após terem sofrido o bombardeamento das substâncias rádio-activas, adquirem também o poder de emitir radiações, embora por um período de tempo limitado. E' isso que se designa por rádio-actividade artificial.

Com estes estudos, o homem atinge os próprios fundamentos da Criação. E entre os mais reputados sábios admite-se a hipótese de um ália, a desintegração dum átomo provocar a de outros e estender-se a todo o globo. Tremenda explosão abrasaria o nosso planeta, e assim nasceria talvez uma nova estrela.

Tais são alguns dos fascinantes enigmas que o estudo da estrutura íntima da matéria procura resolver. Mas nisto, como em tudo, os limites da vida recuam à medida que a ciência progride e: o homem está hoje tão distante de compreender os mistérios da criação como no tempo em que tudo ignorava.



deu-nos o prazer de admirar mais uma vez a sua obra tão variada e ao mesmo tempo tão uniforme no equilíbrio e no vigor. Little maneja com igual maestria a paleta e o lápis, mas tem uma decidida predileção por este último. Assim, a maior parte dos trabalhos que expôs era constituída por desenhos em que o artista tira todos os efeitos do traço negro sobre o fundo branco do papel. Mesmo quando recorre às cores, Little afirma-se sempre, acima de tudo, desenhador. O seu pincel é sóbrio, inclinado aos tons discretos e cede com facilidade o lugar às manchas brancas de luz. Impressionou-nos particularmente a este respeito a aguarela que representa um aspecto de Olhão. Como dissemos, os desenhos a lápis formam o fundo da obra de Heburn-Little. Não só pelo número mas também pela qualidade

O pintor Heburn-Little realizou recentemente, numa elegante sala do «Royal British Club» mais uma exposição dos seus trabalhos — aguarelas, pastéis, águas fortes e desenhos a lápis.

Little é um artista já bem conhecido do público lisboeta. Aqui vive há alguns anos, cultivando conscienciosamente a sua arte e exibindo de tempos a tempos o que lhe sai das mãos inspiradas.

Esta exposição não nos revelou, portanto, nada de novo, mas

UM ARTISTA DO CLARO-ESCURO POR UM PINTOR INGLÊS

A exposição de W. Heburn-Little

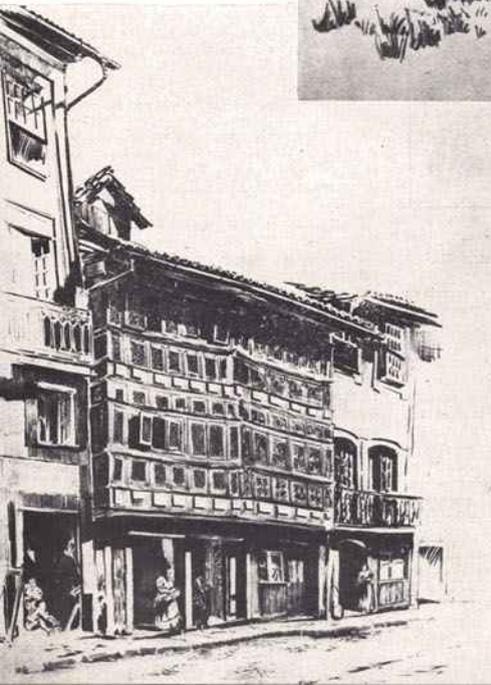
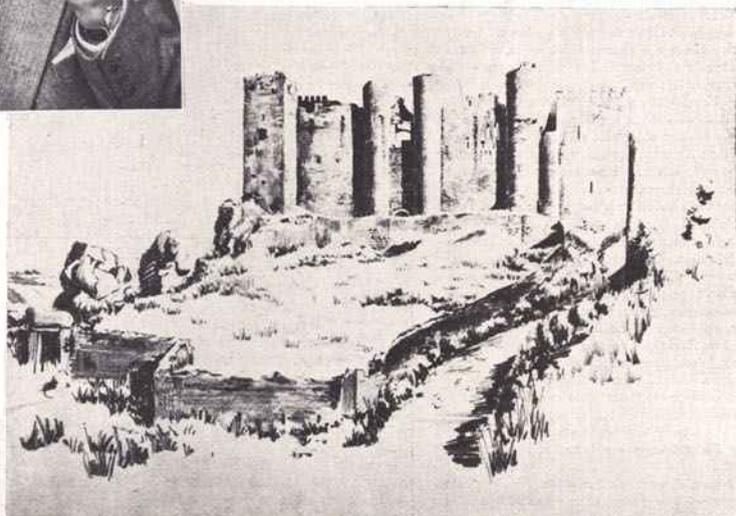
nas salas do «Royal British Club»

coube-lhes o primeiro plano na exposição.

O traço é cheio de hábeis subtilidades que moldam com vigor e exprimem, nos seus infinitos cambiantes de negro, toda a policromia da paisagem.

sagem. Porque Little dedica-se de preferência à paisagem e sabe interpretar como poucos a alma das cousas rústicas.

O desenho de Little é minucioso. Cuida do pormenor sem perder de vista o conjunto. Não despreza uma fêvera de erva humilde quando ela enquadra bem a paisagem e contribui para a perspectiva. Se se nos impusesse a necessidade de lhe apontar um defeito: diríamos que nos fatiga por excesso de perfeição. Porque Little é um dos



artistas que reproduzem com fidelidade rigorosa, quasi fotográfica. Mas pertence ao número dos raros que sabem fazê-lo sem abdicar da sua missão de interpretes da Natureza.

Caminheiro infatigável que correu o Mundo em busca de sensações visuais, este artista do claro-escuro veio um dia a Portugal. A nossa paisagem seduziu-o. Interessou-o em especial o Algarve que visitou demoradamente numa pitoresca excursão. E por cá se fixou, vai já em alguns anos facto — singular na vida de quem foi sempre um peregrino da Arte.

O carinho que toda a sua obra testemunha pela alma e pela paisagem portuguesas dá-lhe direito ao nosso reconhecimento. Heburn-Little integrou-se no nosso ambiente sem nada perder da sua vigorosa personalidade. Não estranhou o clima que forma o fundo dominante dos nossos motivos pictoriais. Viajara por outros países de Sol ardente — a Espanha, o Norte da África, o Egipto — e conhecia já, ao chegar a Portugal, a arte de fixar na tela e no papel as fortes manchas da luz meridional.

Tudo isso o impõe à nossa admiração.

M. R.



O belo edifício da Academia de Belas Artes

Não há cidade por mais insignificante que seja que não tenha o seu encanto próprio, qualquer coisa, que a torne interessante, as cidades são como as mulheres, a mulher mais feia têm sempre qualquer coisa bela a resgatar a sua fealdade, umas mãos bonitas, uns olhos suaves, um cabelo abundante e ondedado, há sempre qualquer coisa que torne suportável a sua aparência.

As grandes capitais têm as suas características e todas elas o seu encanto.

Londres é a cidade grandiosa por excelência, os seus magníficos parques, a sua vida intensa, a elegância da sua população, marcam-lhe um dos primeiros lugares.

Paris é a cidade do prazer. Os seus «boulevards» as suas praças, essa perspectiva única no mundo que do Louvre ao Arco do Triunfo, nos dá a mais bela impressão, a graça das suas mulheres, o requinte das montras, das suas lojas, fazem-nos sentir imediatamente a espiritualidade da sua gente, e ali sente-se o ambiente propício ao prazer material e espiritual.

Roma é a cidade histórica, aquela que mais profundamente nos perturba porque nos faz penetrar no passado, reviver a vida de há séculos, resurgir o que foi a humanidade e como que renascer a nossa alma, transformando a no seu ambiente, romanisando os nossos sentimentos.

Madrid é a cidade da alegria sã e pura. Uma volta nas suas ruas, de uma animação e duma vida de graude capital europeia, rejuvenesce, faz-nos sentir a vida sã e alegre dum povo expressivo, natural e acolhedor como poucos.

O carácter do povo espanhol é mais sincero que existe no mundo, rude por vezes na exteriorização dos seus sentimentos de antipatia ou simpatia.

Mas quando em Espanha se é bem acolhido, pôde ter-se a certeza, que se é espontaneamente bem recebido e que nada de falso ou de premeditado, poderá haver nêsse recebimento.

Madrid é hoje uma das mais lindas cidades da Europa, quem há muito não vê Madrid fica surpreendido, ao chegar, com a mudança da

MADRID, CIDADE DE ALEGRIA

cidade, que tem sido aumentada e embelezada com o maior gosto e sem a fazer perder em nada as suas características próprias. Madrid é sempre a capital da Espanha.

Na Puerta del Sol, na Calle de Alcalá, na Gran Via, hoje dividida em duas avenidas Conde de Peñalver e Pi y Margal, há horas duma intensa vida, duma tal animação, que poucas capitais, pôdem igualar.

A grandiosidade dos seus edificios pôde rivalisar com todas as capitais do mundo, o seu Palácio de Comunicações é soberbo, os seus ministérios, os edificios públicos, tudo o que nos nossos olhos se estende da Praça de Cibeles, pelas duas principais artérias, Alcalá e Peñalver e pela Castellana acima, faz-nos sentir que estamos na formosa capital, dum grande povo.

Mas edificios belos, ruas grandiosas, «boulevards» como os que apresenta nos seus bairros novos que nos transportam a alguns pontos de Paris, há em muitas cidades. O que nenhuma outra têm é a espontaneidade da alegria, da sua população, é um não sei quê, que ao colocar o pé no asfalto das suas ruas nos dispõe bem, nos envolve suavemente, num ambiente, de alegria, estuante de vida.

De manhã à noite a cidade vibra de alegria, de satisfação de viver e só há um pequeno descanso das duas às quatro da tarde e das oito e meia às dez horas e meia da noite.

De manhã são as graciosas e elegantíssimas madrileñas que primorosamente penteadas como nunca vi em toda a Europa, com o seu gracioso véu nacional correm para as igrejas, onde a concorrência é enorme a todas as missas, que em todas se dizem ininterruptamente das 8 da manhã ao meio dia.

A perseguição religiosa, que houve, o estrangeiro não a nota, porque em toda a parte se vêem padres, religiosos com os seus hábitos e a população demonstrando-lhes todo o respeito, tendo todos os bons católicos a maior facilidade em continuar a fazer a sua vida espiritual.

E nada mais interessante do que assistir às missas da manhã e ver a religiosidade com que a ela assistem homens e senhoras, rapazes novos e meninas, que antes de começarem a sua vida, do dia vêm pedir a Deus, pela oração para o bem fazerem. Mas o que torna Madrid encantadora ao olhos estranhos é a conservação dos hábitos nacionais, a par das senhoras com o clássico véu, vêmos inumeros homens com o chapéu romântico de feltro e a capa à espanhola.

Nos rapazes elegantes e esbeltos, essa capa tão elegante,

com o seu gracioso cabeção e as suas bandas em veludo vermelho ou setim azul pálido, transportam-nos à época do romantismo, a época da capa e espada, e faz sobressair a graça natural dos homens de Madrid.

E' pena que já se vejam tantos sobretudos e gabardines, porque ficam, elegantes como em toda a parte há, e, a capa romantiza os sobretudos aos olhos dos estrangeiros, aliando-se admiravelmente ao seu hábito nunca perdido de «hechar flores» às mulheres que passam.

O espanhol não perde êsse costume mas faz-lo com tanta gentileza, tanta graça, uma alegria tão cheia de bonhomia, que não há mulher, que se possa sentir ofendida com o «piropo» que é sempre gentil.

Madrid como todas as cidades deve ser vista no inverno, quando tem a sua vida intensa. Eu já estive em Madrid três vezes, mas nunca como agora senti a intensidade da sua vida de grande capital.

No seu teatro bem espanhol tem Madrid os melhores intérpretes da sua sensibilidade. Os teatros frequentadíssimos, completamente cheios, duas vezes por dia atestam, que o povo espanhol ainda não perdeu o gosto e sobretudo sente-se uma população abastada, porque todos os espectáculos estão concorridíssimos.

Em cinemas Madrid rivaliza com as mais ricas cidades. «Capitol» o novo cinema excede em riqueza e bom gosto os melhores cinemas de Londres.

Nas suas lojas predomina o bom gosto. Só há uma coisa em Madrid muito má. São os seus electricos, feios, sem lotação marcada, verdadeiros suplícios, que ao lisboeta trazem a satisfação de comparar com os nossos carros de que podemos orgulhar-nos, como dos melhores da Europa.

A maneira como o «ayuntamiento» trata as suas ruas é também para admirar, pois que lavadas à agulheta e a escôva parecem os seus pavimentos os de sala de visita.

Madrid é a cidade recomendável aos neurasténicos, aos deprimidos, a todos os que por um choque moral se sentem abatidos.

Cidade de alegria e vida, de sorrisos e flores deslumbrantes que nos faz ver a vida sob outro prisma.

Maria de Eça.



Fachada do edificio das câortas españolas

FIGURAS E FACTOS

O 3.º Centenário de Lope de Vega

A Academia das Ciências comemorou brilhantemente o 3.º centenário de Lope de Vega, tendo o dr. Júlio Dantas produzido uma notável oração evocativa do grande poeta espanhol que Cervantes designou por «monstruo de la naturaleza».

O discurso do eminente escritor, ouvido num silêncio religioso, foi coroado por uma vibrante e demorada ovação.

Falou, em seguida, o dr. Queiroz Veloso que historiou a obra de Lope de Vega, escritor genial ao qual o teatro da França, da Itália, dos Países Baixos e da Inglaterra deve ideias, concepções, imagens, e até o modelo para algumas obras primas.



Dr. J. Reis Gomes

Conde d'Aurora?

Paulo Freire (Mário)

Mário Barros



Do seu novo livro «O Pantano», Paulo Freire foca a acção da Espanha antes do domínio dos Felipes. Esplêndido trabalho este que mais parece um brado da Alma Portuguesa solto em ocasião sempre oportuna.

Este livro, como não podia deixar de ser, é dedicado pelo seu autor «Ao Povo Português» que acompanhou Afonso Henriques, ganhou Aljubarrota e fez 1640.

A pena vigorosa deste português de raça e escritor modelar traça nervosamente páginas que nos prendem e nos fazem pensar profundamente.

Se algum português ainda não tem a verdadeira noção das virtudes da Raça, leia este livro e ficará convertido em absoluto.

MÁRIO BARROS, quando escreveu o livro «Sempre noiva» tornou-se devedor de uma nova obra, tal foi o agrado com que a primeira foi lida e apreciada. É isso o que faz, publicando agora a «Sinfonia Incompleta» ainda no prelo.

Mário Barros é uma esperança que, antecipadamente, se nos apresenta como uma realidade risonha.

O dr. J. Reis Gomes, escritor ilustre afastado sempre nas lindas terras da Ilha da Madeira, mas perto de nós pelo coração, acaba de publicar mais um livro de contos e narrativas que intitulou «Natais». Mais um triunfo literário.

O ilustre escritor de tão belas obras acaba de publicar mais uma sobre «A vida do linho». Trata-se de uma monografia, apresentada ao Congresso de Linho e Lã, celebrado em Barcelos, em que se esgota o assunto.

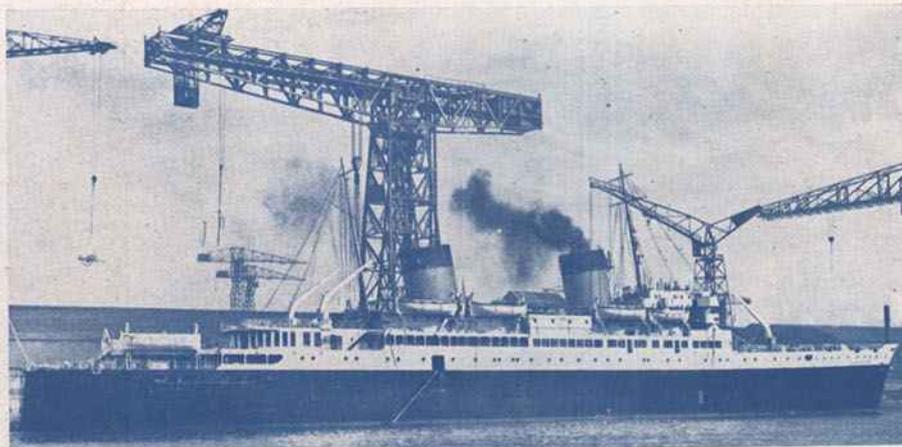
Nas páginas desta bellissima obra do Conde d'Aurora nem-se, como boas amigas, num largo amplexo, a Poesia e a Erudição.

Os Mortos da Guerra em Extremoz

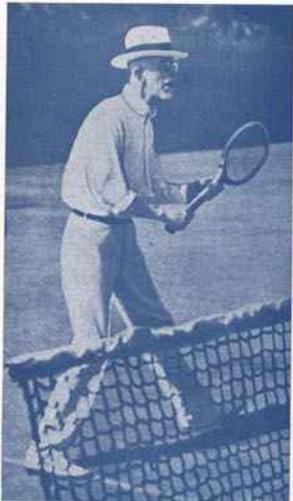


A cidade de Extremoz vai ter o seu monumento aos Mortos da Grande Guerra, segundo a «maquette» que reproduzimos, obra do ilustre escultor José Sá Lemos. Esta obra magnífica e vigorosa é digna da jovem cidade alentejana.

Uma cidade flutuante



O luxuoso paquete «Ville d'Alger» que, segundo os seus construtores, — os mesmos do «Normandie» — reúne todas as qualidades de velocidade, segurança e conforto. Fazendo a carreira entre Marselha e Argel, este maravilhoso barco liga êste dois pontos em menos de vinte horas, o que equivale dizer que é o mais rápido de todos os paquetes do Mediterrâneo.



Aparar dos seus 75 anos, o rei Gustavo V da Suécia continua a ser um excelente jogador de tênis, que pratica diariamente e em que é detentor do título do campeão na categoria dos veteranos.



O tempo caminha velozmente, num andamento de implacável regularidade que bate todos os "records", e assim nos aproxima dos Jogos Olímpicos de Berlim, onde de agora a seis meses todos os povos do mundo procurarão afirmar a vitalidade e pujança das suas raças.

Em Portugal, onde essas coisas vivem fora da esfera dos interesses públicos, pode desde já antever-se uma situação idêntica à das anteriores olimpíadas, e os representantes nacionais deslocar-se-ão em condições de recurso, porque o dinheiro é escasso e milagres não se fazem na época que decorre.

No entanto, de tempos a tempos, aparece uma notícia a animar o meio, anunciando reunião de dirigentes ou proezas de atletas em prova de preparação.

Há alguns dias, o Comité Olímpico Português reuniu na sua sede, os representantes das Federações nacionais, procurando colher informações sobre as possibilidades da representação portuguesa nas diversas modalidades do programa de Berlim.

Expondo novamente a situação, que desde o primeiro dia se conserva inalterada, o presidente daquele alto organismo comunicou que as reservas financeiras de que dispõe o Comité permitem considerar assegurada a deslocação de 24 homens, escolhidos entre os campeões cuja classe internacional seja mais elevada.

Com uma uniformidade de critérios, que seria entusiasta se não fosse ridícula, os elementos federativos declararam, em grande maioria, que os seus dirigidos estavam em condições de partir para Berlim com probabilidades de classificação honrosa. A quem interesse conhecer com pormenores as diversas declarações apresentadas à Comissão Olímpica, indicamos a leitura dos relatos inseridos nos jornais da especialidade; encontrará muita

dirigentes no sentido de alcançar, para a sua modalidade, a honra da figuração olímpica; mas esclareça-se desassombadamente a situação, dizendo-se o que é, e não o que desejaríamos que fosse.

A carreira prodigiosa do pugilista negro americano Jõe Louis pode apontar-se como sendo única no mundo, tão fulgurante tem sido a ascensão do novo astro.

Completamente desconhecido há um ano, tornou-se, neste curto lapso de tempo, a estrela desportiva mais conhecida a célebre do mundo. Pobre e miserável doze meses atrás, é actualmente senhor dum fortuna que tudo indica estar ainda no começo.

Gogea Mitu, o gigante romeno, entre dois indivíduos normais.



A QUINZENA DESPORTIVA

surpresa, e terá ocasião de verificar quão longe estava de conhecer o autêntico valor do nosso desporto, julgando o pelo critério dos respectivos dirigentes máximos.

O caso, infelizmente, não é para rir e, ante a perspectiva de repetição dos antigos erros, perguntaremos simplesmente a quem se pretende enganar? Ao Comité, à opinião pública, a quem?

Merece-nos todo o apreço o esforço dos

Jõe Louis combateu pela primeira vez em 4 de Julho de 1934, pondo fora de combate o adversário, Jack Kracken, e ganhando uma bolsa de um conto de reis. De vitória em vitória, o seu valor "comercial" foi aumentando a cada exibição e o prémio do seu quinto encontro foi já de quatro contos. No entanto a série de triunfos fulminantes, a agilidade felina, a velocidade e o poder de sóco, conjunto de qualidades invulgares num peso pesado, cada vez mais popularizavam o moço negro do bairro de Haarlem.

Os contratos foram assinados em condições progressivamente mais vantajosas; recebeu 25 contos para adormecer Ch. Massera em Chicago, 52 contos para dar igual destino a Lee Ramage, 90 contos pelo encontro com Roy Lartzer.

Depois, num salto brusco, Jõe Louis entra no campo da glória e da fortuna; em Junho passado derrota o gigantesco Carnera e embolsa cêrca de 900 contos, aos quais adiciona pouco depois mais 1.200, ganhos em dois minutos, que tal foi o espaço de tempo necessário para derrubar K. Levinsky.

Em fins de Setembro, os quatro rounds disputados com Max Baer renderam-lhe a bonita soma da 4.700 contos! Este combate, recentemente reproduzido num cinema de Lisboa foi de extraordinária superioridade do negro, que dispôs como quis do famoso adversário. O "filme", que nos foi apresentado é impressionante, e as duas fases constituem um belo documento desportivo.

O futuro profissional do negro Jõe

Louis não deve inspirar cuidados aos seus amigos; para enfrentar o espanhol Paulino Uzcedun, pouco perigoso contendor, receberá 3.200 contos, e os dois combates seguintes, que o opoarão ao germânico Schmeling e ao ocasional campeão do mundo Braddock, devem trazer-lhe cada um dêles uma bolsa de 6.500 contos.

Em resumo, continuando assim, o famoso Jõe Louis ter-se-á transformado, em dois anos de vida pugilista, no proprietário dum primeiro confortável milhão de dólares!

Proveniente da Roménia, chegou a Paris um novo pretendente à glória pugilista, cuja estatura reduz à insignificância os antigos gigantes Primo Carnera e José Santa.

Chama-se Gogea Mitu e tem 21 anos; mede de altura 2,26, pesa 145 quilos, tem 2,50 de envergadura.

Vivia tranquilamente numa aldeia dos Carpatos, mas a fama da sua força e dimensões pronto chegou á capital do reino, onde um treinador mais astucioso se apercebeu dos lucros que poderia obter se alcançasse a anuência do fenómeno a trabalhar sob sua direcção. Não foi difícil convencer Mitu, que em Bucarest iniciou a sua aprendizagem da arte do sóco e disputou os primeiros combates que todos terminaram pelo "knock-out" do adversário.

A instalação do romeno em Paris foi um caso difícil; não havia cama onde coubesse e, para arranjar onde dormir foi necessário juntar duas camas tópo a tópo e reforçar os suportes da colchoaria, pois normalmente não suportavam o seu peso.

O tamanho do calçado e o comprimento das calças causam a aflição do criado que tem o seu cargo a respectiva



O pugilista negro Jõe Louis, o homem que mais rapidamente enriqueceu, e sua mulher, com quem casou na manhã do dia em que derrotou Max Baer.

Luavro Guerra, o grande ciclista italiano, que acaba de oferecer-se como voluntário para combater em Africa

limpeza. Em cada sapato — o "pequeno" Mitu calça 59 — gasta-se uma caixa de graxa, e cabe um homem dentro de cada perna da calça.

Para êle se sentar às refeições foram precisas duas cadeiras, e a mesa ficava à altura dos joelhos.

O apetite do rapaz está em relação com as suas avantajadas dimensões. No dia da chegada almoçou dois pratos de sôpa, meia dúzia de pastéis de carne, dois bifés com batatas, quatro ovos mexidos, meio quilo de pão e meio litro de vinho; no final declarou a um jornalista que o entrevistava, sentir um fastio enorme, razão porque comera tão pouco!

Mais vale sustentar...

Já que o box nos forneceu quasi integralmente o assunto para esta crónica quinzenal, consagraremos ainda alguns comentários breves ao maior acontecimento do desporto internacional, que foi a batalha travada em Paris entre os dois pugilistas Marcel Thil, francês, e Lou Brouillard, canadiano.

O encontro despertou enorme entusiasmo porque o primeiro, há cinco anos campeão do mundo na categoria dos médios, senhor absoluto dos "rings", europeus, defrontava desta vez o homem de melhor classe entre os pugilistas americanos. Quinze mil espectadores acompanharam com ansiedade as sucessivas fases da luta, cuja emoção aumentou nos assaltos finais pela enérgica reacção de Brouillard;

nitidamente dominado até ao penúltimo assalto, transformou-se de súbito num ressaltado de novas energias, terminando o combate com maior foga e combatividade do que o contendor.

As apreciações da imprensa francesa são muito curiosas, pois apresentam as mais diversas opiniões. Para alguns críticos o triunfo de Thil foi nítido e o valor do canadiano muito distante daquêle que a propaganda intencionada do organizador fizera crer; outros, porém, exaltam, a classe de Brouillard e apreciam severamente a exibição do seu compatriota, que consideram em declínio pela acção implacável dos anos.

Anuncia-se, no entanto, que Marcel Thil vai partir para a América, o que por certo não sucederia se houvesse, no campeão, quebra de forma.

Só o futuro nos pode, contudo, esclarecer sobre se Marcel Thil se aproxima do acaso ou continua a ocupar galhardamente o pósto e que ascendeu por tantos e tão notáveis triunfos. A prova a que vai submeter-se nos "rings" norte-americanos será, certamente, decisiva a êste respeito.

Em Portugal, perguntarão os leitores, adormeceu a nobre arte? Não posso informá-los com certeza; tiveram realmente lugar alguns espectáculos anunciados nos cartazes como combates de box, mas não foi possível confirmar a afirmação.



Os noivos sr.^a D. Maria Luiza de Barros Sequeira e o sr. Dr. Américo do Carmo Santa Marta, por ocasião do seu casamento, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira. (Foto Serra Ribeiro)

NO CLUB TAURAMAQUICO

Festejando o regresso à capital do sr. marquês de Ficalho, foi-lhe oferecido por um grupo de amigos, no salão de mesa do aristocrático Club Tauramaquico, ao Chiado, um esplêndido jantar, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se no final trocado afectuosos brindes.

Foram convivas além do homenageado os srs: conde de Monte Real, conde de Seisal, conde da Anadia, D. Carlos da Câmara, Jaime de Vasconcelos Thompson, dr. Carlos Tavares, dr. Eduardo Ortigão Burnay, dr. António de Azevedo, dr. José de Faria Machado, Eduardo Pestrelo de Vasconcelos, Carlos Iglézias Viana, Luiz Ricciardi, José Iglézias Viana, António Eça de Queirós, Jorge Bleck, José de Barros Lima, Henrique Chaves, Manuel Ferreira, Cardoso Pinto, Virgílio Barroso, Adriano Maia e António Simões.

Casamentos

— Pela sr.^a D. Angélica de Queirós Pimenta de Castro Pereira de Lacerda, foi pedida em casamento para seu filho o sr. dr. Laverda e Megre, chefe da secretaria judicial de Melgaço, a sr.^a D. Alda Maria Pereira Neves, gentil filha da sr.^a D. Maria da Silva Neves e do sr. dr. Silva Neves, chefe dos serviços de saúde do Ministério das Colónias.

— Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Carlota da Conceição Sousa, interessante filha da sr.^a D. Alexandrina Rosa da Conceição e Sousa e do sr. José Carlos de Sousa, já falecido, com o distinto engenheiro-chefe das minas de Santa Suzana, filho da sr.^a D. Maria Augusta de Oliveira Montauray Nascimento Vasconcelos, e do sr. Vicente Lucas de Vasconcelos, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Manuela Nunes da Silva Sanches Matias e D. Zeferina Bisciaia da Silva e padrinhos os srs. dr. Mário Matias, secretário geral do Governo Civil de Aveiro e Humberto do Nascimento de Vasconcelos, funcionário superior da Administração Geral da Hidráulica Agrícola.

Finda a cerimónia, os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, partiram para o Alentejo, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de Santo António do Estoril, o casamento da sr.^a D. Emilia Bento, com o sr. Angelino dos Santos Dias, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Cecília de Figueiredo e D. Miquelina Bento Gages, e de padrinhos os srs. Jesus Lage e Manuel Gages.

VIDA ELEGANTE

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos noivos, em S. João do Estoril (Poça), recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Realizou-se na paróquia dos Anjos, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Regina de Anciães Proença Pereira do Vale, gentil filha da sr.^a D. Emilia de Anciães Proença Pereira do Vale e do sr. Frizio Pereira do Vale, com o distinto engenheiro agrônomo sr. João Inácio da Gama Salgueiro Costa, filho da senhora D. Ema Adélia dos Santos Gama Salgueiro Costa e do sr. Jorge Salgueiro Pinto da Costa, já falecido.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a senhora D. Carmelina da Gama Imaginário e padrinhos o pai da noiva e o sr. Carlos Salgueiro Pinto da Costa.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia da Vitória, do Porto monsenhor Artur Aurélio Pinheiro, que no fim da

missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade digna-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Antero do Quintal, um finíssimo lanche da pastelaria «Aurea» partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Adelaide da Veiga Malta, interessante filha da sr.^a D. Mariana Rosa da Veiga Malta e do sr. Francisco Manuel de Brito Malta, já falecido, com o distinto tenente de artilharia do exército italiano sr. Giacomo Aurino, filho da sr.^a D. Adelaide Esposito Aurino e do sr. Luiz Aurino, já falecido, e primo do ilustre professor Salvatore Aurino, vice-secretário do partido Nacional Fascista, em Nápoles.

Serviram de madrinhas a mãe e a irmã da noiva sr.^a D. Verdiana da Veiga Malta de Paula Nogueira e de padrinhos o irmão da noiva, senhor João Manuel da Veiga Malta e o sr. Alberto Tuozzi, ilustre ministro de Itália, em Portugal, que se fez representar pelo consul de Itália, em Lisboa, sr. conde de Nigre. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, à rua Tomaz Ribeiro, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel, partindo dali para o estrangeiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Casamento da sr.^a D. Maria Vitória Guerra Teixeira de Azevedo, com o sr. Atílio Costa Moreira, realizado na paróquia de Santa Maria de Belem, os noivos e convidados saindo da igreja. (Foto Serra Ribeiro)

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, presidido por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Mitilene, D. Ernesto Serra de Oliveira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo mestre de cerimónias reverendo dr. Honorato Monteiro, e pelo reverendo Fernandes Duarte, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Barros Sequeira, interessante filha da sr.^a D. Maria da Conceição Barros Sequeira e do sr. Luiz Sá de Sequeira, já falecido, com o sr. dr. Américo do Carmo Santa Marta, filha da sr.^a D. Adeline Silva Santa Marta e do sr. Olau Santa Marta.

Serviram de padrinhos por parte da noiva sua mãe e o sr. capitão Luiz de Almeida Ribeiro e por parte do noivo sua mãe e o sr. dr. Luiz Maria Lopes da Fonseca. Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento, a sr.^a D. Alice de Faria, gentil filha do distinto notário sr. dr. Aveilino de Faria, para o sr. Angelo Casimiro, estudante de direito, filho do ilustre poeta sr. Augusto Casimiro, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Presidido pelo reverendo monsenhor Gonçalo Nogueira, realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Maria Vitória Guerra de Azevedo, interessante filha da sr.^a D. Carlota Aurélia Guerra de Azevedo e do sr. Francisco Taveira de Azevedo, com o sr. Atílio Costa Moreira, filho da sr.^a D. Maria José da Costa Moreira e do sr. Alberto Moreira, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Clotilde Portugal da Silveira Palhinha e D. Amaleia de Oliveira Correia Moreira, e padrinhos os srs. João de Oliveira Palhinha e Alvaro da Costa Moreira.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, para o sul do país onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Cesaltina de Azevedo e Silva, esposa do sr. Tomaz de Azevedo e Silva, para o sr. Carlos Manuel de Mergulhão Roque, distinto funcionário do Banco Nacional Ultramarino, a sr.^a D. Maria dos Anjos Pacheco, irmã dos srs. drs. Duarte Pacheco, ilustre ministro das Obras Públicas e Humberto Pacheco, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

Nascimentos

— No Barreiro teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Emilia Correia da Costa Ferreira, esposa do sr. José Francisco Ferreira.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. Nuno.



As aplicações militares da astronáutica

Em vinte minutos poderá lançar-se de Berlim sobre Paris um torpedo aéreo com três mil toneladas de explosivos

Ao ver subir vertiginosamente nos ares um foguete, muitas pessoas pensaram já de certo para consigo próprias que esse meio de propulsão aplicado a veículos terrestres ou aéreos permitiria obter os mais admiráveis resultados. De facto, a ideia tem preocupado grande número de sábios e é hoje objecto, em vários países, de longos e cuidadosos estudos.

O interesse do problema é facilmente compreensível. Por um lado, as velocidades possíveis seriam infinitamente superiores às conseguidas por qualquer outro meio de propulsão até hoje conhecido. Depois, a relação entre a carga de combustível e o raio de acção modificar-se-ia por completo. Onde hoje são necessárias toneladas de gasolina, alguns quilos dum explosivo potente poderiam bastar.

Nos últimos tempos a questão safu do domínio da abstracção para o campo das experiências, embora ainda hesitantes e nem sempre bem sucedidas. Pela mesma fase passaram todos os inventos que são hoje maravilhosas realidades duma aplicação prática constante.

Esta ciência que nasce tem já os seus mártires. Um deles foi Max Valler, inventor do primeiro automóvel-foguete. O outro R. Tilling inventor do avião-foguete. Ambos morreram em experiências de laboratório.

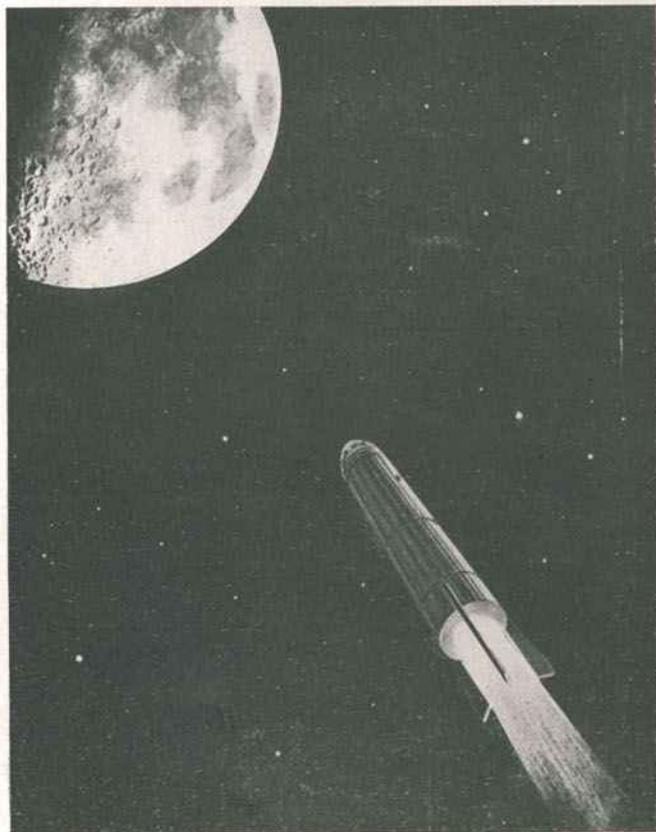
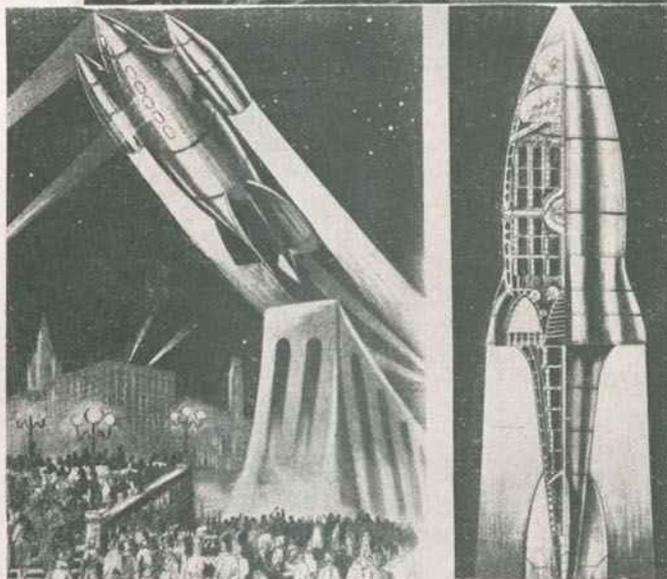
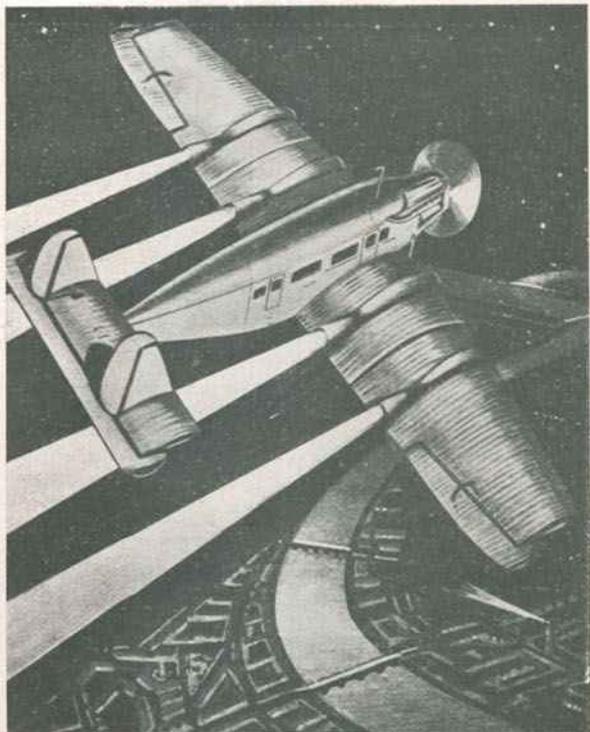
Mas o perigo não desanima os seus continuadores e vários deles se ocupam hoje intensamente em aperfeiçoar os seus inventos e encontrar a fórmula definitiva que permita transportá-los do campo das experiências para o das aplicações práticas.

Assim, ainda recentemente o engenheiro alemão Gerard Zucker tentou em Inglaterra lançar um foguetão com correio. A experiência falhou, pois após um percurso de dois quilómetros o pro-

jectil cafu num local isolado. Mas a possibilidade do empreendimento não foi de qualquer modo afectada, e com alguns aperfeiçoamentos é quasi certo que teria bom êxito.

Num velódromo francês apresentou-se há tempo um corredor cuja bicicleta era accionada por sucessivas explosões. No circuito do Avus, na Alemanha, exibiu-se um automóvel movido pelo mesmo sistema. Este processo de locomoção seria adaptável às viagens no espaço inter-planetário. Diversos autores de antecipações científicas têm-se servido dêsse princípio para justificar as suas novelas fantásticas de exploração dos outros mundos. Daí deriva o nome de astronáutica por que é conhecida a nova ciência. Convem notar que não se trata de utopias e que a questão é tratada o mais seriamente possível

Ao alto: Um avião em que o motor é auxiliado por foguetes. A direita: Antecipações do que será a partir de um veículo estratosférico, e ao lado, corte dum aparelho imaginado para viajar no espaço movido por explosões. Em baixo: A astronáutica permitirá no futuro viajar no espaço inter-planetário e comunicar com os outros mundos



em certos meios científicos. Assim, na Escola Técnica de Breslau existe um grupo de engenheiros que, dotado do material mais aperfeiçoado, procura a resolução do problema.

Como sempre a Alemanha caminha na vanguarda da nova ciência. Calcula-se que dentro de alguns anos, o invento esteja definitivamente lançado.

Este facto preocupa certos meios franceses. De facto, as aplicações bélicas de que esse invento é susceptível são aterradoras. Por meio dum torpedo aéreo accionado por foguetões é teoricamente possível lançar-se de Berlim sobre Paris, em menos de vinte minutos, 2 ou 3

mil toneladas de explosivos. Friza-se a este propósito que a Alemanha conta sempre em primeiro lugar, nos seus conflitos armados, em a surpresa técnica. Na guerra de 70 foram os primeiros canhões de aço, na de 1914, os submarinos, os gases asfixiantes, os carros de assalto. Amanhã, será possivelmente a astronáutica.

É curioso, entretanto, saber-se que o engenheiro alemão Otto Fischer realizou à tempos na ilha de Rugen, no mar Báltico, uma arriscada ascensão no primeiro veículo deste género inventado por seu irmão Bruno Fischer. Em 10 minutos e 26 segundos atingiu 10.393 metros de altura, descendo depois em pára-quadras, sem acidente. A experiência foi presenciada por sábios e militares e perante o seu êxito, a Reichswehr adquiriu o invento. Depois não se voltou a falar no facto. Como se vê, há para a França motivos de alarme justificados.

Mas fora dêsse aspecto sinistro do elemento de destruição, a astronáutica abre maravilhosas perspectivas ao progresso, onde a imaginação dum Wells encontra farto motivo de divagações. A sua introdução na prática revolucionará os meios de transporte e as velocidades que hoje suscitam a nossa admiração, parecer-nos-ão lentas a partir dêsse momento.



anos, que as coelheiras devastadas invadiram o mundo, tornadas abafos.

O modelo que hoje apresentamos é em pele de leopardo, admiravelmente preparada. A gola e cambões em verdadeira lontra cor de castanha, contribuem para o aspecto luxuoso do conjunto. Um chapéu em veludo preto ajuda à distinção da «toilette» a que um guarda-chuva ultra-moderno dá a nota deste ano.

Decididamente a moda inclina-se aos cabelos compridos. Mas ha sempre uma preocupação, que é, como ptear-se na primeira fase do crescimento em que tão difícil se torna arrastar o cabelo. A gravura que hoje damos apresenta uma lindíssima maneira de atravessar esse período difícil que todas temem.

O cabelo puxado para trás, penteado este, que rejuvenesce a mulher, é arrumado em «boucles plates» fazendo todo o movimento para o alto da cabeça e a pouco e pouco se lar todos os cabelos.

Higiene e beleza

A mulher espera sempre impacientemente o princípio das estações e os decretos da moda, que lhe dirão qual será a sua silhueta, de que forma se ha de apresentar a sua beleza, qual deve ser a cor dos seus cabelos, o tom da sua pele, e, senhoras há, que cingindo-se a essas ordens ditatoriais, de estação para estação, se transformam, numa mutação de cenário de mágica. Não aconselho ás minhas leitoras que sigam esse sistema, que se por um lado tem os seus encantos, faz com que a mulher perca por completo a sua personalidade e se torne apenas num manequim de modas, uma espécie de cadibde.

A mulher verdadeiramente distinta e duma elegância natural, segue a moda o mais próximo possível sem perder a sua originalidade própria, que em toda a parte a tornará notada.

Toda a mulher de gosto procura o que faz sobressair os seus encantos naturais, fazendo-os sobressair e não modificando-os.

É pois fácil seguindo esta norma escolher nos figurinos o que melhor nos deve ficar, tornando-nos mais elegantes e distintas.

Damos hoje um lindo modelo, para vestir uma senhora delgada: é um vestido em malha de lã. Este tecido não fica bem ás senhoras fortes e nutridas, porque colando-se muito ás formas, mais as accentua.

De cor «noisette» a sua forma «tailleur» torna-o muito apreciável para as senhoras que se dedicam a desportos.

É um belo vestido para o «golf». A saia tem na frente um canelão no próprio tecido do mais gracioso efeito. O casaco abotoado, tem a mesma guarnição na frente e fecha com quatro grandes botões. Um cinto de couro castanho acaba de o guarnecer. Um feltro castanho e luvas de lã da mesma cor, completam este conjunto duma simplicidade elegantíssima, que uma «écharp» em seda, alegre, com o seu tom «coq de roche». Para a noite uma novidade interessante são os vestidos em crêpe de lã, que Robert Riquet o grande inovador, lançou com entusiasmo. Uma das suas criações é este vestido que um lindíssimo cachêem em renda de Irlanda torna uma «toilette» das mais encantadoras.

A simplicidade do corte e do tecido são enriquecidos pela renda magnifica e é uma «toilette» da maior simplicidade e da mais requintada distincção.

Como agasalho apesar de tudo o que se tem dito são ainda as peles que têm o primeiro lugar. Claro que não são todas as peles como aqui ha

e a pouco e pouco se lar todos os cabelos.

É enorme a quantidade de senhoras que se queixam de ver a beleza da sua pele prejudicada pelas sardas. Ha duas qualidades de sardas: As provocadas pelo excesso de sol chamadas occasionais desaparecem rapidamente com as loções de água oxigenada e leite em partes iguais, e também loções de resorcinol, que diz uma espécie de «peeling» mais ou menos ligeiro, mais ou menos profundo.

Mas as sardas que vêm duma disposição especial, sobretudo as das ruivas são mais difíceis de tratar. Podem fazer-se desaparecer por meio dum tratamento forte e chegar a ficar a pele completamente limpa, mas com a condição de ficar a pessoa que as teve completamente fechada, ao abrigo do sol.

Assim que apanhar sol voltam a reaparecer. É como uma explosão espontânea. Mas não é um motivo para desgosto o ser sardas, ha caras muito interessantes a que as sardas dão graça. Mas ha ainda um remédio para as atenuar. Ao fazer a «maquillage» fazer um «fond de teint» mais escuro que dissimula isso a que ha pessoas que chamam defeito.

Uma artista

HA em França, em Chalis, um monumento há memória de Madame André. Foi mandado erigir pelo Instituto de França e nunca um monumento representara a gratidão tão justamente merecida, como este.

Madame André, em solteira Nellie Jacquemart, foi uma pintora célebre em França, uma alma emotiva, apaixonada pela arte. Retratasta afamada executou o retrato de vários personagens ilustres.

Vivia para a Arte. Já não muito nova, viu apaixonado pelos seus encantos um milionário, Monsieur Edouard André. Dedicou á Arte o recinto de maravilhas. Os «Natis» mais belos, os frescos italianos, a coleção de esculturas, tudo é verdadeiramente soberbo.

No seu castelo de Chalis, as maravilhas acumulam-se tambem, não só decorando o palácio como a capela. A propriedade é toda soberba com os bosques, as suas ruínas, os seus riachos e lagos, as suas arvores regulares, que a tornam um lugar de repouso e beleza.

PÁGINAS FEMININAS

Ficou viva e sem filhos e sempre aumentou em beleza e arte os seus tesouros. Por sua morte legou á França todas as suas propriedades, a sua casa em Paris e o célebre Museu Jacquemart-André, que todos os apaixonados de arte, que vão a Paris, frequentam com prazer.

Chalis foi tambem legada ao Estado com a condição de nunca ser vendida a menor parcela do magnífico domínio havendo assim em França uma propriedade que estará ao abrigo da furia destruidora da divisão.

Madame André bem mereceu a estatua que perpetua a sua morada, porque nada de mais patriótico e de mais belo do que aumentar e engrandecer o património artistico do seu país.

Princesa portuguesa

É uma figura interessante a dessa princesinha portuguesa Catarina de Bragança, que partiu para Inglaterra para casar com Carlos II, o rei que, do exílio, subiu ao trono, o mais lindo rapaz do seu reino e o mais natural dos homens.

Criança quasi, a princesa não era bonita e nunca conseguiu despertar no coração do seu régio esposo, mais do que um respeito imenso, pela inteireza do seu carácter, pelas suas qualidades morais.

Rivals tevesas e da mais rara beleza, mas no fundo o marido a quem estimava, era a feia



princesa, que lhe tinham dado como esposa e que, pela sua bondade e inteligência se impôs, e, conseguiu ter uma enorme influencia na corte inglesa.

Foi elle que introduziu na Inglaterra o hábito de tomar chá. Depois de viva; ela que amara sempre o marido, num orgulhoso silêncio não quis ficar em Inglaterra e veio viver para Lisboa onde morreu. Há em Sintra no palácio da vila um interessante retrato da Augusta Senhora.

A felicidade e o azar

DIZEM que Mazarino o astuto cardeal italiano, que dirigiu a França durante a regência de Sua Magestade Ana de Austria e a menoridade de Luiz XIV, quando escolheu um colaborador, informava-se sempre se ele era feliz.

O agudo diplomata não queria junto de si pessoas que fossem perseguidas pelo azar e compreende-se que assim fosse, nada de mais deprimente do que a convicção de que se é infeliz.

As pessoas que vivem nessa preocupação vivem as mais pequenas coisas tornam-se em catastrophes, enquanto que os optimistas parece, que as catastrophes se modificam e tornam-se ligeiros incidentes.

A felicidade força-se com a vontade e aqueles que têm fé na sua estrela vencem sempre, ainda que seja através das maiores contrariedades.

O azar tem de ser contrariado, nunca nos devemos deixar vencer por ele. Aqueles que se convencem de que são suas vitimas não reagem e estão perdidos.

Madame de Staël

DUM estudo de Maria Luiza Pailleron sabe-se que foi em 1790, que Madame de Staël entrou na politica de então. Até ali preferia receber as suas amigas a jantar, e isto, até ao dia da tomada da Bastilha. Ha á Opera onde se cantava «Le Devin du Village».

Em seguida ella pôs em acção as suas mais belas qualidades de energia, de actividade, de espirito de sacrificio, para salvar aqueles que amava. Conta-se que em 1792 o cavaleiro de Larbonne, ameaçado precisou de trinta mil francos.

Um seu amigo, falou a Madame de Staël que foi immediatamente pedi-los a seu marido. «Dá-me a maior alegria — exclamou o senhor de Staël, dando-lhe os trinta mil francos — eu pensava que elle era teu amante».

Madame de Staël só deixou Paris na última, ameaçada pela horda revolucionária, que a prenderam por um dia.

Conseguiu libertar-se e passar a fronteira angustiada, inquieta e prestes a ser má. Estava desesperada de não ter podido salvar a rainha. Tinha ideado várias conspirações para a libertar e punha nesta empreza o máximo entusiasmo e a sua deslino foi cruel quando viu tudo aniquilado.

Em 11 de Julho de 1792 chamou a sua casa o Marquês de Malonet, que a encontrou muito comovida com os recentes massacres e tremendo pelo que se preparava, porque em Paris já se sabia que em 10 de Agosto estaria a guilhotinada. Ella disse a Malonet: «O rei e a rainha estão perdidos. Ofereço-me para os salvar! Sim, eu que a família real considera sua inimiga». De facto dizia-se que Staël acolhia as novas ideias.

Expôs o seu plano, que era exequível: «Há a venda umas terras perto de Dieppe, que pertencem ao Duque de Orleans, Compras. Em cada viagem levarei comigo um homem seguro parecido com o rei, uma mulher da idade e do aspecto da rainha e meu filho que é da idade do Delfim. Quando me virem viajar com este sequito duas vezes, ser-me-á fácil à terceira vez conduzir a família real, tanto mais que não sou suspeita aos patriotas».

Este atrevido projecto falhou, como tantos outros e difficilmente madame de Staël conseguiu salvar-se a si própria. Várias vezes esteve

exilada. Napoleão considerou-a uma perigosa inimiga. O seu talento de escritora tornou-a tão célebre como a sua impetuosidade politica.

Era uma mulher excessivamente entusiasta e não sendo uma beleza, a sua alma ardente inspirou violentas paixões. Foi uma das mulheres mais célebres do seu tempo, temperamento de artista e mulher de inegável valor e audácia.

As agulhas

AGULHA é a companheira inseparavel da mulher. Pode dizer-se que vivemos sempre com a agulha na mão, e não lhe ligamos a maior importancia e no entanto é com ella que fazemos tudo.

Parece-nos insignificante, mas para obter uma agulha de um só pedaço de aço e fazer um objecto pronto a usar são precisas setenta pessoas. Tem de passar por vinte e duas manipulações antes de sair para o mercado. O maior trabalho é acabi-las. Nos tempos primitivos usavam-se como agulhas, pano, espinhas e ossos aguçados.

Nun dos passos mais importantes no desenvolvimento da raça humana, foi a descoberta de fazer um buraco na parte oposta ao bico, para passar a linha com que se cosiam as peles e os tecidos.

Como vêem a simples agulha que nós perdemos tanto e a que não ligamos importancia, dá muito trabalho a fazer e é indispensavel.

Receitas de cosinha

Estudado de carne.— O estudado de carne constitue um magnifico prato para frios. Prepara-se assim: 1.º — Corte-se a carne em bocados de cerca de 80 gramas. Um quilo e meio é suficiente.

Pica-se cada bocado, tempera-se com sal, um pouco de especiarias, e salsa picada. Depois conserva-se 2 horas em escabeche com três copos de vinho branco, quatro colheres de cognac, algumas coelholinhas picadas e pó de salsa.

2.º — Prepara-se 200 gramas de presunto do peito escaldado e cortado em bocados da forma de dados, três cebolas picadas, duas cabeças de alho esmagadas, três cenouras cortadas em rodelas grossas, 100 gramas de pele de porco fresca partida em bocadinhos, um pouco de mão de vaca muito bem branqueada, desossada e tambem cortada em bocados pequenos.

3.º — Passam-se estes bocados em boa manteiga ou banha de porco até ficarem bem corados dum lado e doutro. Colocam-se estes bocados numa travessa de ir ao forno, ás camadas alternando-as com camadas de cenouras, cebolas, alho e presunto, mão de vaca e ervas de cheiro. Junta-se-lhe o vinho do escabeche e a calda suficiente para que a carne fique coberta e leva-se ao forno em calor moderado, para que a ebulição seja lenta e regular durante 5 horas e meia.

A carne é servida na travessa onde se cozinha.

De mulher para mulher
Gaby. — O gosto pela leitura não se incute nasce-se com elle, é evidente que vivendo num meio onde todos lêem, a criança instinctivamente procure ler. Mas o caso da sua filha não é unico, conheço uma familia deliteratos onde havia uma criança, que tinha horror aos livros. O remédio é ver se a consegue interessar, procurando livros bons e que lhe agradem.

De mulher para mulher
Alice. — Mas, minha senhora, mais do que



nunca estão as peles em moda, quem lhe deu essa informação estava a brincar consigo. Pode usar as suas lindas peles, com a certeza de que está na moda e mais elegante do que ninguém.

Marilva. — Nada me incomoda e até gostei muito de saber de si. Já tinha notado que não escrevia ha muito. Tem vários autores interessantes, Maurois, François de Mauriac, Romain Rolland. Se quiser alguma escolha diga, que com o maior prazer a farei.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 39

PRODUTORES

QUADRO DE DESTAQUE

JOBEMA

N.º 10

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA

N.º 15

OUTRAS DESTAQUES

N.º 14, Efonsa

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 19 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávoles, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan

QUADRO DE MÉRITO

Magnate, 16. — Kábula, 16. — Ti-Beadó, 15. — Salustiano, 15. — Rei-Luso, 15. — Só-Na-Fer, 15. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 12. — Lamas & Silva, 12. — Salustiano, 12.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 8
DECIFRAÇÕES

1 — Apre-preço-aprêço. 2 — Corte-Tejo-cortejo. 3 — Acre-credor-acredor. 4 — Peririto-perito. 5 — Liberto. 6 — Frontaria. 7 — Mariano. 8 — Atarahu. 9 — Tapera-tara. 10 — Renome-reme. 11 — Diana-Dina. 12 — Pêro. 13 — Ructardo. 14 — Nana. 15 — Dobrado. 16 — Trilhado. 17 — Devido-dedo. 18 — Graúdo-grado. 19 — Tempo é dinheiro.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

- 1) O «*sovaçotangon*» de *colar* vive em certa povoação de Moçambique. (2-2) 3.
Lisboa *Bisnau (T. E.)*
- 2) A mulher que *verte* lágrimas por uma *bagatela*. — é fraco «*gado*». (2-2) 3.
Leiria *Magnate*
- 3) É doloroso ver uma *rapariga nova e honita*, *reberto* da mocidade, feita num *farrapo!* (2-2) 3.
Lisboa *Miss Diabo*
- 4) É *peça* afirmar que é *vasto* o *céu* da *bêca*. (2-2) 3.
Luanda *Ti-Beadó*

NOVISSIMAS

- 5) «*Antes*» que *casas*, *olha* o que *fazes*... e *conjectura* o que *pode* suceder... — 1-1.
Lisboa *Bisnau (T. E.)*
- 6) É triste *pertencer* a um *homem infame e ignóbil!* — 1-1.
Lisboa *Chim Pan Zé*
- 7) Quando uma *peça* *tem mau êxito*, por ser *difícil* de interpretar, é sempre *pateada*. — 3-2.
Lisboa *Rús Kassa*
- 8) A *minha* satisfação *aumenta*, mas logo vem a *tristeza* quando termina a *execução* da *marcha militar*, de Schubert. — 2-1.
Lisboa *Repórter Fatal*
- 9) O *anjo* é um ente *perfeito*, «*além*» de ser *habitante do céu*. — 3-1.
Luanda *Ti-Beadó*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 48

SINCOPADAS

- 10) Quando uma «mulher» foge com um militar, não é com certeza para fazerem a guerra... — 3-2.
Lisboa *Veiga*
- 11) Que *galhofa* é essa, «mulher»? — 3-2.
Lisboa *Miss Diabo*
- 12) De um *bastão* pode fazer-se uma *antiga medida de capacidade*. — 3-2.
Luanda *Ti-Beadó*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

- 13) No feminino Logo se nota: Pode ser vinho, Ou mesmo gota.
No masculino Também denota Da mesma forma Poder ser gota.
Mas aumentando, De mal enferma, Pois que nos mostra Pobre palerma.
Lisboa *Sodargil*
- 14) Com uma consoante Entre duas vogais Um grande comandante De *corpo turco* achais.
Luanda *Ti Beado*

MEFISTOFÉLICAS

- 15) *Caminha* o pobre a pedir, É *aquele que dá* minora Dêsse triste *caminheiro* A desgraça em cada hora. (2-2) 3
Lisboa *D. Aurora*
- 16) Tem *feitizo* o teu olhar, Teus *lábios* e o coração; Quem os quiser conquistar Terá grande *decepção*. (2-2) 3
Lisboa *Papo São*

NOVISSIMAS

- 17) Só, com *saxégo* — 2 Na solidão, É que aprecio A *reinação*.
Para folgar, *Ocasão* — 2 Em boa *pândega* Vou *arranjar*.
Lisboa *D. Campeador*

TRABALHOS DESENHADOS

30) ENIGMA FIGURADO



(A propósito do artigo «Nativismo», publicado no «Diário de Notícias».)

«...Línguas brasileiras!!!
Línguas brasileiras são as faladas pelos indígenas do Brasil: o guarani e o tupi... Nativismo é o ódio tradicional do brasileiro contra os portugueses: «os galegos...»

(Dr. Almeida Reis (bras.),
Diário de Notícias de 9-10-35)

18) Ó vós que descendeis de honrados portugueses, Não apouqueis jámais a quem vos deu o ser, Bem-estar e a instrução que não puderam ter Talvez filhos do povo, humildes camponeses. Tentando um dia a Sorte abalam a ventura, Deixando a Pátria, o lar, o carinho dos seus, E lá vão mar em fora! A Vida! E sabe Deus De quantos por milhar lá fica a sepultura...

Nosso triste imigrante! Ai! Quanta privação — 1 A desbravar a terra, a selva bruta, hostil, Transformando o sertão do intermínio Brasil Nesse país de sonho! E o pago? A gratidão? Como é *grato* ao seu guia, obreiro do Progresso,

O feroz nativismo? O doesto... a vileza... Crismando em brasileira a língua portuguesa... *Ingrato*, o nativista, ou patriota em excesso? Lisboa *Sileno*

19) *Nesse tempo* de grandeza — 1 Era bom ir ao Brasil, *Pois* que sempre, com certeza, — 1 Trazia notas *cem mil*.
Lisboa *To-My*

20) Depois de tanto *explicar* — 1 A lição fico cansado E com *pena*, ao reparar — 1 Que o aluno é *acanhado*.
Lisboa *Ulsi Rafer*

(A todos os confrades)
21) Mal *principia* a madrugada — 2 No arvoredo A *passarada* Seus amores conta em segredo. E quando o Sol dourado No ar se vai arguendo, Ao seu trinado Alegre e delicado Vai sucedendo Um modo de tristeza! Desta transformação A «*ansão*», a natureza, — 1 Não sei em que se funda! Porque razão As meigas *avezinhas* Mostram tão profunda Desolação Quando o Sol as ilumina? Que sentirão as *pobrezinhas*, E que terror as domina, Que só à madrugada, A *vaga* claridade, Cantam em *chilreada* E têm *amizade*?
Lisboa *Vina*

SINCOPADAS
22) O teu coração tão *rude*, Orgulho do teu pensar, Tem cautela que não mude, Seja ainda bem *vulgar*. — 3-2.
Elvas *Gigantezinho*

23) Já tive «*auto*» e *carruagem*, Um piano e uma lira... Mas tudo foi na voragem! Não julguem que isto é *mentira*. — 3-2.
Lisboa *Lord X*

24) Ai que *gorducho* menino Tem a vizinha do lado! Vai ter risonho *destino*, Porque nasceu bem fadado. — 3-2.
Colares *Maria Luíza*

25) Uma *dança alegre e viva* Sempre anima a dar à perna. E se a dama não se esquiva Bailo até numa *caverna*. — 3-2
Tramagal *Padre Matos*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Os espumantes naturais das caves da Raposeira

Na indústria vinícola nacional em que se tem distinguido os vinhos regionais destaca-se, de uma forma de que nos devemos orgulhar, a especialidade referente aos vinhos espumantes naturais que tornaram universalmente conhecida a região da Champagne, origem dos mais afamados vinhos franceses que o Estado, de ha muito, ciosamente defende.

E dizemos espumantes naturais porque assim entre nós os classificou o decreto de 7 de fevereiro de 1933 que muito justamente os faz desfructuar dos seus congêres carregados de gaz artificial, com todos os defeitos

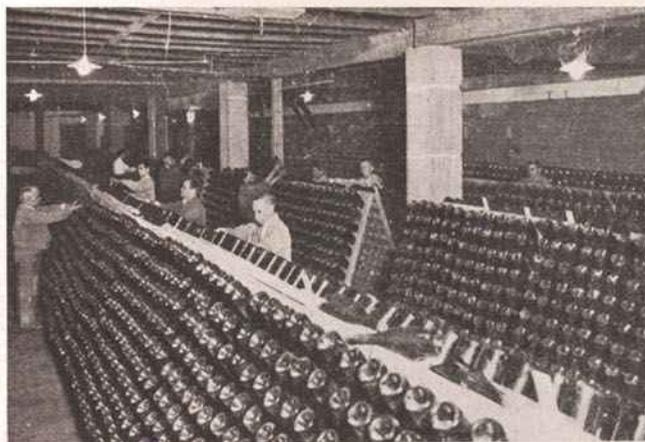


Canteiro do «dégorgement»

e inconvenientes que tecnicamente lhes são reconhecidos, até mesmo sob o ponto de vista higiênico e sanitário.

Caracterizado insofismavelmente pela sua natural fermentação dentro das garrafas o vinho espumante natural é o único que garante a integridade de todas as suas qualidades, como o gosto e o aroma, em flagrante contraste com os que a lei faz hoje denominar espumosos.

Foi em 1898 que se constituiu a firma Valle, Filhos e Genros, coroamento de uma grandiosa obra iniciada pelo comendador, sr. José Teixeira Rebelo Júnior que de há bastantes anos atrás vinha experimentando, em cultura própria, diferentes castas de uvas que se adaptassem à preparação dèsses vinhos. De tentativa em tentativa, com a tenacidade própria da sua



Salão da «remuage»

rija tempera, vencendo as maiores dificuldades, transpondo escolhos sem fim, chegou a conseguir a industrialização perfeita dèste produto.

No caminho que vai de Lamego à Serra da Gralheira, pelo Santuário da Senhora dos Remédios, encontra-se do lado esquerdo da montanha um aglomerado de edificios onde estão instaladas as Caves da Raposeira, o modelar estabelecimento vinícola onde se prepara o melhor vinho espumante natural português, com tanto esmero e carinho que pode afoita-



Vista geral das Caves da Raposeira

mente sujeitar-se a confronto com os seus mais afamados congêneres da própria região da Champagne. Nunca desde o início dos seus trabalhos, ainda mesmo simples tentativas, as Caves da Raposeira usou de outro processo que não fosse a gasificação natural, isto é, nunca saiu de ali uma única garrafa de vinho espumante em que se tivesse introduzido artificialmente o gás carbónico.

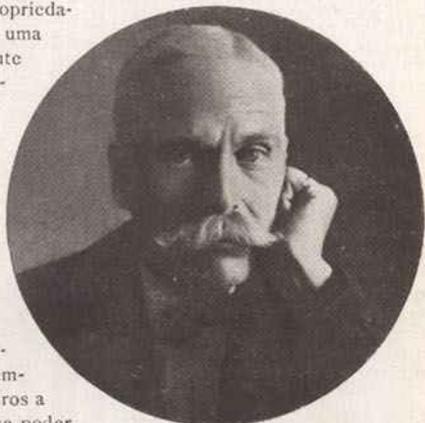
Foi esta a norma estabelecida, e que tem sido escrupulosamente mantida, o que sobejamente explica a invejável situação que hoje ocupa de direito nos nossos mercados, o inextinguível crédito de que gosam os seus vinhos e a justificada simpatia do

nosso público. As suas propriedades vinícolas abrangem uma área aproximada de vinte hectares. São terrenos cuidadosamente tratados onde nascem e se desenvolvem as uvas das finas castas próprias aos vinhos espumantes, tal qual nas suas similares francesas. Os seus armazens ocupam cerca de 5.500 metros quadrados e as respectivas caves 600, ambos sujeitos, como é mister, a temperaturas fixas, os primeiros a 11°5 e estas a 16°. Para se poder avaliar a importância desta empresa basta dizer que a média anual dos vinhos das Caves da Raposeira em stock atinge a elevada cifra de 350.000 garrafas!

A razão do triumpho incontestável das Caves da Raposeira fundamenta-se na proficiência técnica adquirida em trinta anos de labor, com a preocupação constante de fazer mais e melhor, e na capacidade comercial que as soube elevar ao primeiro logar na preparação e apresentação dos vinhos espumantes naturais.

Nos restaurantes, hotéis, cafés e casinos e nas boas mesas particulares o vinho espumante natural das Caves da Raposeira tem o seu logar de eleição justificando a preferência com que o distinguem.

Esta obra não representa apenas a consagração da Empresa que a levou a efeito com tão assinalado êxito, tornou-se ainda, e principalmente, um real valor a pesar na Economia Nacional.



Comendador Ex.º Sr. José Teixeira Rebelo, fundador e actual chefe da direcção das Caves da Raposeira





Linda sua do Douro, arcaicos vislumbres do Porto...

OS VINHOS REGIONAIS PORTUGUESES

O vinho do Porto ocupa, de direito próprio, o primeiro lugar entre os vinhos regionais portugueses, representando o maior valor que as estatísticas da nossa exportação registam.

Mercê das disposições legislativas ulteriores e em consequência das promulgadas só agora se pode considerar em vias de solução o problema deste vinho que tinha assumido nos últimos tempos um caráter de suma gravidade. Para esse efeito se criou a Casa do Douro, federação obrigatória dos lavradores da região duriense, o Grémio de Exportadores, também associação obrigatória de todos os comerciantes que se dedicam à exportação destes vinhos, e por fim, para regular o justo equilíbrio dos interesses destas duas entidades o Instituto do Vinho do Porto.

Sob o aspecto comercial há também a considerar os grandes valores que representam as instalações das principais firmas, algumas das quais centenárias, e os avultados capitais imobilizados nos importantes stocks armazenados de harmonia com as leis vigentes. São interesses legítimos a defender e amparar, em defesa própria da Economia Nacional em que o vinho do Porto desempenha um papel primordial.

Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro

A mais antiga organização comercial dos vinhos do Porto é a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, vulgarmente conhecida entre nós pela Companhia Velha e lá fóra pela Royal Oporto Wine Company, pois foi fundada em 1756, no reinado de D. José, por alvará do Marquês de Pombal, o estadista que tão grande incremento deu à exportação do vinho do Porto.

Foi ela criada com o objectivo de intensificar e aperfeiçoar a cultura das vinhas e de tal forma cumpriu o mandato conferido que a exportação que nessa altura se cifrava em 12.111 pipas atingira em 1801 nada menos de 66.219.

Relevantes serviços devem a esta Companhia não só o vinho do Porto como a região duriense em que é produzido. Fundou em 1827 a Academia do Comércio e Navegação, a fim de habilitar os nacionais nas regras do comércio e navegação, fez executar os trabalhos para a navegabilidade do rio Douro procedendo à abertura do seu leito em S. João da Pesqueira, obra difficilissima naquelle tempo, construiu duas fragatas armadas de canhões, destinadas a defender as embarcações carregadas de vinho, dos piratas que infestavam os mares, devendo-se-lhe ainda um posto de sacorros a naufragos à entrada da barra do Douro e a construção das primeiras estradas do Porto à Foz e ao Pinhão.

Póde, pois, afirmar-se, sem possível contestação que a Companhia Velha deve a cultura das vinhas do Douro o seu melhor impulso e a sua maior expansão.

Cento e oitenta anos quasi transcorridos de labor constante, sempre intencionalmente orientado, cimentaram inabalavelmente o seu crédito, tanto dentro como fóra do País, e de forma tal que os rotulos das suas marcas constituem inofismável garantia da excelência dos respectivos productos.

Os seus vastos Armazens do Pinhão, Regoa e Vila Nova de Gaia, contêm importantes stocks de Vinhos, Generos de varias colheitas a partir de 1815, onde se encontram verdadeiros néctares, possuindo ainda nos seus importantes Armazens de Miraiga um apreciado lote de Vinhos de Mesa das mais finas qualidades.

A Companhia Velha tem cuidado com o maior carinho os nossos mercados internos possuindo um depósito importante em Lisboa, na Praça dos Restauradores 14, habilitado a servir à sua larga clientela os vinhos das suas varias marcas.

Entre as medidas de protecção à Economia Nacional ultimamente promulgadas pelo Estado acaute como uma das mais importantes, de maior largo alcance, por afectar um colossissimo factor da nossa actividade, a organização da defesa dos vinhos regionais cuja grave situação tinha atingido tal acuidade que ameaçava de próxima e total ruina os seus produtores, comerciantes e exportadores.

A desorientada produção excedendo em muito a capacidade do consumo, agravada por erradas e algumas vezes irregulares concepções comerciais, forçou os poderes publicos a intervir eficazmente adoptando varias medidas, de caracter excepcional algumas delas, indispensaveis à salvaguarda dos legitimos interesses de muitos milhares de familias

Os vinhos "Sandeman,"

O nome «Sandeman», de ha muito ligado à história do vinho do Porto, constitue de per si só a sólida garantia dos vinhos que levam a sua marca.

Tem-se destacado sempre pela cuidadosa atenção com que prepara os seus productos, hoje bem reputados em toda a parte, mantendo sempre os sólidos créditos conquistados após muitos anos de perseverante trabalho de penetração através dos mais importantes mercados mundiaes.

O vinho do Porto deve-lhe incontestavelmente a sua maior expansão por esse mundo fóra, sendo hoje bastante conhecidos os vinhos «Sandeman» em todos os centros consumidores e por estes preferidos porque se tem apresentado sempre em tipos uniformes, conservando inalteráveis as suas excelentes qualidades.

As instalações da casa «Sandeman», das mais perfeitadas e completas, albergam nos seus armazens o maior stock de vinhos generosos do Douro para os quais tem escaudouro certo nos varios mercados que fornece. A despeito, porém, da privilegiada situação que justamente occupa nos países estrangeiros, também o consumo interno lhe tem merecido igual cuidado.

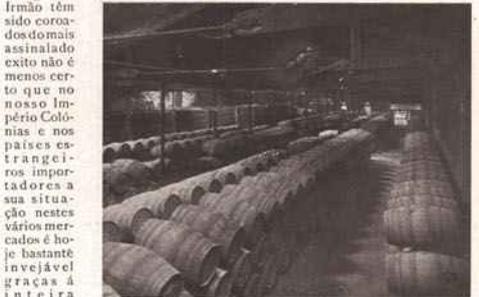
Assim já o nosso público está convencido de que o vinho do Porto «Sandeman» é um vinho rigorosamente puro e genuino e inexcusavelmente esgarçado. Na época festiva em que vamos entrar não faltará certamente numa mesa de festa de familia uma garrafa de vinho do Porto e se essa garrafa ostentar a marca «Sandeman» é sinal que a escolha foi, a todos os títulos, acertada.

Dirijam os seus pedidos a Alvaro de Lacerda — 21, Rua do Alecrim e pelo telefone 26.086.

Sociedade de Vinhos Borges & Irmão

Os vinhos Borges, assim conhecidos no País os productos desta importante Sociedade, alastram-se do norte a sul, numa expansão sempre crescente, permanentemente impulsionada pela preferência dos consumidores que sabem apreciar o bom vinho do Porto.

Mas se adentro da nossa terra os esforços dos gerentes da Sociedade de Vinhos Borges & Irmão têm sido coroados de mais exito assimilado



nestes varios mercados e hoje bastante invejadas graças à inteira confiança que nelas soube conquistar. Confiança justa e merecida não só pela inexcusável e cuidada preparação dos vinhos que apresenta, como pelos processos comerciais que são o timbre desta casa desde o anno de 1834, data da sua fundação. Com instalações verdadeiramente modelares, em constantes amplia-



que hoje vivem exclusivamente do cultivo, preparação e venda dos nossos vinhos.

Criaram-se sérios organismos, alguns officiaes outros corporativos, restringiu-se a cultura de algumas especialidades, arroucam-se vinhas, delimitam-se convenientemente as regiões características, asseguramos a sua pureza e genuidade, defendem-se as concepções renasçadoras e, assim, da acção conjunta de todos estes elementos, approveitada com ordem, método e disciplina, é de esperar que a situação se acesse, reconquistando os vinhos regionais a confiança dos mercados internos e externos, contribuindo assim fortemente para a prosperidade da nossa vida economica.

ções que atingem, em Gaia, a importante cifra de 25.000 metros quadraes, contendo as destinadas ao vinho do Porto 3.000 caçcos e 24 balseiros entre 75 e 100 pipas, tendo um déles, o maior evidente em todo o mundo, em madeira de carvalho, a capacidade de 144.000 litros.

A parte destinada a vinhos de consumo, que gosam de idéntica preferência, tem também balseiros em grande quantidade e 32 cubas de cimento armado, revestidas interiormente de vidro, comportando 4.000 pipas de vinho.

No que diz respeito a vinhos do Porto destacam-se como dos melhores, dos mais finos, os oriundos das suas propriedades, as Quintas do Junco, da Soalheira e da Casa Nova, de privilegiada situação no coração mesmo da região duriense.

A mesma Sociedade se deve ainda o interessante Bar, à entrada da rua do Bonjardino, da cidade do Porto, o elegante e confortável ponto de reunião que marca na capital do norte pela harmonia das suas elegantes linhas e pela elegante clientela que o frequenta.

Natal e Ano Novo, as consagradas — Festas da Familia vão ser mais um pretexto para a preferência dos Vinhos Borges que devem figurar em todas as boas mesas.

Os vinhos verdes

Aos seus privilegiados terrenos do Minho e Entre-Douro e Minho produzem um vinho com características inconfundiveis, de delicioso sabor, branco e tinto, em certas épocas do ano espumante natural, sem similar em parte alguma e apreciadissimo nos mercados internos e externos.

Não escapou este vinho à desorganização geral da nossa viticultura e se não tem accudido à sua defesa os poderes publicos a ruina seria fatal.



Criou-se a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes com o principal objectivo de garantir eficazmente a pureza e genuidade dos productos apresentados ao consumidor, evitando que se lancem no mercado os vinhos de inferior qualidade e ainda recentemente se decretou o progressivo arranque da vida americana, sua desleal concorrente.

Destas disposições legislativas resulta que o vinho verde expedido da região demarcada é genuino e puro e ainda um preço remunerador aos produtores, as principiaes victimas da desorganização latente.

De entre as varias empresas que se dedicam à produção destes vinhos tem-se destacado a Quinta da Torre em Ruivães, Famalicao, no coração do Minho, região por excellência para este cultivo, de que a firma João de Araujo, L.da, fez um verdadeiro sacerdocio, tratando-o com esmero e carinho especiais, aperfeiçoando-o constantemente de forma a consolidar o crédito de que já dispõe.

Tem-lhe merecido especial atenção o mercado de Lisboa onde muito justamente alcançou um lugar de destaque, não só pela excellência dos seus productos, vinhos verdes brancos e tintos, como ainda pela feliz apre-

sentação dos respectivos recipientes, garrações de 3 e 5 litros, empalhados a vermelho, e garrafas de vistosa aparência.

Os vinhos da Quinta da Torre encontram na capital uma valiosa colaboração nos seus depositários, a firma Benarus, limitada, da Rua da Emenda 100.

Os vinhos de Bucelas

Os vinhos de Bucelas tiveram sempre justificada fama entre nós pela excelente qualidade de alguns dos que se lançavam no mercado. Succedeu-lhes, porém, o mesmo que aos demais vinhos regionais, prejudicando-se gravemente pela falta de organização dos seus produtores e errada orientação do respectivo comércio.

Esta denominação que apenas deveria ser applicada aos vinhos característicos cobria indistintamente tintos e brancos, preparados muitos déles



sem o necessário cuidado. Tendo intervido o Estado na defesa da riqueza vinícola, um dos mais importantes factores da Economia Nacional atingiu bem esta região organizando os Grémios de Viticultores da Região de Bucelas e Exportadores de Vinhos, obrigatoriamente incorporados na União Vinícola Regional, impondo-lhes regras julgadas indispensaveis à sua defesa, preparando-lhes assim um próspero futuro, no interesse comum dées lavradores, comerciantes, exportadores e consumidores.

Foi já no decorrer deste anno que se começaram a sentir os efeitos desta nova organização, vencida a resistência, sobretudo dos lavradores, o que aliás succedeu em todas as demais regiões, em aceitar de bom grado as normas adoptadas para a realização dos objectivos em vista.

O vinho de Bucelas, aquele vinho limpidissimo, suave e fino que tão agradavelmente satisfaz os mais exigentes paladares, é hoje exclusivamente o vinho branco das uvas em que predominam as castas Arinto e Egana, inimitaveis e inconfundiveis. Depois de um estágio, em adegas ou armazens, não inferior a dezz meses, antes do engarrafamento, são preparados já parte déles com leveduras seleccionadas, fornecidas pela União Vinícola que também apde o selo de garantia, indispensavel à sua saída para os varios mercados, nas respectivas garrafas e garrações.

A constituição déestes Grémios e sua União Vinícola (oi, por assim dizer, o primeiro passo dado, mas é de prever que a criação de uma Adega Regional complete esta obra, já a todos os títulos notável. Este vinho hoje muito apreciado dentro e fóra do País ha de caminhar progressivamente radicando de vez o crédito a que tem jus.

Entramos agora na quadra festiva do Natal e Ano Novo, excelente oportunidade para lhe dar o relevo a que tem incontestável direito.

Palavras cruzadas

(Passatempo)



HORISONTAIS. — 1 — Criminosa; 3 — Artigo árabe; 5 — Pronome pessoal; 9 — Grande vaso para água (Ant.); 11 — Génio que presidia aos festins, entre os gregos; 12 — Do verbo usar; 13 — Fruto da ateira; 14 — Nome que os chineses dão aos deuses superiores e aos imperadores; 15 — Moeda de prata da Índia inglesa; 16 — Elemento indispensável à vida; 17 — Do verbo haver; 19 — Palavra árabe que significa sublime; 20 — Magistrado romano (Ant.); 22 — Série de tons e notas que compõem um canto; 23 — Nome que os egípcios dão ao sol; 24 — Cidade da Alemanha; 25 — Prefixo significativo de privação ou negação; 26 — Habitação feita de pinheiros, particular aos habitantes do norte da Europa; 28 — Terreno ao redor ou em frente das igrejas; 30 — Rio da Itália; 31 — Ave trepadora; 32 — Desacompanhado.

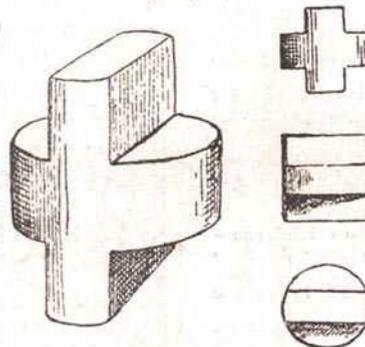
VERTICAIS. — 1 — Parte do navio; 2 — Sobrenome de Zeus; 3 — Habitantes de Medina que protegeram Mahomet, quando fugia de Meca; 4 — Nota musical; 6 — Obra literária portuguesa; 7 — Rio do Brasil; 8 — Espaço cir-



cular, areado, no centro dos anfiteatros; 9 — Rio da Sibéria; 10 — Desafrontar pagando ofensa com ofensa; 18 — Variação pronominal; 19 — Elemento indispensável à vida; 21 — O clarão da lua; 22 — Ter afeição a alguém; 27 — Símbolo do bário; 29 — Contraction; 30 — Medida de extensão; 33 — Símbolo do ósmio.

Os três orifícios

(Solução)



A esquerda está indicado o feito que devia ter o pedaço de madeira ou doutra substância não elástica, para satisfazer às condições do problema, e à direita o modo de adaptá-lo nos três orifícios.

A simplicidade de Franklin

Benjamin Franklin, o famoso sábio, foi o primeiro embaixador da república norte-americana, quando esta proclamou a sua independência.

Washington nomeou-o seu representante junto da corte de França, então estabelecida em Versalhes e afamada pelo seu luxo e etiqueta.

Em vista disso, Franklin encomendou ao melhor alfaiate de Paris, um traje adequado à cerimónia da apresentação das suas credenciais. No dia marcado recebeu um fato soberbo, coberto de bordados e plumas, com fiavelas de diamantes, laços de fita, etc.

Franklin vestiu aquilo tudo; mas quando se olhou ao espelho achou-se tão ridículo que não teve coragem para sair assim de casa e apresentou-se no palácio de Versalhes com o seu habitual traje de veludo e o seu chapéu de feltro com abas largas.



Peguesita da casa para a tia ali hospedada por uns dias: — Olhe, tia, a mássima manda-lhe este lençol de banho e eu trago-lhe aqui a minha escóva, que é para esfregar bem os joelhos, veja lá. (Do The Novel Magazine)

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 10, 5, 3.
Copas — — — — —
Ouros — 10, 6, 5, 2.
Paus — 2.

Espadas — R. V. 8. **N** Espadas — 9, 7, 6, 4.
Copas — 8. **O** Copas — D. 10, 9.
Ouros — 7, 4, 3. **E** Ouros — R. V. 8.
Paus — V. 10, 8. **S** Paus — — — — —.

Espadas — — — — —
Copas — A. R. 7.
Ouros — A. D. 9.
Paus — D. 9, 7, 5.

Trunfo ouros. S joga e dá apenas uma vasa.

(Solução do número anterior)

S joga o Valete de ouros. Se O entra do Rei de ouros, N corta com 4 de espadas, e joga o Az de paus, que S corta com a Dama de espadas.

S joga o 7 de espadas, N joga Valete de espadas ou Az de espadas conforme o que O jogar e repete trunfo, baldando-se S ao 3 de ouros.

N joga o 6 de copas, S faz o Az de copas, joga 10 de ouros e 9 de copas para N fazer o Valete de copas.

Se O não entrasse do Rei de ouros, N baldava-se ao 6 de copas.

S jogava a Dama de espadas e o 7 de espadas. N jogava Az de paus, baldando-se S a 3 de ouros.

N jogava 8 de copas, S o Az de copas e fazia N o Valete de espadas e o Valete de copas.

Xadrez

(Solução)

1 D — 1 BR 2 B — 7 CR +
R x C M.

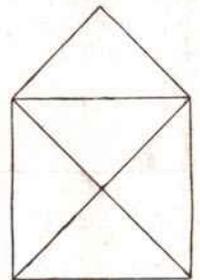
..... B — 5 B +
B x C M.

e outras variantes facéis.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)

Aqui tem um desenho muito simples. Experimentem copiá-lo, mas com um traço único e contínuo, sem cruzar as linhas nem passar duas vezes pela mesma linha.



A pera cantora

Há pessoas, sobretudo nesta época de «regimens», que hesitam e tremem diante dum fruta que se lhes serve no final da refeição. Aquela pera, com bonita aparência, estará realmente madura?

Não conterà, em excesso, algum ácido nocivo? Para responder a esta inquietante pergunta, acabam de efectuar-se nos Estados-Unidos diversas experiências, por meio dum aparelho de T. S. F. Uma ficha, com duas pontas metálicas enterra-se numa pera. Se esta está madura o alto-falante, deixa ouvir um som grave; se está verde, o som é agudo.



Acabam de ser expostos os novos Buick para 1936.

Nestes carros encontrará V. Ex.^a mais alguma coisa do que simples novos modelos... Neles verificará a mais bela e inspirada das realizações na indústria do automóvel. ● ● ●

DINIZ M. D'ALMEIDA
Av. da Liberdade, 216

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

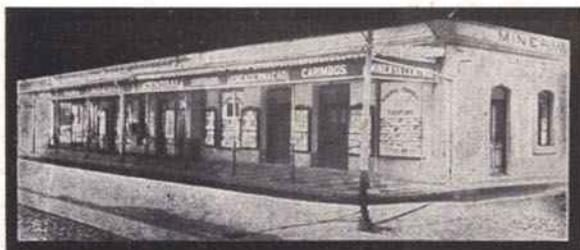
Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,**
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais
Caixa postal 212 End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15\$00
Pelo correio, à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Excursões a preços reduzidos ao Triangulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio
estão à venda, diariamente, para estas excursões os
bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com
direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou
vice-versa

Por passageiro { 1.^a Classe..... 48\$00
2.^a Classe..... 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com di-
reito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 45\$00
2.^a Classe..... 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com di-
reito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 30\$00
2.^a Classe..... 25\$00

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposi-
ções a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE
HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

C. SANTOS, L.^{DA}

Automóveis

STUDEBAKER

Automóvel de alta qualidade. Novo e maravilhoso sistema de suspensão. Os mais modernos travões hidráulicos.

WILLYS

O carro mais económico da actualidade. O carro que mais depressa se paga a si próprio.

STANDARD

Automóveis ingleses de pequeno consumo, linhas modernas e grande resistência.

Camionetes

FEDERAL

Grande marca de fama mundial.

ACESSÓRIOS PARA TODOS OS AUTOMÓVEIS

Rua do Crucifixo, 57 - LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neurriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

LIVROS São os melhores brindes do Natal

ÚTEIS, VALIOSOS, DURADOIROS

Livros de tudo e para todos
Nacionais e estrangeiros

Colecções próprias para crianças

Obras de arte, de medicina,
de literatura em magníficas encadernações

Livros de aventuras, de viagens, etc.

Façam os seus pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broch., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 - LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda
na **Minerva Central** - Rua Consiglieri Pedroso
Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

O NATAL E O ANO BOM
Comemoram-se este ano
NOS GRANDES
ARMAZENS DO

CHIADO

PELA OFERTA AO PÚBLICO DE TODO O PAÍS DE
ALGUMAS CENTENAS DE MILHAR DE ESCUDOS
QUE É ENQUANTO IMPORTA A DESMARCAÇÃO

DOS PREÇOS
DE CÉRCA DE **20:000** contos (vinte milhões de escudos)

DE **MERCADORIAS**

EM PERFEITO ESTADO, SEM DEFEITOS, MODERNAS!

Que é preciso pôr fóra, o mais rapidamente possível
no propósito, que estamos de reduzirmos
A NOSSA EXISTÊNCIA A METADE.

NUNCA, A OCASIÃO FOI TÃO PROPÍCIA,
para se adquirirem artigos correntes
A PREÇOS ASSOMBROSAMENTE BARATOS!

Apesar de tudo se vender com tão enorme sacrifício
de preços, ainda faremos este mês, interessantes des-
contos nas compras de vulto que se reconheça desti-
narem-se a obras de beneficência e, assim, contribui-
mos para que essas obras de caridade, sejam menos
:: :: onerosas, mais possíveis aos nossos clientes :: ::

Todas as compras dão direito aos **Bons-Chiado**
para os sorteios mensais de **CENTENAS DE BRINDES**
à escolha dos premiados. **Leiam os cartazes-anunciadores.**

MOBILIAS MODERNAS

(ARTES DECORATIVAS)

Jaime Ferreira & Barros, L.^{da}
proprietários da antiga **Casa Cunha**

APRESENTAM **NOVOS MODELOS**

DE CASAS DE JANTAR,
QUARTOS E ESCRITÓRIOS
EM CONTRAPLACADOS

SORTIMENTO EM MAPLES,
BENGALAIROS, MESAS PARA CHÁ,
CARPETES, TAPETES, ETC.

Para a Província, tomamos tóda a responsabilidade
no transporte

FACILIDADES DE PAGAMENTO

Visitai a nossa **Exposição na**
RUA DA PALMA, 101 a 107 e 1.º andar
Telefone 2 7984 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª	
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe	
disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que	
eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado,	
1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc.	
17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO	
DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	
br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe-	
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe-	
rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência),	
1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	15\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRTATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

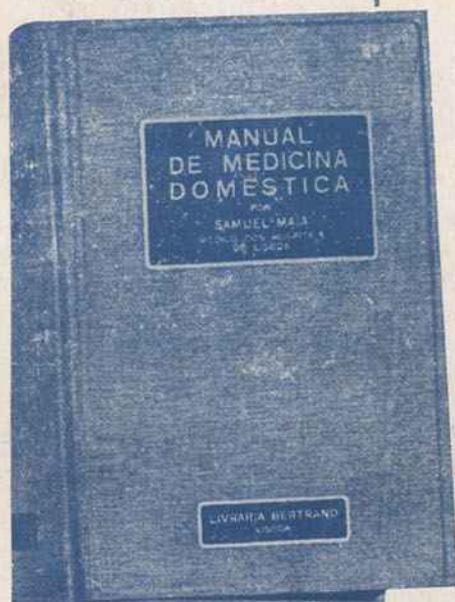
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

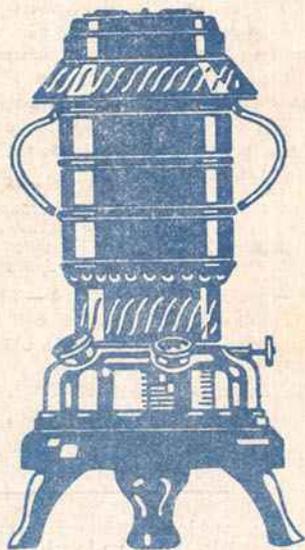




Quente como um ninho — é
assim que a sua habitação
fica com um VACUUM 99.

Até se pode andar em casa
como os passarinhos.

Gastam pouco — Grande
rendimento térmico — Há-os
de todas as côres.



Calorifero VACUUM 99

Só são "Caloriferos
Vacuum 99" aqueles que tem
gravada a marca VACUUM

USAR
PETROLEO
SUNFLOWER